

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano XI – 2/2020

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é financiada com recursos da Chancelaria de Presidente do Conselho dos Ministros no âmbito do projeto de apoio aos poloneses e polônicos no exterior. Esta publicação expressa somente o ponto de vista dos autores e não pode ser identificada com a opinião oficial da Chancelaria da Presidência do Conselho dos Ministros.



Publikacja wyraża jedynie poglądy autora/ów i nie może być utożsamiana z oficjalnym stanowiskiem Kancelarii Prezesa Rady Ministrów.



STOWARZYSZENIE
„WSPÓLNOTA POLSKA”

Projekt jest finansowany przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków Kancelarii Prezesa Rady Ministrów w ramach zadania publicznego dotyczącego pomocy Polonii i Polakom za granicą”

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa

no Brasil - Ano 11, n. 21 (jul/dez. 2020) – Curitiba : v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes –
Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-
Skłodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio
de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Thais Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de
Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Pontificia Universidade Católica - PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia
(UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920
90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda.
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL

..... 11

Wstęp

..... 19

POLÔNIA

Polska

100 ANOS DA VITÓRIA DOS POLONESES SOBRE O EXÉRCITO VERMELHO: 15 DE AGOSTO DE 1920

..... 27

*Stulecie zwycięstwa Polaków nad armią czerwoną:
15 sierpnia 1920*

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA ANDRZEJ DUDA POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA BATALHA DE VARSÓVIA

..... 32

*Przesłanie prezydenta Polski Andrzeja Dudy z okazji stulecia
bitwy warszawskiej*

O PRESIDENTE DO EPISCOPADO DA POLÔNIA NO CENTENÁRIO DA BATALHA DE VARSÓVIA: “AGRADECEMOS A TODOS OS QUE TOMBARAM PELA SALVAÇÃO DA NOSSA PÁTRIA E DA EUROPA”

..... 35

*Przewodniczący Konferencji Episkopatu Polski na stulecie bitwy
warszawskiej: „Wdzięczni jesteśmy wszystkim, którzy polegli
o wyzwolenie naszej ojczyzny i Europy”*

**MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA
POR OCASIÃO DOS 40 ANOS DO VERÃO POLONÊS 1980**

..... 52
Przesłanie prezydenta Polski z okazji 40-lecia polskiego lata 1980

Elżbieta WITEK

**31 DE AGOSTO – O DIA DA SOLIDARIEDADE
E DA LIBERDADE – O 40º ANIVERSÁRIO DOS ACORDOS
DE AGOSTO**

..... 56
*31 sierpnia – Dzień solidarności i wolności –
40 rocznica podpisania umów*

**O XX DIA DO PAPA SOB O LEMA “TOTUS TUUS”
11 DE OUTUBRO DE 2020**

..... 59
XX Dzień Papieża pod hasłem „Totus Tuus” 11 października 2020

Fabricio J. NAZZARI VICROSKI (WICHROWSKI)

Luan GLUMBOWSKY

**O DISCURSO DE ROMAN SKORUPSKI NA RECEPÇÃO
DO PRIMEIRO EMBAIXADOR DA POLÔNIA NO BRASIL**

..... 65
*Przemówienie Romana Skorupskiego podczas powitania pierwszego
ambasadora Polski w Brazylii*

ARTIGOS

Artykuły

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO
REFUGIADO**

..... 74

*Przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia Migranta
i Uchodźcy*

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

**O PAPEL DA PASTORAL POLONESA NO BRASIL
NA PRESERVAÇÃO DOS VÍNCULOS
COM O PAÍS DE ORIGEM**

..... 81

*Rola duszpasterstwa polskiego w Brazylii w zachowaniu
łączy z krajem pochodzenia*

Mariano KAWKA

**AS REVISTAS PROJEÇÕES E POLONICUS
E O SEU APRECIÁVEL APORTE
PARA A APROXIMAÇÃO CULTURAL
POLONO-BRASILEIRA**

..... 132

*Czasopisma "Projeções" i „Polonicus” i ich znaczny wkład
w zbliżeniu kultury polsko-brazylijskiej*

Newton José BARROS GONÇALVES

**BRONISŁAW RYMKIEWICZ
E A VILA DE PARANAPIACABA**

..... 140

Bronisław Rymkiewicz i osada Paranapiacaba

Bohdan ŁYP

**O CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO, NO PARANÁ (BRASIL),
DA COLÔNIA AGRÍCOLA POLONESA VIRMOND**

..... 157

*Stulecie założenia, w Paranie (Brazylia), polskiej rolniczej kolonii
w Virmond*

Nazareno DALSASSO ANGULSKI
FAMÍLIA ANGULSKI:
várias gerações há 130 anos no Brasil
..... 163
Rodzina Angulski: kilka generacji na przestrzeni 130 lat w Brazylii

Stanisław ZAK
NUM PISCAR DE OLHOS:
REFLEXÕES DE UM IMIGRANTE POLONÊS
..... 180
Z przymrużeniem oka: refleksje polskiego imigranta

POEMAS

Wiersze

Tomasz ŁYCHOWSKI
O RETORNO
..... 189

RESENHAS

Przegląd literacki

Fabricio J. Nazzari VICROSKI (WICHROWSKI
VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; SZYKULSKI, Józef (Org.).
Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais.
Revista História: Debates e Tendências, v. 20, n. 3, set. 2020.
Passo Fundo: PPGH/UPF, pp. 321. 191

CRÔNICAS

Wydarzenia

Israel BLAJBERG

DIA DO SOLDADO POLONÊS

..... 198

Święto Żołnierza Polskiego

O FALECIMENTO

DO PADRE RYSZARD GŁOWACKI SCHR,

EX-SUPERIOR GERAL DA SOCIEDADE DE CRISTO

..... 201

Śmierć ks. Ryszarda Głowackiego SChr

byłego przełożonego generalnego Towarzystwa Chrystusowego

A 35ª NOITE DE VIGÍLIA PELA COMUNIDADE POLÔNICA 16 de outubro de 2020

..... 210

35 noc czuwania w intencji wspólnoty polonijnej

ASSOCIAÇÃO DOS VETERANOS POLONESES

ENCERRA SUAS ATIVIDADES NO BRASIL

..... 214

Stowarzyszenie Polskich Kombatantów kończy

swoją działalność w Brazylii

Israel BLAJBERG

TEN CEL IGNACY FELCZAK

- O ÚLTIMO VETERANO DA SPK

ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES NO BRASIL

..... 218

Podpułkownik Ignacy Felczak – ostatni weteran SPK.

Zakończenie działalności w Brazylii

| | |
|--|-----|
| OS TRINTA ANOS DA ASSOCIAÇÃO “WSPÓLNOTA POLSKA” | 222 |
| <i>30 lat Stowarzyszenia “Wspólnota Polska”</i> | |
| PAPA FRANCISCO NOMEIA SACERDOTE FIDEI DONUM NO BRASIL COMO BISPO AUXILIAR NA ARQUIDIOCESE DE CRACÓVIA, NA POLÔNIA | 224 |
| <i>Papież Franciszek mianuje kapłana Fidei Donum w Brazylii, na biskupa pomocniczego w archidiecezji krakowskiej, w Polsce</i> | |
| <i>Sergio SECHINSKI</i> | |
| HERDEIROS DE UMA SAUDADE E AMANTES DA LIBERDADE! | 228 |
| <i>Sparakobieracy tesknoty i miłośnicy wolności</i> | |
| <i>Zdzisław MALCZEWSKI SChr</i> | |
| VINTE ANOS DE TRABALHO REDACIONAL E EDITORIAL RELACIONADOS COM OS PERIÓDICOS PROJEÇÕES E POLONICUS | 231 |
| <i>20 lat pracy redakcyjno wydawniczej związanej z periodykami „Projeções” i „Polonicus”</i> | |
| NOVO PORTAL DE POLONICUS NA INTERNET | 234 |
| <i>Nowy portal internetowy periodyku “Polonicus”</i> | |

EDITORIAL

Poderia parecer que neste tempo mais difícil provocado pela Covid-19 não seria fácil encontrar autores dispostos a enviar para a publicação no nosso periódico os frutos do seu trabalho intelectual. Verifica-se, no entanto, que as dificuldades que se nos apresentam não influenciam a nossa criatividade, e é por isso que temos a satisfação de apresentar aos nossos estimados leitores mais um número da nossa publicação.

No segundo semestre deste ano vivenciamos muitos acontecimentos que nos lembraram e trouxeram à memória fatos da história da Polônia. Esses fatos, por sua vez, influenciaram não somente a Polônia, mas também a Europa toda, e até o mundo inteiro. Esses importantes acontecimentos históricos que ocorreram na Polônia foram: os 100 anos da vitória do exército polonês sobre o exército vermelho da União Soviética, que através da Polônia tinha o propósito de conquistar toda a Europa e introduzir o sistema comunista. O segundo acontecimento é a coragem das massas trabalhadoras polonesas apoiadas por outras camadas da população, são as greves nas instituições de trabalho, os protestos públicos que forçaram as autoridades do governo comunista a concordar com a instituição dos sindicatos profissionais independentes Solidarnosc.

Em relação com o acima, na primeira seção, *POLÔNIA*, apresentamos um artigo publicado na imprensa brasileira dedicado ao centenário da vitória dos poloneses sobre o exército soviético no dia 15 de agosto de 1920. O texto seguinte relacionado com essa importante data é a mensagem do presidente da Polônia Andrzej Duda por ocasião da vitoriosa batalha de Varsóvia. Durante a solene comemoração em defesa da Pátria livre havia dois anos, o arcebispo

metropolitano Stanisław Gądecki, presidente da Conferência do Episcopado da Polônia, pronunciou um sermão durante a Missa então celebrada. Vale a pena lembrar, do pronunciamento do hierarca polonês, ao menos esta única frase: “Somos gratos a todos que pereceram pela libertação da nossa pátria e da Europa”! Um outro importante acontecimento na história contemporânea da Polônia é a corajosa postura dos poloneses diante do sistema comunista imposto em 1945 e da total subordinação do país à União Soviética. Após a primeira visita oficial do Papa Polonês João Paulo II à Polônia em 1979 e a homilia que ele pronunciou na então Praça da Vitória (nome atual: Praça Piłsudski), em Varsóvia, os poloneses se encheram do espírito de coragem e esperança para a possibilidade de se libertarem do imposto sistema comunista. Um fruto concreto dessa coragem dos poloneses foram não apenas as greves nas instituições de trabalho em todo o país, mas sobretudo a demonstração da fraqueza do regime, que expressou a concordância para a instituição dos primeiros sindicatos profissionais independentes na área de todo o bloco soviético. Por ocasião dos 40 anos do Verão Polonês de 1980, o presidente da Polônia encaminhou à nação uma mensagem patriótica especial. Por sua vez a presidente do Parlamento da República da Polônia, Elżbieta Witek, através do seu texto, apresenta aos compatriotas e aos nossos leitores a possibilidade de uma reflexão mais profunda a respeito do que aconteceu no dia 31 de agosto de 1980 – a assinatura dos acordos entre os representantes do governo já impotente, que durante as greves ou nos anos anteriores teve a audácia de ordenar aos soldados que atirassem contra os operários em greve, e uma delegação dos grevistas poloneses que exigiam a liberdade, os direitos cívicos, o pão, a liberdade de professar uma religião e outras reivindicações, que foram apresentadas à parte

governamental. Os acordos assinados foram a manifestação concreta da vitória da nação inquebrantável e amante da liberdade sobre os governantes, que os cidadãos poloneses não escolhiam, visto que o sistema comunista introduzido em 1945 lhes havia sido trazido nos tanques soviéticos. Um visível sinal da Polônia oprimida pelos soviéticos era a presença dos exércitos russos na área de todo o país, possuidores também de armas nucleares. O último soldado russo abandonou a Polônia somente no dia 17 de setembro de 1993. Em memória do papel do Papa Polonês João Paulo II na história da Igreja católica, bem como da sua influência para a queda do sistema comunista e a independência da Polônia reconquistada em 1989, há vinte anos é comemorado o Dia do Papa. O principal objetivo dessas comemorações na segunda metade do mês de outubro de cada ano é a recordação da doutrina de João Paulo II, bem como a coleta de dinheiro para a Obra do Segundo Milênio. Graças a essa instituição eclesiástica, os jovens capacitados provenientes das pequenas localidades recebem uma bolsa de estudos para todo o período de estudos, até alcançarem o diploma da conclusão de uma escola superior. Graças à generosidade dos poloneses que apoiam a Obra do Segundo Milênio, mais de 4 mil pessoas concluíram estudos superiores e envolveram-se, como voluntários, na atividade da mencionada Obra. A atividade da Obra, os jovens capacitados que se formaram são um monumento vivo de João Paulo II na Polônia. No decorrer de vinte anos a Fundação coletou 200 milhões de zlotis para a educação desses jovens poloneses capacitados. No presente ano estamos comemorando o centenário das relações diplomáticas entre a Polônia e o Brasil. Em seu texto, Fabricio J. Nazzari Vicroski (Wichrowski) e Luan Glumbowsky apresentam-nos as palavras de saudação de Roman Skorupski dirigidas ao conde Ksawery Orłowski, o primeiro embaixador da Polônia no Brasil.

Na segunda seção da revista, *ARTIGOS*, o leitor encontrará variados textos que os seus autores nos apresentam. A seção se abre com uma mensagem do papa Francisco dirigida aos fiéis da Igreja e às pessoas de boa vontade por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. O texto seguinte, de autoria do redator do periódico, é dedicado ao papel da pastoral polonesa no Brasil na preservação dos vínculos com o país de origem. A seguir Mariano Kawka, membro da nossa equipe redacional, escreve em seu artigo sobre a contribuição dos periódicos *Projeções* e *Polonicus* para a aproximação cultural polono-brasileira. Muitos engenheiros poloneses trabalharam na abertura de estradas e construção de ferrovias no Brasil. Um deles foi Bronisław Rymkiewicz, que durante a sua estada no Brasil (1888-1897) teve o seu próprio escritório técnico. Ele foi o responsável pela construção de 80 quilômetros de ferrovia através da Serra do Mar, entre São Paulo e Santos. A construção dessa ferrovia foi muito difícil, em razão da intensa inclinação do terreno em direção ao Oceano Atlântico. Newton José Barros Gonçalves, em seu artigo, apresenta-nos a figura de Bronisław Rymkiewicz e os seus significativos trabalhos de construção de ferrovias no Brasil. A maioria dos imigrantes poloneses estabeleceu-se no estado do Paraná. Em relação com o centenário da fundação da colônia polonesa em Virmond, Bohdan Łyp, em seu artigo, familiariza-nos com as circunstâncias da colonização polonesa organizada naquela região paranaense. Neste ano ocorre o aniversário dos 130 anos da vinda dos primeiros representantes da família Angulski, que se estabeleceram no estado de Santa Catarina. Nazareno Dalsasso Angulski empreendeu pesquisas relacionadas com a história dos seus antepassados e escreveu um artigo no qual podemos acompanhar as sucessivas gerações dos antepassados da

família Angulski. Encerram esta seção três breves artigos que nos foram fornecidos pelo Pe. Stanisław Żak, que trabalha nos Estados Unidos. Num piscar de olhos, o autor emigrado descreve os anos da sua juventude passados na Polônia e compara aquele período passado com o tempo atual.

Na seção seguinte, *POEMAS*, publicamos um poema de Tomasz Lychowski, membro do conselho consultivo do nosso periódico. *A volta* é o título do poema com que nos presenteia o poeta carioca, conhecido no ambiente polônico, e também na Polônia.

Na seção *RESENHAS*, Fabricio J. Nazzari Vicroski (Wichrowski) apresenta a revista histórica *Debates e tendências*, publicada pela Universidade de Passo Fundo-RS, que teve um número inteiro dedicado às relações entre o Brasil e a Polônia. A temática dos textos publicados nesse periódico acadêmico relaciona-se com os diálogos histórico-culturais.

A última seção, *CRÔNICAS*, apresenta importantes eventos selecionados dos nossos países amigos. As reportagens são apresentadas em ordem cronológica. No primeiro artigo, Israel Blajberg descreve a tradição da comemoração da festa do Soldado Polonês (15 de agosto) no Rio de Janeiro. No dia 21 de setembro faleceu na casa religiosa em Puszczkowo, na Polônia, o Pe. Ryszard Głowacki SChr, que exerceu diversas funções na Sociedade de Cristo. Por longos anos exerceu o ministério pastoral entre os emigrantes poloneses na Alemanha, onde também atuou como provincial da congregação. Nos anos 2013-2019 exerceu o ministério de superior geral, e em razão do cargo exercido visitou as nossas comunidades religiosas e polônicas. Esteve também em Porto Alegre. A comunidade daqui lembra-se dele como de uma pessoa aberta, amável, sorridente e bondosa. No texto sobre a morte e as solenidades de sepultamento do Pe. Ryszard Głowacki publicamos diversas condolências que foram

enviadas ao atual superior geral, Pe. Krzysztof Olejnik SChr. Tradicionalmente, já há 35 anos, a Sociedade de Cristo, juntamente com a Congregação das Irmãs Missionárias de Cristo Rei, organiza na segunda metade de outubro, diante da imagem da Senhora de Monte Claro em Częstochowa, uma vigília de orações na intenção das comunidade polônica mundial, para que ela permaneça fiel aos seus valores cívicos e religiosos. Neste ano, em razão da epidemia da Covid-19, diminuiu infelizmente o número dos participantes da oração comum pelos poloneses e pelos seus descendentes espalhados pelo mundo inteiro. Mencionamos acima a comemoração anual do Dia do Soldado Polonês. Infelizmente, com o passar do tempo muitos dos antigos soldados poloneses que escolheram o Brasil como a sua segunda pátria e que lutaram ao lado dos aliados durante a Segunda Guerra Mundial para libertar o mundo do nazismo alemão têm passado à guarda eterna. Dentre as várias dezenas de ex-combatentes residentes no Rio de Janeiro, restou somente Ignacy Felczak – presidente da Associação dos Combatentes Poloneses (ACP). De acordo com os estatutos, ele informou as competentes autoridades militares do Brasil e a Administração Geral da ACP em Londres a respeito do encerramento da atividade do círculo no Rio de Janeiro e, com isso, no Brasil. O nosso permanente colaborador Israel Blajberg dedica o seu artigo ao tenente-coronel Iñacy Felczak, o último veterano da Associação dos Combatentes Poloneses no Brasil. O autor ao mesmo tempo fala do encerramento da atividade dessa meritória organização na preservação das tradições dos soldados poloneses em terra brasileira. Em razão das exigências sanitárias relacionadas com a pandemia, no dia 6 de outubro, na Casa Polonesa Prof. Andrzej Stelmachowski, em Varsóvia, realizou-se uma modesta exposição dedicada a um dos fundadores da Associação “Wspólnota Polska”, que foi instituída há trinta

anos. A mencionada organização procura unir a coletividade polônica no mundo, bem como intermedeia na apresentação às competentes autoridades governamentais dos projetos de organizações polônicas com o objetivo de obter ajuda financeira para a realização de nobres propósitos, que tenham por objetivo a preservação dos valores culturais e as tradições polonesas nos países de residência, onde os poloneses e seus descendentes procuram ser leais cidadãos. No dia 11 de novembro do ano corrente o papa Francisco nomeou o Pe. Robert Józef Chrząszcz (sacerdote da arquidiocese de Cracóvia que exerce o ministério na arquidiocese do Rio de Janeiro) bispo auxiliar em sua arquidiocese de origem em Cracóvia. Em relação com a festa da independência da Polônia, Sergio Sechinski, cônsul honorário da Polônia no estado do Rio Grande do Sul, apresenta aos leitores a sua reflexão a respeito do que significa ser brasileiro, morador do mencionado estado, e ao mesmo tempo descendente dos imigrantes poloneses. Ele enfatiza convictamente a nossa riqueza cultural. Igualmente procura concentrar-se em dois traços dos polônicos rio-grandenses, a saber, que são herdeiros da saudade e amantes da liberdade. O redator do nosso periódico, em seu artigo, lança um olhar sobre os vinte anos do seu trabalho redacional e editorial. Por dez anos foi publicado o periódico *Projeções*, e no decorrer da década seguinte tem sido editado o *Polonicus*. O redator expressa a gratidão a todos que com ele colaboram, isto é, aos autores que fornecem os seus artigos de forma desinteressada, bem como o sincero agradecimento ao Senado da Polônia dos mandatos anteriores, e atualmente à Chancelaria do Presidente do Conselho de Ministros, que por intermédio da Associação “Wspólnota Polska” apoiam esta única publicação de caráter acadêmico em todo o mundo polônico. Com esperança procuramos olhar para o futuro! Se não faltar o apoio

financeiro da distante Pátria, bem como intelectuais voluntários que nos fornecem os frutos das suas pesquisas, o redator – complementando as falhas financeiras e tendo ainda forças físicas e intelectuais – se empenhará com a ajuda divina por conduzir esta peculiar publicação da coletividade polônica brasileira. Finalmente informamos que por ocasião dos vinte anos do trabalho redacional e editorial mudamos o portal eletrônico do periódico, a fim de adaptá-lo aos novos desafios eletrônicos. Atualmente já se pode ter acesso ao periódico por intermédio de um telefone celular ou de um smartphone. A única dificuldade com que nos deparamos nos últimos anos é a questão financeira. A revista é enviada às bibliotecas de universidades brasileiras e polonesas que se dedicam ao estudo dos movimentos migratórios, bem como a intelectuais no Brasil e na Polônia que se dedicam à temática relacionada com a comunidade polônica brasileira, tão pouco conhecida na sociedade polonesa. Ouso dirigir-me com um apelo aos destinatários individuais do nosso periódico, caso ainda tenham preservado o espírito dos seus antepassados, isto é, a generosidade, e se disponham a cobrir pelo menos as despesas relacionadas com a remessa postal. Infelizmente, a aposentadoria do redator já não é suficiente para complementar os custos da impressão, as traduções e as tarifas postais. Caso surja a intenção de nos apoiar, peço o contato com o redator através do e-mail ou do WhatsApp, para obter a conta bancária.

Desejo a todos os destinatários e leitores que a revista os familiarize com certos fatos, com certas realidades que talvez lhes fossem pouco conhecidos. Que a leitura desta publicação se torne enriquecedora e proporcione satisfação intelectual.

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr – redator

WSTĘP

Wydawało się, że w tym trudniejszym czasie spowodowanym przez Covid-19 nie będzie łatwo pozyskać autorów będących w dyspozycji, aby przekazać do publikacji w naszym periodyku owoców swojej pracy intelektualnej. Okazuje się jednak, że pojawiające się przed nami trudności nie wpływają na naszą kreatywność i stąd też mamy satysfakcję przekazać naszym Drogim Czytelnikom kolejny numer czasopisma.

W drugim semestrze obecnego roku przeżywaliśmy wiele wydarzeń, które przypominały i upamiętniały fakty z historii Polski. Fakty te miały również wpływ nie tylko na Polskę, ale także na Europę, czy nawet cały świat. Ważne wydarzenia historyczne, które miały miejsce w Polsce to: 100-rocznica zwycięstwa wojska polskiego nad armią czerwoną Związku Radzieckiego, która przez Polskę miała zamiar zdobyć całą Europę i wprowadzić system komunistyczny. Drugie wydarzenie to odwaga polskich rzesz robotniczych wspieranych przez inne warstwy społeczeństwa to, strajki w zakładach pracy, protesty publiczne, które doprowadziły do wymuszenia na władzach reżimu komunistycznego wyrażenie zgody na utworzenie niezależnych związków zawodowych Solidarność.

W związku z powyższym w pierwszym dziale *POLSKA* zamieszczamy artykuł opublikowany w prasie brazylijskiej poświęcony stuleciu zwycięstwa Polaków nad armią sowiecką w dniu 15 sierpnia 1920 r. Kolejny tekst związany z tą ważną datą to, przesłanie prezydenta Polski Andrzeja Dudy z okazji zwycięskiej bitwy warszawskiej. Podczas uroczystego obchodu zwycięskiej bitwy w obronie wolnej zaledwie od 2 lat Ojczyzny arcybiskup metropolita

Stanisław Gądecki przewodniczący Konferencji Episkopatu Polski wygłosił w trakcie Mszy św. okolicznościowe kazanie. Warto zapamiętać z wypowiedzi polskiego hierarchy przynajmniej to jedno zdanie „Wdzięczni jesteśmy wszystkim, którzy polegli o wyzwolenie naszej ojczyzny i Europy”! Kolejne ważne wydarzenie w nowoczesnej historii Polski to, odważna postawa Polaków wobec narzuconemu w 1945 r. reżimowi komunistycznemu i całkowitego uzależnienia kraju od Związku Radzieckiego. Po pierwszej, oficjalnej wizycie Papieża Polaka Jana Pawła II w 1979 r. w Polsce i wygłoszonej homilii na ówczesnym Placu Zwycięstwa (aktualna nazwa: plac Piłsudskiego) w Warszawie, Polacy nabrali ducha odwagi i nadziei na możliwość wyzwolenia się spod narzuconego systemu komunistycznego. Konkretnym owocem tej odwagi Polaków były nie tylko strajki w zakładach pracy na terenie całego kraju, ale przede wszystkim wykazana słabość reżimu, który wyraził zgodę na utworzenie pierwszych niezależnych związków zawodowych na terenie całego bloku sowieckiego. Z okazji 40-lecia polskiego lata 1980 r. prezydent Polski skierował do narodu specjalne patriotyczne przesłanie. Z kolei marszałek Sejmu Rzeczypospolitej Polskiej Elżbieta Witek, poprzez swój tekst, daje możliwość - rodakom oraz naszym czytelnikom - do głębszej refleksji o tym, co się stało 31 sierpnia 1980 r. Podpisanie umów pomiędzy przedstawicielami nieudolnego już rządu - który w trakcie strajków, czy we wcześniejszych latach miał czelność nakazać żołnierzom strzelać do strajkujących robotników - a delegacją strajkujących Polaków domagających się wolności, swobód obywatelskich, chleba, wolności wyznawania religii oraz innych żądań, które przedstawiono stronie rządowej. Podpisane umowy to konkretny przejaw zwycięstwa nieugiętego i miłującego wolność narodu nad rządzącymi, których obywatele polscy nie wybierali, gdyż wprowadzony

system komunistyczny w 1945 r. został nam przywieziony na czołgach sowieckich. Wyraźnym znakiem ujarzmionej Polski przez sowietów była obecność wojsk radzieckich na terenie całego kraju i posiadających także broń jądrową. Ostatni żołnierz rosyjski opuścił Polskę dopiero 17 września 1993 r. Dla upamiętnienia roli papieża Polaka Jana Pawła II w historii Kościoła katolickiego, jak również jego wpływu na upadek systemu komunistycznego i odzyskanie przez Polskę niepodległości w 1989 r. od 20 lat obchodzony jest Dzień Papieża. Głównym celem tych obchodów w drugiej części miesiąca października każdego roku jest przypomnienie nauczania Jana Pawła II, jak też zbieranie pieniędzy na powstałe Dzieło drugiego tysiąclecia. Dzięki tej instytucji kościelnej zdolna młodzież pochodząca z małych miejscowości otrzymuje stypendium przez cały okres uczęszczania do szkół, aż do uzyskania dyplomu ukończenia szkoły wyższej. Dzięki hojności Polaków wspierających Dzieło drugiego tysiąclecia ponad 4 tys. osób ukończyło studia wyższe i zaangażowało się, jako wolontariusze, w działalność wspomnianego Dzieła. Działalność Dzieła, wykształcona zdolna młodzież jest żywym pomnikiem Jana Pawła II w Polsce. W ciągu 20 lat fundacja zebrała 200 milionów złotych na kształcenie zdolnych młodych Polaków. W obecnym roku obchodzimy 100-lecie stosunków dyplomatycznych pomiędzy Polską a Brazylią. W zamieszczonym tekście Fabricio J. Nazzari Vicroski (Wichrowski) i Luan Glumbowsky przybliżają nam słowa powitania Romana Skorupskiego skierowane do hrabiego Ksawerego Orłowskiego pierwszego ambasadora Polski w Brazylii.

W drugim dziale czasopisma *ARTYKUŁY* znajdzie czytelnik różnorodne teksty, jakimi dzielą się z nami ich autorzy. Dział otwiera przesłanie papieża Franciszka skierowane do wiernych Kościoła i ludzi dobrej woli z okazji

Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy. Kolejny tekst autorstwa redaktora periodyku poświęcony jest roli duszpasterstwa polskiego w Brazylii w zachowaniu łączności z krajem pochodzenia. Z kolei Mariano Kawka członek naszego zespołu redakcyjnego w zamieszczonym artykule pisze o wkładzie periodyków „Projeções” i „Polonicusa” w zbliżaniu kultury polsko-brazylijskiej. Wielu polskich inżynierów pracowało przy wytyczaniu tras i budowy kolei żelaznej. Jednym z nich był Bronisław Rymkiewicz, posiadający podczas pobytu w Brazylii (1888-1897) własne biuro techniczne. Był odpowiedzialny za 80 kilometrową budowę kolei wzgórzem morskim z São Paulo do Santos. Budowa linii kolejowej była bardzo trudna ze względu na intensywne nachylenie terenu w kierunku Oceanu Atlantyckiego. Newton José Barros Gonçalves w swoim artykule przybliżył nam postać inżyniera Bronisława Rymkiewicza i jego znaczące dla Brazylii prowadzone prace budowy kolei. Największa liczba polskich emigrantów osiedliła się w stanie Paraná. W związku ze stuleciem założenia polskiej kolonii w Virmond Bohdan Łyp w swoim artykule przybliżył nam okoliczności zorganizowanego osadnictwa polskiego w tamtym parańskim regionie. W obecnym roku przypada 130-rocznica przybycia pierwszych przedstawicieli rodziny Angulskich, którzy osiedlili się w stanie Santa Catarina. Nazareno Dalsasso Angulski podjął się przeprowadzenia badań związanych z dziejami swoich przodków i opracował artykuł, w którym możemy śledzić kolejne pokolenia protoplasty rodu Angulskich. Zamknięciem tego działu są trzy krótkie porównawcze teksty udostępnione przez ks. Stanisława Żaka posługującego w Stanach Zjednoczonych. Z przymrużeniem oka autor emigrant opisuje swoje młode lata spędzone w Polsce i porównuje ów miniony okres z aktualnym czasem.

W następnym dziale *WIERSZE* publikujemy poezję Tomasza Łychowskiego członka rady konsultacyjnej naszego periodyku. „Powrót” to tytuł wiersza, jakim nas obdarza - znany w brazylijskim środowisku polonijnym, a także w Polsce, Anglii - riowski poeta.

W dziale *PRZEGLĄD LITERACKI* Fabricio J. Nazzari Vicoski (Wichrowski) przedstawia czasopismo historyczne „Debaty i trendy” wydawane przez Uniwersytet w Passo Fundo – RS, którego cały numer został poświęcony relacjom pomiędzy Brazylią a Polską. Tematyka opublikowanych tekstów w tym periodyku akademickim związana jest z dialogami historyczno-kulturalnymi.

Ostatni dział przybliży ważniejsze, wybrane *WYDARZENIA* związane z naszymi zaprzyjaźnionymi krajami. Reportaże umieszczamy chronologicznie. W pierwszym artykule Israel Blajberg opisuje tradycję obchodzenia święta Żołnierza Polskiego (15 sierpnia) w Rio de Janeiro. 21 września br. zmarł w domu zakonnym w Puszczykowie ks. Ryszard Głowacki SChr, pełniący wiele funkcji w Towarzystwie Chrystusowym. Przez długie lata pełnił posługę duszpasterską wśród emigrantów polskich w Niemczech, gdzie też pełnił funkcję prowincjała zgromadzenia. W latach 2013-2019 pełnił posługę przełożonego generalnego i z racji pełnionej funkcji wizytował nasze wspólnoty zakonne i polonijne. Był również w Porto Alegre. Tutejsza wspólnota zapamiętała Go jako człowieka otwartego, życzliwego, uśmiechniętego i dobrego. W tekście o śmierci i uroczystościach pogrzebowych śp. Ks. Ryszarda Głowackiego zamieszczamy kilka kondolencji, jakie nadesłano na ręce aktualnego przełożonego generalnego ks. Krzysztofa Olejnika SChr. Tradycyjnie, od 35 już lat, Towarzystwo Chrystusowe wraz ze zgromadzeniem Sióstr Misjonarek Chrystusa Króla w drugiej połowie października organizują

przed obrazem Pani Jasnogórskiej w Częstochowie czuwanie modlitewne w intencji Polonii świata, aby pozostała wierna swoim wartościom narodowym i religijnym. W obecnym roku, ze względu na pandemię Covid-19 zmniejszyła się niestety liczba uczestników wspólnej modlitwy za Polaków i ich potomków rozproszonych po całym świecie. Wspominaliśmy powyżej o corocznym świętowaniu Dnia Żołnierza Polskiego. Niestety z biegiem czasu wielu byłych żołnierzy polskich, wybrali Brazylię jako swoją drugą ojczyznę, a którzy walczyli u boku aliantów w trakcie II wojny światowej o wyzwolenia świata od niemieckiego nazizmu, przechodzi na wieczną wartę. Spośród kilkudziesięciu byłych kombatantów mieszkających w Rio de Janeiro pozostał jedynie Ignacy Felczak – prezes SPK. Zgodnie ze statutami poinformował odpowiednie władze wojskowe Brazylii oraz Zarząd Główny SPK w Londynie o zakończeniu działalności koła w Rio de Janeiro, a tym samym w Brazylii. Nasz stały współpracownik Israel Blajberg poświęca swój artykuł podpułkownikowi Ignacemu Felczakowi, ostatniemu weteranowi Stowarzyszenia Polskich Kombatantów w Brazylii. Autor równocześnie wspomina o zakończeniu działalności tej zasłużonej organizacji w podtrzymywaniu tradycji polskich żołnierzy na terenie Brazylii. 6 października br. w Domu Polskim im. prof. Andrzeja Stelmachowskiego w Warszawie odbyła się skromna (ze względu na wymogi sanitarne związane z pandemią) wystawa poświęcona jednemu z założycieli Stowarzyszenia „Wspólnota Polska”, które zostało powołane do życia przed 30 laty. Wspomniana organizacja stara się jednoczyć społeczność polonijną w świecie, jak również pośredniczy w przedstawianiu odpowiednim władzom państwowym projektów organizacji polonijnych w celu uzyskania pomocy finansowej na realizację szlachetnych zamierzeń, mających na uwadze

podtrzymywanie wartości kulturowych i tradycji polskich w krajach zamieszkania, gdzie starają się być lojalnymi obywatelami. 11 listopada br. papież Franciszek mianował ks. Roberta Józefa Chrzęszcza (kapłana archidiecezji krakowskiej) pełniącego posługę w archidiecezji Rio de Janeiro biskupem pomocniczym w jego macierzystej archidiecezji w Krakowie. W związku ze świętem Niepodległości Polski Sergio Sechini konsul honorowy RP w stanie Rio Grande do Sul przedstawia czytelnikowi swoją refleksję o tym co to znaczy być Brazylijczykiem, mieszkańcem wspomnianego stanu i zarazem będąc potomkiem polskich emigrantów. Podkreśla z przekonaniem o naszym polskim bogactwie kulturowym. Również stara się koncentrować na dwóch cechach Polonusów riograndeńskich, a mianowicie, że są spadkobiercami tęsknoty i miłośnikami wolności. Redaktor naszego periodyku w zamieszczonym artykule stara się spojrzeć na 20 lat podjętej pracy redakcyjno-wydawniczej. Przez 10 lat wychodziło czasopismo *Projções* i przez kolejne dziesięciolecie ukazuje się *Polonicus*. Redaktor wyraża wdzięczność wobec wszystkich, którzy podejmują współpracę, a mianowicie autorom udostępniającym swoje teksty bezinteresownie, jak też szczerze podziękowanie wobec Senatu RP poprzednich kadencji, a obecnie Kancelarii Prezesa Rady Ministrów, które za pośrednictwem Stowarzyszenia „Wspólnota Polska” wspierają to jedyne pismo w świecie polonijnym o charakterze akademickim. Z nadzieją staramy się spoglądać w przyszłość! Jeżeli nie zabraknie wsparcia finansowego z dalekiej Ojczyzny, a także intelektualistów wolontariuszy udostępniających owoce swoich badań, więc redaktor - uzupełniając braki finansowe i mając jeszcze siły fizyczne i intelektualne - będzie starał się przy Bożej pomocy prowadzić to szczególne pismo brazylijskiej społeczności polonijnej. Na koniec informujemy, że z okazji 20-lecia pracy redakcyjno-

wydawniczej zmieniliśmy portal internetowy periodyku, aby go dostosować do nowych wyzwań elektronicznych. Obecnie można już mieć dostęp do periodyku za pośrednictwem telefonu komórkowego czy smartfonu. Jediną trudnością, na jaką napotyamy w ostatnich latach to kwestia finansowa. Czasopismo wysyłane jest do bibliotek uczelni brazylijskich i polskich zajmujących się studiowaniem ruchów emigracyjnych, jak też do intelektualistów w Brazylii i Polsce zajmujących się tematyką związaną z Polonią brazylijską, tak mało znanej w społeczeństwie polskim. Ośmielam się zwrócić z apelem do naszych indywidualnych odbiorców periodyków, jeżeli zachowali jeszcze ducha swoich przodków, a mianowicie hojność i zechcieliby wesprzeć przynajmniej wydatki związane z wysyłką pocztową. Niestety emerytura redaktora już nie jest wystarczająca na uzupełnianie kosztów druku, tłumaczeń oraz opłat pocztowych. Jeżeli pojawi się intencja wsparcia to, proszę o kontakt z redaktorem poprzez mail lub WhatsApp, aby uzyskać numer konta bankowego!

Życzę wszystkim odbiorcom i czytelnikom, aby czasopismo przybliżyło Państwu pewne fakty, rzeczywistości, które może były dla Was mało znane! Niech lektura tego pisma stanie się ubogacającą i przynoszącą satysfakcję intelektualną!

Zdzisław MALCZEWSKI SChr - redaktor

**100 ANOS DA VITÓRIA DOS POLONESES
SOBRE O EXÉRCITO VERMELHO:
15 DE AGOSTO DE 1920***

A história da Batalha de Varsóvia é a história de uma das batalhas mais importantes da história – é a história de como a Polônia interrompeu a expansão do comunismo e salvou a Europa de uma das maiores ameaças ideológicas conhecidas pelo homem. Tudo aconteceu neste mesmo dia, 15 de agosto, há 100 anos.

Para muitos, a Polônia é um país com uma história trágica; e, claro, muito de sua história recente é brutal e dolorosa. No entanto, há muito mais na história da Polônia do que simplesmente ser vítima dos impérios austro-húngaro, prussiano e russo no século XIX, ou dos nazistas alemães e russos soviéticos no século XX.

A Polônia também tem uma longa e gloriosa história, que se estende por mil anos. O país manteve guarda na periferia da civilização ocidental por séculos, lutando contra inimigos que muitos na Europa nem sabiam que estavam batendo em nossos portões. Foi a Polónia que se levantou contra os mongóis, os tártaros e os otomanos.

Os hussardos poloneses, liderados pelo rei polonês Jan III Sobieski, impediram o avanço dos exércitos muçulmanos nos portões de Viena em 1683 – por esse feito, o papa o aclamou o salvador da cristandade ocidental.

* www.conexaopolitica.com.br (acesso aos 17.08.20).

No entanto, há outra vitória mais recente que merece tanto, senão mais, reconhecimento quanto a vitória em Viena; a Batalha de Varsóvia ou o Milagre no Vístula.

Em 1917, os comunistas derrubaram o czar na Rússia. Lênin, ao retornar do exílio a São Petersburgo, imediatamente convocou uma revolução europeia em todo o continente. Nos meses seguintes, os bolcheviques consolidaram seu poder internamente, com Lenin enfatizando repetidamente a necessidade de terror e violência para derrubar a velha ordem e garantir o sucesso da revolução. Como ele disse, “precisamos organizar a violência no interesse do povo”. O Terror Vermelho varreu a Rússia Soviética enquanto a polícia secreta, a Cheka, realizava matanças em massa. Logo depois, os soviéticos estabeleceram campos de concentração administrados pela Cheka, que viria a ser o Gulag.

A nova ordem revolucionária pretendia trazer igualdade e liberdade ao povo russo. Em vez disso, trouxe terror, assassinatos em massa, campos de trabalho escravo e fome. O país estava mergulhado em uma guerra civil, enquanto os pró-bolcheviques, os “vermelhos”, lutavam contra os antibolcheviques, os “brancos”. Em 1920, os brancos estavam quase derrotados, e Lenin sentiu sua chance de espalhar a Revolução para o resto da Europa. Ele achou que a fuga era iminente.

A Europa estava em um estado frágil, cansada pela Primeira Guerra Mundial e, em muitos lugares, a atmosfera estava madura para a revolução comunista.

No entanto, no caminho para a Europa estava a Polônia, que havia recuperado sua independência no Tratado de Versalhes, após 123 anos de partições. Lênin acreditava que a invasão da

Polônia levaria o proletariado polonês a se levantar e apoiar as tropas russas – aconteceu o contrário, pois todo o país se mobilizou para deter o avanço soviético. Talvez tenha sido a forte fé católica dos poloneses que os manteve protegidos das falsas promessas do comunismo, ou talvez o fato de parte de seu país ter sido ocupada por 123 anos pelos russos significasse que eles não sabiam de nada, exceto a miséria e a brutalidade que vêm do Oriente?

Os soviéticos avançaram com firmeza, liderados pelo brutal general Mikhail Tukhachevsky, que planejava cercar a capital polonesa. A propaganda bolchevique anunciava que a queda de Varsóvia era iminente e que as revoluções comunistas começariam na Alemanha e em outros países europeus.

Em uma ordem de 20 de julho, Tukhachevsky declarou: “Para o Oeste! Sobre o cadáver da Polônia está o caminho para a conflagração mundial. Avante para Berlim sobre o cadáver da Polônia!”

Nikolai Bukharin talvez tenha escrito com excessivo entusiasmo sobre levar a guerra “até Londres e Paris”. Uma coisa é certa: os bolcheviques acreditavam que invadiriam a Europa depois da queda da Polônia.

Os poloneses enfrentavam uma grande ameaça e a continuação de sua existência dependia da liderança do general Piłsudski. Foi ele quem organizou a contraofensiva e, no dia 15 de agosto, com sucesso e talvez até milagrosamente, deteve o avanço dos soviéticos na Polônia.

A vitória foi surpreendente para muitos e, como a batalha aconteceu no dia 15 de agosto, da Festa Católica da Assunção de Maria, a vitória foi chamada de “Milagre no Vístula”.

Pode não ser coincidência que uma parte da vitória polonesa tenha sido baseada no fato de que os decifradores poloneses tornaram um dos receptores de rádio soviéticos inúteis ao transmitir o Livro de Gênesis sem parar durante vários dias cruciais, interrompendo a comunicação crucial para partes do Exército russo.

Após a derrota, Lenin admitiu que esta foi uma “enorme derrota” para a Rússia Soviética, ele abandonou os planos de exportar a revolução comunista e se concentrou em consolidá-la internamente.

Quem sabe até onde os soviéticos teriam chegado se tivessem derrotado a Polônia. A Europa dilacerada pela guerra, no entanto, especialmente a Alemanha e a França, com seus fortes movimentos operários, poderiam muito bem ter sucumbido às tentações do comunismo e caído em sua armadilha totalitária.

No entanto, não é porque alcançamos o sucesso que podemos descansar sobre os louros. Há perigos tão graves quanto hordas invasoras; o inimigo muitas vezes pode ser encontrado em nossas próprias sociedades. Ameaças totalitárias são encontradas em várias ideologias e nem sempre são trazidas por exércitos conquistadores. Salvar e manter uma civilização exige trabalho, cuidado e vigilância constantes.

Como o Vice-Primeiro-Ministro polonês, Piotr Gliński, apontou recentemente, “a civilização ocidental já caiu uma vez. (...) O Império Romano entrou em colapso não só como

resultado de uma invasão bárbara, mas também porque perdeu a autoconfiança. Hoje enfrentamos a mesma ameaça. O mundo ocidental, reduzido ao estilo de vida ocidental, tem a chance de pensar no que mais tem a oferecer ao mundo”.

Os poloneses mantiveram-se firmes contra o perigo comunista, porque sabiam o valor do que tinham em 1920. Hoje, parece que os poloneses se lembraram de quem são e o que defendem, e estão de guarda, defendendo a civilização ocidental.

Portanto, se você precisar tomar coragem diante do perigo ou se precisar de grandes feitos para inspirá-lo em suas lutas, pense no Rei Jan III Sobieski ou lembre-se dos feitos do General Piłsudski, o defensor da fé, que triunfou sobre os bolcheviques e repeliu as hordas soviéticas no rio Vístula.

RESUMO – STRESZCZENIE

Rocznica stulecia zwycięstwa bohaterskich żołnierzy polskich nad bolszewicką nawałą w 1920 r. została przypomniana i przybliżona brazylijskim czytelnikom w jednym z portali starających się spojrzeć z powagą na wydarzenia współczesnego świata i jego historię. Według brazylijskiego autora Polacy znający z autopsji zapędy komunistyczne starają się bronić swojej cywilizacji zachodniej.

**MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA
ANDRZEJ DUDA
POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA BATALHA
DE VARSÓVIA***

Prezados Senhores e Senhoras! Caros Compatriotas!

Todos os poloneses, no seu país e no exterior, estão vivenciando nestes dias momentos de grande alegria e orgulho. Estamos celebrando juntos um maravilhoso jubileu – o centenário da batalha que definiu a vitória da Polônia na guerra polono-bolchevique. Graças à batalha de Varsóvia de 1920, a conquista da Europa pela Rússia comunista foi contida. Apesar da situação estratégica muito difícil, a nossa capital não foi conquistada, e o Estado polonês preservou a sua existência independente – despertando com isso o espanto e a admiração no mundo inteiro. Foram salvos a vida, a liberdade e os fundamentos materiais da existência de milhões de pessoas. Preservamos as condições para um livre e autêntico desenvolvimento social e civilizacional. A nação polonesa fortaleceu-se no espírito da unidade e do patriotismo, encheu-se de um novo entusiasmo para se empenhar pelo seu auspicioso futuro. Estimulados pela independência reconquistada e pelo grande sucesso na luta pela sua preservação, os poloneses se convenceram de que, agindo juntos, elevando-se acima de diferenças e disputas secundárias, podem superar qualquer contrariedade do destino. O mito do triunfo de 1920 fortaleceu-os também nas décadas seguintes, nas lutas com o nazismo e o comunismo. E

* www.prezydent.pl (acesso aos 17.08.2020).

lembra também hoje que o nosso destino comum depende sobretudo de nós mesmos – da nossa determinação e da fé em nós mesmos, do nosso respeito mútuo, do apego àquela excepcional herança espiritual que se chama Polônia.

Nesse sentido, o fato de estarmos comemorando este jubileu numa República soberana, democrática, segura e em dinâmico desenvolvimento deve-se igualmente àqueles que contribuíram para a Vitória de Varsóvia. Prestamos uma solene homenagem ao então Comandante-Chefe, o Primeiro Marechal da Polônia Józef Piłsudski, bem como aos demais ilustres comandantes, tendo à frente o chefe do Estado-Maior Tadeusz Rozwadowski. Inclinaos as fronteiras diante da capacidade do serviço secreto militar polonês, bem como diante da coragem e da perseverança dos nossos oficiais e soldados – inclusive do grande número de voluntários. Com gratidão e respeito recordamos o envolvimento dos exércitos aliados ucranianos, bielorrussos e letos, o trabalho dos conselheiros militares franceses, a coragem dos aviadores americanos que lutaram no esquadrão de caças n. 7 Tadeusz Kościuszko, bem como os demais voluntários estrangeiros. Lembramos os transportes do material militar urgentemente necessitado do exterior, por exemplo da França, da Grécia e da Hungria.

Desejamos igualmente honrar os enormes méritos do primeiro-ministro Wincenty Witos e dos seus colaboradores. Ao aceitar a missão de formar um governo em face da máxima ameaça ao país, ele conseguiu formar o seu gabinete com a participação de todas as forças políticas patrióticas, da esquerda à direita. Graças a esse edificante exemplo de concórdia nacional e graças ao apelo do primeiro-ministro Witos, os poloneses se mobilizaram mais ainda para a

resistência, e o número dos militares poloneses esteve próximo de um milhão. Ocupam um importante lugar nas páginas da história e nos nossos corações igualmente todos aqueles que naquele tempo dramático apoiaram a defesa da Pátria com o serviço nas formações auxiliares, com generosos donativos materiais para as necessidades do exército, com a sua oração e com a sua edificante postura patriótica.

A Vitória de Varsóvia de 1920 foi obra comum de toda a nação polonesa – e permanecerá para sempre como uma gloriosa herança para nós todos. Vai inspirar as novas gerações dos poloneses a buscar os mais elevados e mais ambiciosos objetivos.

Glória aos heroicos Defensores da Pátria!

Eterna memória aos que pereceram!

Viva a Polônia Independente!

Presidente da República da Polônia

Andrzej Duda

RESUMO – STRESZCZENIE

Powyżej zamieściliśmy przesłanie prezydenta Polski z okazji zwycięstwa żołnierza polskiego nad bolszewickim wojskiem w bitwie warszawskiej. Pomimo upływu czasu Polacy nie mogą zapomnieć chwały oręża polskiego w 1920 r. Winni strzec swojej suwerenności i niepodległości, jak ich przodkowie, którzy oddali życie w walce za wolną Ojczyznę!

**O PRESIDENTE DO EPISCOPADO DA POLÔNIA
NO CENTENÁRIO DA BATALHA DE VARSÓVIA:
“AGRADECEMOS A TODOS OS QUE TOMBARAM
PELA SALVAÇÃO DA NOSSA PÁTRIA E DA
EUROPA”***

1. Assunção

a. A primeira questão é a Assunção da Santíssima Virgem Maria. Para melhor compreender esse mistério, é preciso examinar as próprias fontes dessa verdade. Seria inútil buscá-las nas páginas do Novo Testamento, mas esse mistério se encontra amplamente presente nas tradições das antigas Igrejas do Oriente Médio. Essas tradições provêm de diversas escolas teológicas e de diversas épocas, mas – embora se distingam nos detalhes – todas elas estão de acordo quanto aos elementos básicos desse acontecimento, isto é, primeiramente o “adormecimento”, ou a morte de Maria, e a seguir o seu sepultamento, a ressurreição e a Assunção.

O componente inicial dessas tradições é o “adormecimento”, ou seja, a morte de Maria. Segundo o *Transitus* de Mélicon, essa morte ocorreu no segundo ano após a Ascensão de Cristo (II, 1.3). Nessa ocasião os textos apócrifos percebem dois acontecimentos sucessivos. Primeiramente a vinda de Cristo e a ordem dada ao arcanjo Miguel de levar o corpo de Maria a uma nuvem e de depositá-lo no paraíso, “sob a árvore da vida” (*Transitus R*, XLVII). Isso se realizou no dia 15 de agosto, às 9 horas da manhã.

* www.episkopat.pl (acesso aos 17.08.1920).

Três dias depois – isto é – no dia 18 de agosto – esse mesmo anjo transportou a sua santa alma ao paraíso e a depositou no corpo de Maria (*Transitus R*, XLVIII). Esse segundo momento é ilustrado por um magnífico mosaico antigo do arco-íris da basílica de Santa Maria Maior em Roma, que representa os apóstolos reunidos em torno do leito de morte de Maria. Junto ao leito se encontra Cristo, segurando em seus braços a alma de Maria em forma de uma criancinha envolvida em faixas (“como criança desmamada no colo da mãe, como criança desmamada é minha alma” – SI 132,2). A alma daquela que outrora havia envolvido em faixas Jesus (cf. Lc 2,7) agora ela mesma foi envolvida em faixas e transportada ao céu. Dessa forma o mistério da passagem de seu Filho ao céu foi completada com a gloriosa passagem ao céu de Sua Mãe ao céu, de onde “a bem-aventurada Virgem derrama os seus abundantes dons sobre as pessoas”.

b. A Maria assunta e coroada no céu alude também o Apocalipse, ao falar da Mulher vestida com o sol tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas (cf. Ap 12,1). No sentido literal, essa Mulher é o povo messiânico, composto das doze tribos de Israel, que – no céu – vence a luta com o Dragão. Esse povo já triunfa, embora ainda deva gerar o Messias, e a própria vida do Messias esteja ameaçada pela continuidade da luta com o Dragão, desta vez já na terra. No sentido tipológico, no entanto – na opinião dos Padres da Igreja – essa Mulher é Maria, o protótipo do Povo de Deus.

Desde o momento da Assunção, Ela está sentada ao lado de seu Filho. Cingida por Cristo com a coroa da imortalidade (cf. Is 63,3; Sb 5,16), Maria não necessita das nossas coroas prateadas ou douradas. As nossas coroas materiais não lhe adicionarão nada de especial, ainda que – como toda mãe – ela se alegre com a honra que seus próprios

filhos lhe proporcionam. As nossas coroas terrenas são antes necessárias a nós. Somos nós que precisamos de um sinal visível para podermos expressar a nossa gratidão diante de Maria, pois sabemos que toda pessoa ingrata – e especialmente ingrata diante de sua mãe – é um aleijado espiritual. Aqui em Ossowo, essa gratidão tem um título especial, que é a ação de graças pela vitória polonesa na famosa Batalha de Varsóvia.

2. A eclosão da guerra bolchevique-polonesa

O segundo tema é justamente aquela guerra bolchevique-polonesa, da qual a batalha de Varsóvia foi a parte decisiva. Para melhor compreender a situação em que então se encontrava a Polônia, vale a pena citar as palavras que – em fevereiro de 1920 – vieram do lado alemão. O comandante do exército alemão, o general Hans von Seeckt – durante uma palestra a oficiais em Hamburgo – afirmou:

No que diz respeito a salvar do bolchevismo a Polônia, esse inimigo mortal do Reich, criação e aliada da França, usurpadora de terras alemãs, destruidora da cultura alemã, para essa obra não deve ser utilizado nenhum braço alemão e, se o diabo quiser levar a Polônia, nisso nós lhe devemos ajudar. O nosso futuro se encontra na proximidade da grande Rússia e, quer gostemos desta Rússia [comunista] de hoje ou não, não temos outra saída. Devemos procurar deter o bolchevismo dentro das nossas próprias fronteiras, se é que ele vai querer nos atacar – o que parece ser cada vez menos provável (Hamburgo – 20.02.1919).

Portanto, a Polônia se encontrava ameaçada dos dois lados.

A catástrofe parecia inevitável também em razão da situação interna da Polônia, do estado da classe política polonesa. A respeito dela assim escrevia Żeromski:

É preciso reconhecer abertamente e sem disfarces que a preguiça do espírito da Polônia, milagrosamente ressuscitada dos mortos, atraiu sobre esse espírito o açoite bolchevique. A Polônia tem vivido na preguiça do espírito, envolvida por todo tipo de patifaria, exploração, corrupção, enriquecimento à custa de todos, pela manifesta burocracia, pela busca de cargos e pela irresponsável autoridade. Toda a sublimidade, concebida em espírito nos dias do domínio estrangeiro, dissipou-se nesse primeiro dia de liberdade. A luta pelo poder, que sem dúvida existe em toda parte no mundo, como expressão das forças sociais, dos partidos, das agremiações e facções, na Polónia assumiu dimensões monstruosas. Não têm chegado ao comando do poder pessoas capazes, beneméritas, educadas, sábias, que temos muitas no nosso país, mas os dirigentes dos partidos e das agremiações mais espertos nesses partidos ou nessas agremiações. Como nas águas soltas de um dique, vimos uma repugnante multidão de répteis e vermes (*Inter arma*).

Essa guerra em certo sentido foi provocada pelo próprio Marechal Piłsudski, que pretendia construir um Estado ucraniano amigo da Polónia. Após o início da ofensiva polonesa (25.04.1920) e depois de ele ter ocupado Kiev, verificou-se que o marechal se havia enganado nos cálculos, visto que faltou o apoio massivo para o Petlura por ele escolhido.

Enquanto isso a União Soviética – diante do perigo de perder a Ucrânia – facilmente mobilizou a sua própria sociedade para a luta com a Polónia. Ingressaram no Exército Vermelho milhares dos antigos oficiais do Império. No dia 14 de maio de 1920 iniciou-se o ataque soviético contra a

Bielorrússia. O general Tuckachevski, que comandou a ofensiva, na ordem do ataque não ocultou que se tratava de algo mais do que apenas vencer os poloneses. “Está sendo decidido – escreveu ele – o destino da revolução mundial. Pelo cadáver da Polônia branca passa o caminho ao incêndio universal. Com as baionetas levaremos à população trabalhadora a felicidade e a paz. Para o Oeste, marcha!”

No dia 4 de julho os exércitos soviéticos passaram à ofensiva, a frente foi rompida e no dia 23 de julho – o Exército Vermelho entrou no território etnicamente polonês e os soviéticos instituíram o Comitê Revolucionário Provisório Polonês (30.07.1920), que tinha por tarefa substituir o soberano Estado polonês por uma república soviética.

Naquele momento, realmente a defesa polonesa estava próxima do colapso. Mas de repente, naquela trágica situação, ocorreu algo inesperado: um grande movimento pela defesa da independência da Polônia. Alistavam-se em massa no exército operários, camponeses e intelectuais, estudantes e até escolares. Em face da maior catástrofe que ameaçava o país, os maiores partidos políticos resolveram assumir a responsabilidade pela política oriental. Com esse objetivo – no dia 24 de julho – surgiu o Governo da Defesa Nacional, composto de representantes de todos os partidos políticos e contando com o apoio material da Entente.

Apesar disso, em agosto de 1920 o Exército Vermelho se encontrava às portas de Varsóvia, com uma supremacia numérica várias vezes maior que o exército polonês. O clima que então se criou entre os poloneses foi de esperança e de medo. O medo resultava de uma avaliação objetiva na linha de frente. Quem tinha informações sobre a linha de frente, tinha dificuldade para dominar o temor em face das crueldades do Exército Vermelho; em face do assassinato dos prisioneiros de guerra, da brutalidade diante da população civil e do clero, da

violência, dos saques e da destruição de tudo que trouxesse as marcas da cultura. No entanto a esperança era alimentada pelo fato de que nem tudo ainda estava perdido.

3. Pedindo a ajuda de Maria

E então – e esta já é a terceira questão – entre os nossos compatriotas ocorreu uma grande mobilização espiritual. Nunca antes a Igreja católica havia demonstrado um engajamento tão grande como naquela ocasião. Na solenidade da Transfiguração do Senhor – no dia 6 de agosto – foi iniciada uma grande novena pela pátria. Essa novena devia terminar no dia 15 de agosto, na solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria.

Naqueles momentos repletos de tensão e medo, os bispos poloneses encaminharam três cartas pastorais. Eles enviaram a primeira carta ao papa Bento XV, e nela – pedindo a oração – eram unânimes em advertir: “Se a Polônia ceder à ofensiva bolchevista, a calamidade ameaça o mundo inteiro, e o nosso país será inundado por um novo dilúvio, por um dilúvio de assassinatos, de ódio, de destruição, de profanação da Cruz”. Na segunda carta – endereçada aos bispos do mundo – o episcopado polonês pedia uma “ofensiva de orações a Deus pela Polônia”, porque “para o inimigo que nos combate, a Polônia não é a última parada para os seus troféus, mas é antes somente uma etapa e uma ponte para a conquista do mundo”. A terceira carta era dirigida aos corações e às consciências dos compatriotas: “Dai à pátria o que por vontade de Deus lhe pertence. Confirmai, não somente pela palavra, mas também pela ação, que a amais. Tornai-vos dignos do mais precioso dom da liberdade pela vossa dedicação à Polônia”.

Em resposta o papa concedeu a sua bênção, mas ao mesmo tempo pediu que no dia 15 de agosto os poloneses recitassem o rosário, pedindo o amparo e a vitória pela intercessão de Maria. Naquele mesmo dia um diário socialista italiano escreveu: "O papa convocou a pedir a intercessão de Maria. Ele criou para si um grande problema, se acredita na eficácia da Mãe de Deus! Três milhões de soldados em uniformes bolchevistas. Esses soldados e os seus canhões significam mais que todos os rosários do mundo. Nos próximos dias teremos uma prova palpável disso".

4. A Batalha de Varsóvia

A quarta questão é a Batalha de Varsóvia. Por sorte, no início de agosto, o comando militar polono-francês realizou uma manobra bem-sucedida que permitiu ao exército polonês afastar-se dos destacamentos soviéticos, reagrupar-se e iniciar no dia 12 de agosto a Batalha de Varsóvia, que durou quase duas semanas. Para o seu transcurso pode-se olhar hoje pelo prisma dos manuais ou das enciclopédias, isto é, de uma forma seca e desapaixonada. Pode-se também recorrer a memórias pessoais daquele tempo que – na realidade de forma fragmentária e subjetiva –, mas muito mais viva apresentam o que então aconteceu.

a. Entre os relatos pessoais de 1920 preservaram-se as memórias de uma enfermeira que trabalhou no hospital da Cruz Vermelha Polonesa, fundada pela esposa do grande pianista e primeiro-ministro Ignacy Paderewski – Helena Paderewska. Eis o que escreve em suas memórias a sua autora, Anna Kamieńska:

O ataque bolchevista, como se sabe, veio repentinamente. No começo as pessoas em Varsóvia riam de toda essa

invasão e a maioria dos habitantes não se dava conta do perigo. A capital se divertia, os teatros estavam repletos, nas ruas o movimento era grande. Pode-se imaginar esse ambiente de distensão, que resultava em parte das vivências das partilhas e da guerra e em parte de uma espécie de despreocupação, porque já muitas vezes Varsóvia se havia divertido na véspera de uma tragédia.

No dia 10 de agosto ouvimos um estrondo, pusemo-nos em pé e uma de nós telefonou ao comando da praça perguntando o que estava acontecendo. Responderam que era o estrondo dos canhões bolchevistas. Na quinta-feira, desde a manhã os tiros de canhão começaram a estrondear com cada vez mais força. O inimigo se aproximava de Varsóvia, e os boletins de guerra traziam notícias cada vez mais negras.

Na manhã de sexta-feira recebemos a ordem de esvaziar o hospital, quando os tiros dos canhões já começaram a alcançar o bairro de Praga. Os feridos vindos da região de Radzymim diziam que por volta de sábado com certeza os bolcheviques entrariam em Varsóvia. Espalhou-se a notícia de que Varsóvia havia ficado isolada. No entanto, tratava-se de um boato espalhado por covardes. À noite, os feridos mais graves foram enviados adiante, mas à noite começaram a chegar outros. E eu queria que vocês vissem quem era trazido em padiolas; não eram velhos soldados, mas simplesmente crianças e adolescentes, todos eles até sem uniformes, muitos descalços, em muitos casos com feridas produzidas por armas perfurantes, o que significava que esses pequenos já haviam lutado corpo a corpo. Um deles, quando foi colocado na cama e quando lhe fizemos os curativos, as primeiras palavras que pronunciou foram: “Mamãe, mamãe, onde está você?” Com um outro menino, que era aluno da sexta série ginásial, ocorreu uma cena ainda mais comovente, porque, quando por alguns momentos recuperou a consciência, ele disse: “Polônia, embora eu esteja morrendo, você estará livre!” Foi assim que participaram da luta jovens dos ginásios e dos liceus de

Varsóvia, de todas as camadas sociais. Jovens inexperientes, não acostumados com lutas sangrentas, tendo diante de si soldados treinados nas batalhas da Primeira Guerra Mundial. E juntamente com eles o Pe. Ignacy Skorupka, que no dia 31 de julho, num sermão por ele pronunciado, havia dito: “Não passará do dia 15 de agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora, e o inimigo será derrotado”.

b. Naquele tempo – além dos planos dos generais de ambos os lados combatentes – aconteceram também coisas até hoje não explicadas. Isso diz respeito sobretudo aos acontecimentos que ocorreram por volta do dia 15 de agosto daquele ano. Convém mencionar aqui pelo menos dois deles: o ataque contra Wólka Radzymińska e o ataque contra Ciechanów.

O primeiro deles – ou seja, o ataque contra Wólka Radzymińska – esteve relacionado com a perda de Radzymin. O general Haller tinha dado a ordem de atacar Radzymin no alvorecer do dia 15 de agosto. No entanto o 1º batalhão do 28º Regimento dos Fuzileiros de Kaniów, sob o comando do tenente Stefan Pogonowski, não se sabe por quê, atacou o inimigo antes disso (à 1 hora da noite) e destruiu o seu estado-maior em Wolka Radzymińska. Entre os bolcheviques instalou-se o pânico, e o tenente Pogonowski – tendo vencido com pequenas forças um inimigo bem mais numeroso – caiu mortalmente ferido; ele tinha então 25 anos. Segundo a convicção de muitos, foi justamente aí que mudou o destino da guerra.

Naquele mesmo dia ocorreu também um sucesso numa outra batalha – na margem do Wkra. No dia 14 de agosto o exército do general Sikorski iniciou ações agressivas que tinham por objetivo aliviar Varsóvia. Foi então que, numa corajosa incursão, o 203º Regimento Voluntário dos Ulanos, na noite de 14 para 15 de agosto, contornou Ciechanów e no

início da manhã atacou da direção menos esperada. Em consequência da fuga desordenada dos bolcheviques, caíram nas mãos dos ulanos de Kalisz o escritório do comando e os armazéns, mas o mais importante foi que os russos incendiaram a sua própria estação de rádio, que era a única fonte de ligação com o comando da frente ocidental. Tendo perdido o contato com o comando-maior, o exército de Tuckachevski não transpôs o Vístula e não participou da Batalha de Varsóvia, tendo contribuído para a derrota final dos russos. Os conhecedores que se pronunciam sobre essa questão observam unanimemente que se tratou de dois acontecimentos inteiramente irracionais, que influenciaram o resultado final da luta.

O cardeal Kakowski, por sua vez, assim descreve – em suas *Memórias* – o ato do Padre Skorupka, que pereceu no campo de luta perto de Ossowo no dia 14 de agosto de 1920:

O Padre Skorupka dirigiu-se a mim pedindo que eu lhe permitisse ir à frente de guerra juntamente com o batalhão dos jovens ginásianos de Varsóvia, no qual se encontrava também a sua escola. “Concordo, disse eu, mas lembre-se de sempre permanecer com os soldados na marcha pelas trincheiras e de num ataque não permanecer atrás, mas ir na primeira fileira”. “É justamente por isso, disse ele, que eu quero ir ao exército”. Na batalha de Ossowo os jovens soldados não resistiram ao ataque e começaram a retirar-se. Estavam se retirando os oficiais e o comandante do regimento. Foi então que o Pe. Skorupka reuniu em volta de si alguns meninos e com eles seguiu em frente. Vendo o comandante do regimento que se retirava, gritou-lhe: “Senhor tenente, adiante!” – “E o padre?” – perguntou o tenente. – “Senhor tenente, comigo! Meninos, comigo! Eles avançaram. Muitos pereceram. Também o Pe. Skorupka caiu atingido por uma granada.

Porque tanto se enaltece e glorifica a morte do Pe. Skorupka, acima de todas as vítimas da guerra? O momento da morte do Pe. Skorupka foi o ponto crucial na batalha de Ossowo e na história da guerra de 1920. Até aquele momento os poloneses fugiam dos bolcheviques. Desde então, os bolcheviques começaram a fugir dos poloneses. [...] Os detalhes da morte do Pe. Skorupka me foram contados pelos jovens soldados a quem visitei no hospital, quando feridos. E os bolcheviques feitos prisioneiros contavam por sua vez que tinham visto um padre vestido de sobrepeliz e com um crucifixo na mão, e acima dele Nossa Senhora. Como podiam atirar contra Nossa Senhora, que caminhava contra eles? Esse momento culminante na Batalha de Varsóvia foi chamado naquele dia de “Milagre do Vístula”. (Card. A. Kakowski, *Do domínio estrangeiro à independência. Memórias*, Kraków, 2000, p. 826-827).

E foi assim que – na solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria – em Ossowo, os exércitos bolcheviques foram rechaçados. Tendo sofrido enormes perdas, começaram a retirar-se em pânico. Os seus regimentos rapidamente minguavam, a munição se esgotava, e os soldados se encontravam inteiramente esgotados. Não somente unidades individuais, mas todo o exército perdeu a fé na eficácia da luta e na chance de vitória. A corda que se retesava até o momento da travessia do Bug agora arrebentou – escreveu Witowit Putna.

Da mesma forma que na luta de Davi com Golias, Deus deu a vitória ao pequeno sobre o grande. As orações dos poloneses – do mesmo modo que no caso das orações de Judas Macabeu – foram ouvidas. Assim rezou o Macabeu:

Não é difícil que muitos caiam nas mãos de poucos, pois não faz diferença para o céu salvar com poucos ou salvar com muitos. Pois a vitória na guerra não depende do

tamanho do exército, mas da força que vem do céu. Eles vêm contra nós transbordando de insolência e impiedade, para exterminar a nós, nossas mulheres e nossos filhos, e levar tudo o que temos! Nós, porém, lutamos para defender nossas vidas e nossas leis. O próprio Senhor os esmagará diante de nós; não tenhais medo deles! (1Mc 3,18-22).

Mais tarde, aceitou-se considerar o dia 25 de agosto como o fim da Batalha de Varsóvia. Segundo cálculos incompletos, durante toda essa guerra pereceram ou foram gravemente feridos mais de 100 mil soldados poloneses. O país – já antes duramente atingido pela Primeira Guerra Mundial – sofreu nova destruição, cuja remoção custou muito tempo e muitas despesas. Mas no final, após os anos das partilhas, esse foi o primeiro grande sucesso da Polônia na arena internacional. Após as partilhas, foi a primeira guerra ganha apenas pelo exército polonês.

c. O próprio Tuckachevski recordava mais tarde: “Não resta a menor dúvida de que, se tivéssemos arrancado das mãos da burguesia polonesa o seu exército nobre e burguês, a revolução da classe operária na Polônia se teria concretizado. E esse incêndio não poderia ser limitado pelas paredes polonesas. Como uma impetuosa torrente, ele se teria derramado por toda a Europa Ocidental”. “Tudo lá na Europa estava pronto para ser tomado, mas Piłsudski e os seus poloneses provocaram uma gigantesca e improvável derrota da revolução mundial” – acrescentou Lenin.

No dia 8 de dezembro de 1920, Józef Teodorowicz – o bispo armênio-católico de Lvov – chamou a atenção a um fator adicional:

Deus nos deu a graça da vitória e o milagre de Varsóvia pelas mãos daquela que é a Rainha da Polônia. Disse-me um sacerdote que trabalhou no hospital militar que os soldados

russos lhe asseguravam e descreviam como em Varsóvia haviam visto a Santíssima Virgem cobrindo com o seu manto a capital da Polônia. E de diversas outras partes vinham testemunhos semelhantes.

Aquela foi uma vitória tão grande dos exércitos poloneses que não podia ser explicada de forma puramente natural, e por isso foi chamada “milagre do Vístula”. Reportar-se a um “milagre” não foi ali casual, visto que a expulsão dos exércitos alemães dos arredores de Paris – realizada seis anos antes – havia sido chamada “milagre do Marne”.

“O milagre não surge do nada, não cresce em terrenos incultos. O milagre de agosto surgiu sob a proteção de Deus, da paixão do Comandante solitário e do coletivo, sangrento e devotado esforço do soldado. Trata-se efetivamente de um milagre da inesgotável força do espírito polonês, da força que dormitava acorrentada na escravidão, mas que, despertada para a vida, caiu como um raio sobre uma nova tentativa de impor o jugo” (W. Pobóg-Malinowski).

Em memória daquela vitória, em 1992 foi restabelecido o Dia do Exército Polonês. Esta é uma festa de vocês – herdeiros da Batalha de Varsóvia. No dia 15 de agosto de 2000, os representantes do Capítulo da Ordem Militar *Virtuti Militari* localizaram em Monte Claro um medalhão. No reverso desse medalhão foram registradas as palavras do último relatório que em Radzymin apresentaram à pátria os seus mais fiéis soldados: “No dia 14 de agosto de 1920 sete vezes repelimos as hordas bolchevistas e caímos às portas da Capital, mas o inimigo retrocedeu...”.

5. A loucura da guerra

A quinta e última questão é a necessidade de refletir – à luz do Evangelho – sobre o sentido de toda guerra.

E foi justamente sobre essa questão que se pronunciou de forma muito simples o papa Francisco durante a sua visita a Fogliano di Repiduglia (2014). No cemitério daquela localidade descansam mais de 100 mil soldados italianos, que tombaram durante a Primeira Guerra Mundial, durante as sangrentas lutas nas Dolomitas de Isonzo. Eis as suas palavras:

Vindo para cá, a este lugar nas proximidades do cemitério, e admirando antes a beleza da paisagem de toda esta região, onde mulheres e homens trabalham desenvolvendo a vida familiar, onde as crianças brincam e os adultos se entregam a sonhos, não encontro outras palavras a não ser apenas que a guerra é uma loucura.

Enquanto Deus desenvolve a Sua obra da criação, e nós, seres humanos, somos convocados a cooperar em Sua obra, a guerra destrói. Destrói também aquilo que Deus criou como o mais belo – o ser humano. A guerra destrói tudo, inclusive o vínculo entre irmãos. A guerra é uma loucura, o seu plano de desenvolvimento é a destruição; a vontade de desenvolver-se pela destruição!

A cobiça, a intolerância, o desejo do poder são as motivações que estimulam às decisões sobre a guerra, mas eles são muitas vezes justificados pela ideologia. Mas antes disso se encontra a paixão, um estímulo deformado. A ideologia é a justificativa, e quando falta a ideologia surge a resposta de Caim: “O que me importa meu irmão? Acaso sou guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). A guerra não olha no rosto de ninguém: dos adultos, das crianças, das mães, dos pais... “O que me importa?”

Na entrada deste cemitério ergue-se o irônico lema da guerra: “O que me importa?” Todas as pessoas cujos restos mortais aqui repousam tinham os seus planos, os seus sonhos, mas a vida delas foi interrompida. A humanidade disse: “O que me importa?” [...]

Tal postura é exatamente contrária àquilo que Jesus exige de nós no Evangelho. [...]

Também hoje há muitas vítimas... Como isso é possível? É possível porque também hoje, atrás dos bastidores, escondem-se os interesses, os planos geopolíticos, a cobiça do dinheiro e do poder, a indústria armamentista, que parece ser tão importante! E esses planejadores do terror, organizadores dos conflitos e também proprietários de empresas de armamentos inscreveram em seus corações: “O que me importa?” [...]

Talvez os que especulam com a guerra e que trazem em seu coração esse “o que me importa?” ganhem muito dinheiro, mas o seu coração desmoralizado perdeu a capacidade de chorar. Esse “o que me importa?” impossibilita o choro. Caim não chorou. A sombra de Caim nos envolve aqui hoje, neste cemitério. Ela pode ser vista aqui. Pode ser vista na história desde o ano 1914 até o dia de hoje. Pode ser vista também nos nossos tempos.

Com o coração de filho, irmão, pai, peço a vós todos e para nós todos a conversão do coração: a passagem daquele “o que me importa?” ao choro. Por todos os que tombaram na “absurda carnificina”, por todas as vítimas da loucura da guerra em todos os tempos. A humanidade necessita de choro, e est é a hora do choro (Fogliano di Repiduglia – 13.09.2014).

b. “Na medida em que os homens são pecadores, o perigo da guerra ameaça-os e continuará a ameaçá-los até à vinda de Cristo” (*Gaudium et spes*, 78), visto que no ser humano, nas famílias, nas sociedades e nas nações continuamente ardem os focos das tensões e dos conflitos provocadas pelas crescentes desigualdades entre os ricos e os pobres, pelo domínio de uma mentalidade egoísta e individualista, que se expressa igualmente no capitalismo financeiro desprovido de regras, bem como pelas diversas formas do terrorismo e da criminalidade.

A paz não é somente o “silêncio das armas” entre as nações, mas é a construção de uma sociedade baseada na moral evangélica e cristã, na justiça social. “Porquanto é esta a definição da paz: a concórdia daqueles que estavam desavindos” (S. Gregório de Nissa, *Sobre a perfeição cristã*).

Sim, o perigo da guerra pode ser eliminado com a condição de que antes seja estabelecida a paz na própria consciência de todo ser humano, para que com tanto mais eficácia se possa falar da paz interior e exterior na política estatal. Isso exige, evidentemente, algum tipo de autoridade pública universal, reconhecida por todos, que disponha de uma força eficaz para assegurar a todos tanto a segurança como a sensação da justiça e o respeito à lei. Então – com a concordância das nações – poderá ser proibida qualquer guerra (cf. *Gaudium et spes*, 82).

Conclusão

Finalmente, rezemos por todos os que tombaram naquela guerra de cem anos atrás, que descansam nesta terra regada com o seu sangue. Agradecemos a todos eles pela salvação da nossa pátria. Pela salvação da Europa.

Que o seu amor à liberdade e à terra pátria desperte em nossos corações o desejo da paz. Peçamos a Deus para que em nós amadureçam os sentimentos do perdão e da fraternidade, de acordo com o mandamento do Salvador: “Amái os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam. Falai bem dos que falam mal de vós e orai por aqueles que vos caluniam” (Lc 6,27-28). Que cada um de nós perceba no semelhante um irmão que deve ser aceito e amado, para juntos construirmos um mundo melhor. Amém.

RESUMO - STRESZCZENIE

Módlmy się za wszystkich poległych w tamtej wojnie sprzed 100 lat, którzy spoczywają w tej złanej ich krwią ziemi. Dziękujemy im wszystkim za ocalenie naszej ojczyzny, a także za ocalenie Europy – powiedział przewodniczący Konferencji Episkopatu Polski abp Stanisław Gądecki w homilii podczas Mszy Świętej sprawowanej na Cmentarzu Bohaterów 1920 roku w Ossowie w Uroczystość Wniebowzięcia Najświętszej Maryi Panny.

Przewodniczący Episkopatu omówił pokrótce przebieg wojny bolszewicko-polskiej, której Bitwa Warszawska była decydującą częścią. Arcybiskup zwrócił uwagę na odwagę i poświęcenie polskich dowódców i żołnierzy. Następnie nawiązał do wielkiej mobilizacji duchowej, jaka nastąpiła w narodzie polskim. „Nigdy wcześniej Kościół katolicki nie wykazał się tak wielkim zaangażowaniem jak wtedy. W uroczystość Przemienienia Pańskiego – dnia 6 sierpnia – rozpoczęto wielką nowennę za ojczyznę, która to nowenna miała zakończyć się dnia 15 sierpnia w uroczystość Wniebowzięcia Najświętszej Maryi Panny” – powiedział abp Gądecki.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA POLÔNIA

Andrzej Duda

Varsóvia, 20 de agosto de 2020.

MENSAGEM POR OCASIÃO DOS 40 ANOS DO VERÃO POLONÊS 1980*

Eminentes Heróis do Verão Polonês 1980!

Prezados Senhores e Senhoras!

O Verão 1980 é o fundamento da Polônia livre. É ao mesmo tempo um momento crucial na história, que deu início às grandes mudanças que transformaram a Europa e o mundo. A luta empreendida pelos poloneses serviu de inspiração a outras nações e levou à queda do comunismo. Alegrando-nos com o desenvolvimento da Pátria livre, e com orgulho olhamos hoje para os frutos da nossa vitória.

Em nome da República independente, presto uma homenagem a todos que há 40 anos opuseram-se decididamente ao mal do sistema comunista lutando pela liberdade, dignidade e verdade, pela justiça social e pelo respeito ao direito dos trabalhadores. Todo testemunho de coragem, insubmissão e dedicação daquele tempo teve um grande significado e contribuiu para o vitorioso sucesso.

* www.prezydent.pl (acesso aos 2.09.2020)

Muito me alegro porque as solenes comemorações do 40º aniversário do Verão Polonês e da instituição da União Independente de Sindicatos “Solidariedade” que se realizam em todo o país, em numerosas localidades, proporcionam também uma ocasião para homenagear os heróis dos acontecimentos locais. Não podem ser deixados de lado nem esquecidos os méritos de ninguém. É preciso valorizar o fato de que a promoção de greves e protestos iniciada em localidades menores, o envolvimento no movimento independente dos sindicatos exigia muitas vezes uma especial coragem e perseverança. Expressões de profundo respeito, gratidão e reconhecimento cabem igualmente a todos aqueles que nos conduziram pelo caminho a uma Polônia livre.

O movimento do “Solidariedade”, envolvendo dez milhões de membros, inscreveu-se na nossa história nacional e universal como um fenômeno da comunidade inter-humana. Da comunidade edificada em volta dos valores fundamentais aos quais os poloneses sempre têm permanecido imutavelmente fiéis. Sob o símbolo do “Solidariedade” – que se tornou um componente da herança polonesa, mas também mundial – reuniram-se pessoas de muitos ambientes, gerações, posturas e pontos de vista em nome do bem comum, em nome do bem-estar da Pátria. Todo aquele que não estava indiferente ao curso das causas polonesas tinha boa vontade e que sentia a necessidade de profundas mudanças no país pôde juntar-se a esse grande movimento de auto-organização social. Essa maravilhosa lição de solidariedade inter-humana, que constituiu uma tão enorme força eficiente, deve ser para nós uma mensagem também em meio aos desafios presentes.

O etos do Verão Polonês, o etos que conduziu os poloneses concentrados no “Solidariedade” já não faz parte apenas da

história, mas é sobretudo um viva inspiração para o futuro. Esquecer, trair os ideais do Agosto – é ameaçar os fundamentos de uma República livre, forte e justa. Não se trata de uma questão de convicções políticas, mas simplesmente da razão de estado polonesa, da estabilidade e coesão social, das possibilidades do desenvolvimento da nossa Pátria.

Apresento expressões de profundo reconhecimento a todos, inclusive aos líderes em grande número presentes do “Solidariedade”, que perfeitamente compreendem isso. Agradeço a todos que trabalham conjuntamente pelo fortalecimento do solidarismo e da justiça social, da igualdade de oportunidades, da conciliação do dinâmico empreendedorismo com o respeito ao direito dos trabalhadores, da multiplicação da riqueza dos poloneses e da eliminação das áreas da pobreza. Também agradeço profundamente pela solicitude com o cultivo dos valores sem os quais a comunidade nacional não pode existir nem se desenvolver. Juntos prestamos o testemunho de que o Verão Polonês está continuamente presente na nossa memória, nos nossos corações e nas nossas consciências, e de que extraímos dele a visão de uma próspera existência da República. O ideal de uma Polônia solidária é a nossa gloriosa herança e ao mesmo tempo o nosso grande compromisso. Honra aos Heróis do Verão Polonês!

RESUMO – STRESZCZENIE

Z okazji 40-lecia polskiego lata 1980 r. prezydent Polski skierował do narodu specjalne orędzie. Polska niepodległość rozpoczęła się właśnie owego lata, kiedy robotnicy zainicjowali strajki w zakładach pracy kierując do rządzących komunistów swoje żądania.

Polskie lato winno pozostać w pamięci, sercach i sumieniach wszystkich Polaków. Polska solidarna winna szczyścić się chwalebnym zwycięstwem i uwolnieniem się z opresji komunizmu i równocześnie winna wziąć na siebie wielkie zobowiązanie obrony swojej suwerenności i niepodległości.

31 DE AGOSTO
– O DIA DA SOLIDARIEDADE E DA LIBERDADE –
O 40º ANIVERSÁRIO DOS ACORDOS DE AGOSTO*

*Elżbieta WITEK***

Há 40 anos, no dia 31 de agosto de 1980, os operários em greve dos Estaleiros de Gdańsk assinaram com os representantes do governo comunista um acordo que acabou com uma greve que perdurava desde a metade de agosto. Documentos semelhantes, entre agosto e setembro de 1980, foram assinados em Szczecin (30 de agosto), Jastrzębie-Zdrój (3 de setembro) e Dąbrowa Górnicza (11 de agosto). A assinatura dos acordos abriu o caminho para o surgimento de sindicatos profissionais independentes do governo, o qual também se comprometeu a restringir a censura. Nos tempos da República Popular da Polônia essa foi uma conquista significativa. Até o Agosto de 1980 semelhantes manifestações de independência eram sufocadas pelo governo, e as pessoas que tentavam utilizar-se do direito de associação e de manifestar pontos de vista diferentes dos oficiais eram submetidas à repressão.

Como demonstrou a história, o significado das greves de agosto e dos acordos que as encerraram mostrou ser muito maior do que podiam ter imaginado os seus signatários e do que previa o conteúdo daqueles documentos. Ainda que para recuperar a liberdade a Polônia tivesse que esperar quase mais

* www.marszalek.sejm.pl (acesso em 31.08.2020)

** Marszałek Sejmu RP.

uma década, tendo passado nesse período pela noite do estado de sítio, a semente das liberdades cívicas lançada em Agosto de 1980 e regada pelos 15 meses do “carnaval do Solidariedade” brotou nas eleições para o Parlamento e o Senado de 1989. Foi então que os poloneses, tendo finalmente o direito de escolha, apoiaram massivamente os candidatos que representavam a oposição democrática. Em 2005, “com o objetivo de tornar memorável o 25º aniversário da histórica arrancada dos poloneses para a liberdade”, o Parlamento aprovou uma lei que instituía um novo dia festivo: o Dia da Solidariedade e da Liberdade, que ocorre no dia 31 de agosto – no aniversário da assinatura do acordo de Gdańsk. Os dois projetos dessas leis foram assinados pelos deputados de todas as bancadas. Como escreveram os proponentes nas fundamentações dos projetos, esse dia deve lembrar o esforço das pessoas que deram o testemunho da fidelidade ao ideal de uma Polônia Independente e ser uma expressão de homenagem às pessoas que contribuíram para o surgimento e vitória do “Solidariedade” e para a reconstrução de uma República Polonesa Soberana. Foi também recordado o significado dos Acordos para a história da Europa e do mundo: o Agosto polonês trouxe como consequência a libertação da Europa Centro-Oriental do jugo do comunismo, bem como o desmonte da divisão do nosso continente resultante da conferência de Yalta.

RESUMO – STRESZCZENIE

31 sierpnia 1980 r. w Gdańsku nastąpiło podpisanie umowy pomiędzy strajkującymi robotnikami, a przedstawicielami komunistycznego rządu. Podobne umowy podpisywano w innych miastach i zakładach pracy na terenie Polski.

Podpisane umowy otwierały drogę do powstania niezależnych związków zawodowych, a w konsekwencji do wyzwolenia z niewoli komunistycznej w Europie Centralnej i Wschodniej. W ten sposób – po blisko 50 latach - skutki konferencji w Jalcie zostały unicestwione.

O XX DIA DO PAPA SOB O LEMA “TOTUS TUUS” 11 DE OUTUBRO DE 2020*

O Dia do Papa é comemorado na Polônia todos os anos, no domingo que precede a eleição de Karol Wojtyła como papa. As comemorações do Dia do Papa vêm acompanhadas de concursos, exposições, apresentações teatrais, serões poéticos, eventos esportivos etc.

“No lema ‘Totus Tuus’ do Dia do Papa deste ano queremos encerrar a síntese dos 25 anos de pontificado e os 20 anos da existência da Fundação Obra do Novo Milênio” – disse o cardeal Kazimierz Nycz durante o encontro que anunciou o XX Dia do Papa, que foi comemorado no domingo, 11 de outubro, em toda a Polônia e nas comunidades polônicas no exterior.

O cardeal Nycz enfatizou que a Fundação Obra do Novo Milênio, surgida durante a vida do papa, desempenha o seu papel principal após morte do pontífice. Afirmou ele também que, de acordo com as premissas da Fundação, ela é um monumento vivo ao papa João Paulo II, composto de milhares de jovens formados com a ajuda da fundação, que tem por objetivo a propagação da pessoa de João Paulo II e a familiarização com ela. “Dessa perspectiva, os 20 anos da Fundação se apresentam imponentes” – acrescentou. Na atividade da Fundação, o cardeal destacou o programa das bolsas de estudos, o prêmio “Totus Tuus” e a organização do Dia do Papa.

* www.episkopat.pl, www.vaticannews.va (acesso aos 12.10.2020). A atualização das datas do texto foi feita pela redação de *Polonicus*.

A Fundação Obra do Novo Milênio foi instituída em 2000. A sua atividade tem por objetivo tornar memorável o pontificado de João Paulo II pela propagação da doutrina do papa polonês e pelo apoio a empreendimentos sociais, especialmente na área da educação e da cultura.

O jubilar XX Dia do Papa realizou-se sob o lema “Totus Tuus” no dia 11 de outubro. Naquele dia foi realizada diante das igrejas, em toda a Polônia, uma coleta de recursos para bolsas de estudos destinadas a jovens capacitados, mas de poucos recursos, de pequenas localidades.

O lema do Dia do Papa deste ano – a invocação episcopal de Karol Wojtyła – provém do *Tratado sobre a verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*, de S. Luís Maria Grignion de Montfort. As palavras “Todo Teu (Maria)” expressam a postura da entrega a Deus por Maria e juntamente com Maria. A consequência dessa entrega é o serviço a todo ser humano na sua situação existencial individual.

O Dia do Papa é tempo de alegria, de memória do papa polonês e de união espiritual com o Santo Padre Francisco. Foram organizados em todo o país numerosos eventos que divulgavam a doutrina de João Paulo II. As comemorações centrais do XX Dia do Papa iniciaram-se já no sábado 10 de outubro. Nesse dia, no Castelo Real em Varsóvia, realizou-se a sessão solene da entrega dos prêmios “Totus Tuus”. As estatuetas em forma de um anjo que se eleva para o voo foram entregues a pessoas e instituições que, inspiradas pela doutrina de S. João Paulo II, contribuem de maneira especial para edificar a civilização do amor. Os chamados “nobéis católicos” foram atribuídos em quatro categorias: Promoção da dignidade do ser humano, Realizações na área da cultura cristã, Propagação da doutrina de S. João Paulo II e o “Totus Tuus” midiático Dom Jan Chrapak. Foi atribuído

também um prêmio especial “Totus Tuus”. Durante a solenidade foram entregues os prêmios para os participantes do Concurso João Paulo II para a melhor dissertação de mestrado e tese de doutorado a respeito dos papéis das mídias na promoção da dignidade do ser humano inspiradas pela doutrina da Igreja. A transmissão da solenidade realizou-se no dia 10 de outubro, às 16h00, pela TVP 2.

O Dia do Papa é também uma oportunidade de demonstrar gratidão aos benfeitores da Obra do Novo Milênio. No dia 11 de outubro, às 9 horas, no Santuário da Providência Divina em Varsóvia, o cardeal Kazimierz Nycz – Metropolitano de Varsóvia e Presidente do Conselho da Fundação Obra do Novo Milênio – celebrou uma Missa na intenção de todos que apoiam a sua ação. A Eucaristia foi transmitida pela emissora Polsat News. Naquela mesma hora, na Basílica da Santa Cruz em Varsóvia, o bispo Dom Michał Janocha celebrou uma Missa que foi transmitida pelo Programa I da Rádio Polonesa. Às 9h30, no Santuário de S. João Paulo II em Biały Morza em Cracóvia, realizou-se uma Missa celebrada pelo cardeal Dom Stanisław Dziwisz e transmitida pela TVP 1 e pela TVP Polónia.

Tradicionalmente as comemorações do Dia do Papa vêm acompanhadas de um concerto de gala. O deste ano teve o título “TOTUS TUUS – À Rainha dos Anjos cantemos” e constou dos mais importantes hinos e cânticos marianos do cristianismo da tradição ocidental e oriental. Entre os artistas, apresentaram-se p. ex. Sebastian Karpiel-Bułecka, Kasia Moś, Olga Szomańska, Igor Herbut, bem como artistas da Grécia, da Armênia e de Cuba. Apresentou-se igualmente o conjunto “Somente Tu”, composto de bolsistas e diplomados da Fundação Obra do Novo Milênio. O evento foi apresentado pela TVP 1 no dia 11 de outubro, às 17h30.

As comemorações centrais do XX Dia do Papa encerraram-se no dia 13 de outubro com a conferência científica “Totus Tuus – uma postura para hoje”. O evento iniciou-se às 9 horas com uma santa Missa no Seminário Metropolitano Maior de Varsóvia. Em seguida, na residência dos Arcebispos de Varsóvia, houve palestras e discussões. Na conferência dirigida pelo Dr. Pawel Skibiński, da Universidade de Varsóvia, pronunciaram palestras: o bispo Dom Ludwig Schick – metropolita de Bamberg, o Pe. Prof. Jerzy Szymik, eminente teólogo e poeta da Universidade da Silésia em Katowice, o Prof. Andrea Riccardi, de Roma – historiador e fundador da Comunidade Sant’Egidio. Entre os comentaristas, apresentaram-se o Pe. Prof. Marek Chmielewski, da Universidade Católica de Lublin João Paulo II, a Ir. Anna Maria Pudełko AP, bem como o redator Grzegorz Górny. O evento contou com o patrocínio honorário do Presidente da República da Polônia Andrzej Duda e realizou-se sob os auspícios do cardeal Kazimierz Nycz – metropolita de Varsóvia.

Nos últimos anos, tornaram-se populares as corridas de longa distância por ocasião do Dia do Papa. Este ano, por razões sanitárias, foi organizada a Corrida Pontifícia Polonesa Virtual. De 1 a 31 de outubro, graças ao registro com a ajuda da [página da internet](https://slotmarket.pl/event/details/283,preview#) <https://slotmarket.pl/event/details/283,preview#>, tornou-se possível participar da corrida em todos os lugares na Polônia e no mundo, nas distâncias de 5, 10, 20 (distância “jubilar” da fundação), bem como 27 (distância “pontifícia” – número dos anos do pontificado) quilômetros.

Há alguns anos, o Teatro de Francisco, de Katowice, tem organizado grandes espetáculos no ginásio esportivo Spodek daquela cidade, além dos musicais apresentados no tablado do Palácio da Juventude. Em razão da impossibilidade

se organizar neste ano a apresentação com a participação do público, os jovens artistas gravaram em suas casas as partes teatrais e vocais, que a seguir foram reunidas num todo. Da parte musical, o responsável pelo projeto foi Piotr Solorz – diplomado da Fundação Obra da Fundação Novo Milênio, que compôs a música. Participou também do projeto o diplomado da Fundação – Adrian Pontus. A estreia do filme artístico “Acatisto – Totus Tuus” realizou-se no dia 11 de outubro pelo canal YouTube da Fundação (Dzielo.TV).

Durante o Dia do Papa realiza-se a coleta para o programa de bolsas de estudos para os jovens capacitados, mas sem recursos, das pequenas localidades. Do seu apoio utilizam-se anualmente 2 mil pessoas de toda a Polônia. A bolsa de estudos, que pode ser obtida já na VII série da escola fundamental, é paga até o término dos estudos. Além da coleta de outubro, a Fundação Obra do Novo Milênio pode ser apoiada durante o ano todo depositando uma importância qualquer na conta n. 75 1240 2034 1111 0000 0306 8582. As contribuições podem ser também feitas por intermédio do site www.dzielo.pl, através do aplicativo Przelewy24 (Transferências24) ou enviando um SMS com o título STYPENDIA ao número 74 265 (4,92 com VAT). A Fundação é uma organização de utilidade pública. Durante os vinte anos de sua existência a Fundação Obra do Novo Milênio, graças aos benfeitores, já destinou a bolsas de estudos quase 200 milhões de zlóti.

RESUMO – STRESZCZENIE

Od 20 już lat w niedzielę poprzedzającą datę wyboru kard. Karola Wojtyły na papieża obchodzony jest w Polsce Dzień Papieski. To nie tylko upamiętnienie historycznej daty, ale również powrót do dziedzictwa, jakie papież Jan Paweł II pozostawił dla swoich rodaków w swoim nauczaniu.

Każdego roku w Dzień Papieski odbywają się różne wydarzenia kulturalne, jak też zbiera się ofiary dla Dzieła Nowego Tysiąclecia, które przeznaczają się na stypendia dla młodych pochodzących z małych miejscowości, aby dzięki tej pomocy mogli uczyć się i uzyskać odpowiednie wykształcenie.

Dzięki hojności Polaków wspomniane Dzieło zebrało sumę 200 milionów złotych. Ponad 4 tys. osób ukończyło studia i włączają się bardzo aktywnie jako wolontariusze do akcji organizowanych przez Dzieło Nowego Tysiąclecia.

O DISCURSO DE ROMAN SKORUPSKI NA RECEPÇÃO DO PRIMEIRO EMBAIXADOR DA POLÔNIA NO BRASIL

*Fabricio J. NAZZARI VICROSKI (WICHROWSKI)**

*Luan GLUMBOWSKY***

Apresentação

No ano de 2020 comemoramos o centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Polônia. Trata-se de um importante marco histórico para a comunidade polonesa no Brasil.

Há cem anos uma intensa agitação tomou conta de Curitiba. Os imigrantes e seus descendentes atravessavam um momento de orgulho nacional pela recente recuperação da independência da Polônia, cuja soberania solapada no final do século XVIII foi finalmente restituída em 1918, na esteira dos

* Arqueólogo e Historiador. Mestre e doutor em História. Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (bolsista PNPd Capes). Pesquisador do Núcleo de Estudos Históricos e Arqueológicos Brasil-Polônia e Núcleo de Pré-História e Arqueologia (Universidade de Passo Fundo).

E-mail: fabricioarqueologia@hotmail.com

** Bacharel em Relações Internacionais. Mestre em Relações Internacionais, Direitos Humanos e Governança Multinível (Universitá degli Studi di Padova – Uniwersytet Wrocławski). E-mail: luanwskyl@gmail.com

acontecimentos políticos decorrentes da Primeira Guerra Mundial.

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer formalmente a recuperação da independência. Em 1920, o marechal e estadista Józef Piłsudski, primeiro líder da Polônia restituída, designou o Conde Ksawery Franciszek Orłowski para exercer o cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República da Polônia no Brasil.

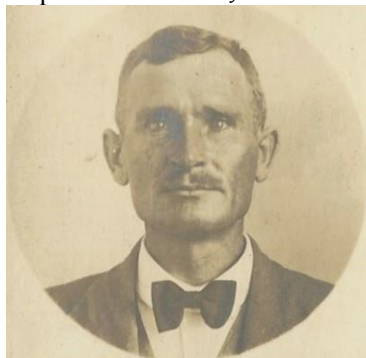
Em Curitiba organizou-se uma grande solenidade de recepção ao diplomata. O evento ocorreu na sede da sociedade União Polonesa (*Związek Polski*). Na oportunidade, o presidente da associação, Roman Skorupski, proferiu um tocante discurso que refletia os sentimentos dos exilados poloneses no Brasil.



Franciszek Ksawery Orłowski.

Fonte: Domínio público.

Roman Władysław Skorupski¹ nasceu em Zgierz, nos arredores de Łódź. Foi um grande defensor da independência da Polônia e protagonista de episódios históricos que marcaram o início do século XX, como a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Esteve clandestinamente engajado na luta pela libertação nacional e por melhores condições trabalhistas (KRAWCZYK, 1981). Foi preso várias vezes. Em três situações enfrentou a deportação para a Sibéria. Uma das fugas lhe rendeu um ferimento permanente na face. A perseguição política, dentre outros fatores, o fez emigrar para o Brasil. Em maio de 1907, desembarcou do vapor austríaco *Sofia Hohenberg* no porto do Rio de Janeiro.



Roman Władysław Skorupski
Fonte: Acervo da família Skorupski.

¹ Originalmente chamava-se **Władysław Skorupski**. Roman era o codinome utilizado nos movimentos clandestinos de luta pela liberdade da Polônia. A defesa da polonidade acompanhou-o até o final de sua vida, assim como o seu codinome, posteriormente incorporado oficialmente ao seu nome. **Roman Władysław Skorupski** é a forma usual (ou mesmo **Romano Władislau Skorupski** em sua versão aportuguesada). Contudo, em determinadas cartas e publicações por vezes é nominado como **Władysław Roman Skorupski**.

Inicialmente estabeleceu-se em Curitiba, onde construiu uma sólida carreira no ramo da construção civil e também como proeminente ativista cultural polonês. “Em razão do apreço das pessoas que conheciam pessoalmente o Sr. Skorupski, resulta que cerca de 20% das construções executadas em Curitiba por ocasião de sua permanência na cidade foram executadas sob sua direção” (KRAWCZYK, 1981).

Poliglota, escrevia com frequência e destreza, características que lhe renderam a colaboração com jornais do Brasil, Europa e Estados Unidos, sempre com assuntos relacionados com a diáspora polonesa. Promoveu a criação de associações polonesas, cursos de idioma e programas de rádio.

Mantinha um elevado fluxo de correspondência com amigos, ativistas culturais e autoridades. Parte dos seus escritos e correspondências pode ser consultada em arquivos em Varsóvia (*Kolekcja Wojciecha Breowicza - Fundacja Ośrodka KARTA*), Chicago (*Edmund Stefan Urbanski Papers - Polish Institute of Arts & Sciences of America*) e Curitiba (Consulado Geral da República da Polônia).

Skorupski integrou e presidiu diversas associações esportivas e culturais. Em 1913 ocupou a presidência da Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kościuszko. Também integrou o *Komitet Obrony Narodowej*² (Comitê de Defesa Nacional) organização

² O Comitê de Defesa Nacional (*Komitet Obrony Narodowej*) era vinculado ao Comitê dos Partidos Confederados da Independência (*Komisja Skonfederowanych Stronnictw Niepodległościowych - KSSN*). Tratava-se de uma comissão formada por diferentes partidos e grupos paramilitares que visavam organizar as ações políticas, militares e financeiras de luta

política que buscava a independência da Polônia (MAZUREK, 2006).

Visando a união de esforços em benefício da cultura polonesa, no ano de 1920 a Sociedade Ginástica Falcão, o Círculo da Mocidade Polonesa e a Sociedade Santo Estanislau fundiram-se criando uma organização central denominada União Polonesa (*Związek Polski*). Seu caráter conciliador perante os diferentes grupos sociais e culturais fez com que Skorupski fosse conduzido ao cargo de presidente da instituição (SZCZERBIŃSKI, 2013, p. 67).

A solenidade de recepção do primeiro legado da República da Polônia no Brasil ocorreu no dia 20 de junho de 1920. O discurso proferido por Roman Skorupski possui um forte cunho patriótico. Ele expressou os sentimentos e ressentimentos que eram comuns à grande maioria dos imigrantes e seus descendentes. A dor pela escravização da Nação, a proibição do uso do idioma polonês e a expropriação de suas terras são alguns dos elementos presentes no discurso. Esse período de martírio foi então suplantado pela união do povo polonês em torno da manutenção do espírito nacional, culminando na recuperação da independência e inserção da Polônia no círculo das nações soberanas. Skorupski expressou também as expectativas de aproximação e apoio mútuo entre os governantes da Nação e os poloneses no exílio. Trata-se de um discurso breve, no entanto permeado de significados e

pela independência através de um governo centralizado que assumiria seu protagonismo frente à iminência da Primeira Guerra Mundial. A força militar era então comanda por Józef Piłsudski, hoje comemorado como herói da independência. Em 1914 a KSSN foi substituída pelo governo interino controlado pelo Comitê Nacional Supremo (*Naczelny Komitet Narodowy*).

sentimentos que ainda hoje compõem a formação identitária dos brasileiros de ascendência polonesa no Brasil.

O discurso de Roman Skorupski, redigido em polonês, foi remetido ao Ministério das Relações Exteriores da Polônia como anexo ao relatório onde Franciszek Ksawery Orłowski apresenta seu relato dos primeiros contatos com as colônias polonesas do Paraná e São Paulo (SMOLANA, 2016, p. 60). A tradução em português ora apresentada foi produzida a partir de uma versão publicada pelo Jornal *Gazeta Polska w Brazyliai* (Nº 27, ano XXIX, 24 de junho de 1920).

O presente texto não se propõe a realizar uma análise do discurso em seu sentido estrito, mas tão somente disponibilizar a sua tradução para o português e ampliar as possibilidades de acesso à sua versão em polonês, contribuindo assim para a difusão de uma eventual fonte de pesquisa a ser incorporada pela historiografia da imigração polonesa no Brasil³. Igualmente, é uma forma de lembrar e celebrar o centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países.

Discurso de Roman Skorupski

Ilustre Sr. Ministro!

Diante das terríveis turbulências causadas pela guerra, a nossa Nação finalmente conseguiu romper suas algemas após um longo período escravizada. Ao elevar as asas da liberdade na direção de um estado independente, posicionou-se igualitariamente no rol das nações mundiais. Em menos de um ano, os heroicos líderes da Nação polonesa organizaram um poderoso exército de valentes defensores para proteger as

³ A versão em português está publicada no periódico *Polonicus*. A versão em polonês está disponibilizada somente no portal do periódico na internet (www.polonicus.com.br).

fronteiras de nossa pátria ameaçadas por inimigos próximos, assinalando com sangue nossa fronteira leste e enfrentando a ganância dos nossos vizinhos no oeste. O lema dos nossos defensores é: "Vencer ou morrer"! À frente do heroico exército está o seu criador, o imortal Józef Piłsudski, primeiro Líder da Polônia Independente.

O Chefe de Estado, querido Comandante da Nação, em meio à enorme quantidade de trabalho administrativo e militar, não esquece, no entanto, de seus conterrâneos no exterior, enviando-lhes seus representantes com a ordem de restituir a esses errantes do destino seus nomes e direitos naturais que lhes foram usurpados por nossos invasores e, ao mesmo tempo, cercar-nos de proteção paterna como filhos amorosos e fiéis à Pátria.

Estamos felizes por termos vivido para presenciar esse momento de alegria. Os olhos do mundo estão voltados para a martirizada Nação polonesa. A nossa força, resistente a todas as tentativas de privar-nos de nossa Nação, é admirada por todos. Todos os tormentos nacionais de nossos opressores não aniquilaram o espírito nacional presente em nós. Não nos permitiram aprender ou mesmo orar em nossa língua nativa, fomos banidos de nossas terras. Confiantes em nossas forças, corajosamente respondemos a todas as tentativas de desnacionalização: A Polônia ainda não pereceu e nunca sucumbirá enquanto estivermos envolvidos por um espírito tão forte de coesão nacional. A pátria é o tesouro deste espírito de união, é a nossa fortaleza e o refúgio espiritual encabeçado pelo líder da Nação.

Estamos certos de que a Pátria se lembra de nós. Há alguns meses, o Chefe de Estado nos remeteu a ajuda inicial na pessoa do primeiro Cônsul, o Sr. Kazimierz Głuchowski, juntamente com seu corpo diplomático. Ao longo desses meses já sentimos os grandes benefícios desses cuidados. Para

onde quer que voltemos nossos olhares, vemos quão frutíferas são essas ações. Anteriormente éramos privados de qualquer suporte nacional, hoje, todo o pobre, ofendido e injuriado é acolhido sob as asas protetoras dos representantes de nosso país.

Hoje, graças aos cuidados paternais do nosso Chefe do Estado, temos a grande honra de receber nosso Primeiro Representante e Ministro Plenipotenciário do Governo Polonês, credenciado junto ao Governo Federal da hospitaleira República Brasileira. Como representante da União das associações polonesas, uma das maiores do Brasil, eu o saúdo de todo o coração. Em nome de todos os membros desta Associação, eu juro que, enquanto tivermos força suficiente, iremos apoiá-lo nesta sublime e difícil missão. Queremos servi-lo de todo o coração, para merecer sua confiança e satisfação, e desejamos ao Senhor, Ilustre Representante de nossa Pátria Restaurada, que se sinta entre nós como se estivesse em sua própria família – afinal, somos todos filhos de nossa mãe Polônia. Ao mesmo tempo, pedimos-lhe que nos envolva com a sua proteção paterna, para que, trabalhando com confiança mútua e bondade cordial, possamos contribuir para a grandeza e o poder de nossa Pátria, para a glória e benefício da Nação polonesa!

Permitam-me saudar a nossa pátria e seu ilustre representante:

Viva a Polônia!

Viva o Brasil!

Viva o Chefe de Estado, Józef Piłsudski!

Viva o Primeiro Representante Diplomático da República da Polônia, Ksawery Orłowski!

Roman Władysław Skorupski

Presidente da Sociedade União Polonesa

Bibliografia

KRAWCZYK, Jan. *Roman Skorupski. Nasi Pionierzy*. Kurytyba: Lud, 1981.

MAZUREK, Jerzy. *Kraj a emigracja: ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*. Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego. Warszawa: UW, 2006.

SZCZERBIŃSKI, Marek. *A cultura física polônica no Brasil nos anos 1897-1939*. Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil. Ano 4, n. 7-8. Curitiba, 2013.

SMOLANA, Krzysztof. *A visita do primeiro legado da República da Polônia, Ksawery Orłowski, a São Paulo e Curitiba em 1920*. Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil. Ano 6-7, n. 11-12. Curitiba, 2016.

TRZEBIATOWSKI, Stanisław. *Hr. Ksawery Orłowski w Kurytybie*. Gazeta Polska w Brazylii. N° 27, rok XXIX. Kurytyba, 1920.

RESUMO – STRESZCZENIE

W 1920 r. Józef Piłsudski, pierwszy przywódca nowej Polski, powołał hrabiego Ksawerego Franciszka Orłowskiego na stanowisko nadzwyczajnego i pełnomocnego ministra RP w Brazylii. W Kurytybie, w siedzibie stowarzyszenia Związek Polski, odbyła się wielka uroczystość z okazji przyjęcia dyplomaty, w trakcie której prezydent stowarzyszenia Roman Skorupski wygłosił poruszające przemówienie, odzwierciedlające odczucia polskich uchodźców w Brazylii.

W niniejszym tekście nie proponuje się przeprowadzenia analizy przemówienia sensu stricto, a jedynie udostępniania jego tłumaczenia na język portugalski i rozszerzenie możliwości dostępu do jego polskiej wersji, przyczyniając się tym samym do upowszechnienia ewentualnego źródła badawczego do historiografii polskiej imigracji w Brazylii. Jest to również sposób na upamiętnienie i uczczenie stulecia nawiązania stosunków dyplomatycznych między naszymi dwoma krajami.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO*

**Forçados, como Jesus Cristo, a fugir.
Acolher, proteger, promover e integrar os deslocados
internos**

No discurso que dirigi, nos primeiros dias deste ano, aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé, mencionei entre os desafios do mundo contemporâneo o drama dos deslocados dentro da própria nação: «Os conflitos e as emergências humanitárias, agravadas pelas convulsões climáticas, aumentam o número dos deslocados e repercutem-se sobre as pessoas que já vivem em grave estado de pobreza. Muitos dos países atingidos por estas situações carecem de estruturas adequadas que permitam atender às necessidades daqueles que foram deslocados» (9/I/2020).

A Secção «Migrantes e Refugiados» do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral publicou as Orientações Pastorais sobre as Pessoas Deslocadas Internamente (5/V/2020), um documento que visa inspirar e animar as ações pastorais da Igreja nesta área em particular.

* <http://www.vatican.va> (acesso aos 20.05.2020).

Nota da Redação: A Igreja Católica comemora cada ano, aos 27 de setembro, o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. A Santa Sé – por motivos litúrgicos – deixa para as conferências nacionais episcopais a liberdade para esta comemoração em outra data. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil decidiu que este Dia se celebra no mês de junho, durante a Semana Nacional do Migrante.

Por tais razões, decidi dedicar esta Mensagem ao drama dos deslocados dentro da nação, um drama – muitas vezes invisível – que a crise mundial causada pela pandemia do Covid-19 exacerbou. De fato, esta crise, devido à sua veemência, gravidade e extensão geográfica, redimensionou tantas outras emergências humanitárias que afligem milhões de pessoas, relegando para um plano secundário, nas Agendas políticas nacionais, iniciativas e ajudas internacionais, essenciais e urgentes para salvar vidas. Mas, «este não é tempo para o esquecimento. A crise que estamos a enfrentar não nos faça esquecer muitas outras emergências que acarretam sofrimentos a tantas pessoas» (Francisco, Mensagem Urbi et Orbi, 12/IV/2020).

À luz dos acontecimentos dramáticos que têm marcado o ano de 2020 quero, nesta Mensagem dedicada às pessoas deslocadas internamente, englobar todos aqueles que atravessaram e ainda vivem experiências de precariedade, abandono, marginalização e rejeição por causa do vírus Covid-19.

E, como ponto de partida, gostaria de tomar o mesmo ícone que inspirou o Papa Pio XII ao redigir a constituição apostólica *Exsul Familia* (1/VIII/1952): na sua fuga para o Egito, o menino Jesus experimenta, juntamente com seus pais, a dramática condição de deslocado e refugiado «marcada por medo, incerteza e dificuldades (cf. Mt 2, 13-15.19-23). Infelizmente, nos nossos dias, há milhões de famílias que se podem reconhecer nesta triste realidade. Quase todos os dias, a televisão e os jornais dão notícias de refugiados que fogem da fome, da guerra e de outros perigos graves, em busca de segurança e de uma vida digna para si e para as suas famílias» (Francisco, *Angelus*, 29/XII/2013). Em cada um deles, está

presente Jesus, forçado – como no tempo de Herodes – a fugir para se salvar. Nos seus rostos, somos chamados a reconhecer o rosto de Cristo faminto, sedento, nu, doente, forasteiro e encarcerado que nos interpela (cf. Mt 25, 31-46). Se O reconhecemos, seremos nós a agradecer-Lhe por O termos podido encontrar, amar e servir.

As pessoas deslocadas proporcionam-nos esta oportunidade de encontrar o Senhor, «mesmo que os nossos olhos sintam dificuldade em O reconhecer: com as vestes rasgadas, com os pés sujos, com o rosto desfigurado, o corpo chagado, incapaz de falar a nossa língua» (Francisco, Homilia, 15/II/2019). É um desafio pastoral ao qual somos chamados a responder com os quatro verbos que indiquei na Mensagem para este mesmo Dia de 2018: acolher, proteger, promover e integrar. A eles, gostaria agora de acrescentar seis pares de verbos que traduzem ações muito concretas, interligadas numa relação de causa-efeito.

É preciso conhecer para compreender. O conhecimento é um passo necessário para a compreensão do outro. Assim no-lo ensina o próprio Jesus no episódio dos discípulos de Emaús: «Enquanto [estes] conversavam e discutiam, aproximou-Se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecer» (Lc 24, 15-16). Frequentemente, quando falamos de migrantes e deslocados, limitamo-nos à questão do seu número. Mas não se trata de números; trata-se de pessoas! Se as encontrarmos, chegaremos a conhecê-las. E conhecendo as suas histórias, conseguiremos compreender. Poderemos compreender, por exemplo, que a precariedade, que estamos dolorosamente a experimentar por causa da pandemia, é um elemento constante na vida dos deslocados.

É necessário aproximar-se para servir. Parece óbvio, mas muitas vezes não o é. «Um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele [do homem espancado e deixado meio-morto] e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele» (Lc 10, 33-34). Os receios e os preconceitos – tantos preconceitos – mantêm-nos afastados dos outros e, muitas vezes, impedem de «nos aproximarmos» deles para os servir com amor. Abeirar-se do próximo frequentemente significa estar dispostos a correr riscos, como muitos médicos e enfermeiros nos ensinaram nos últimos meses. Aproximar-se para servir vai além do puro sentido do dever; o maior exemplo disto, deixou-no-lo Jesus, quando lavou os pés dos seus discípulos: tirou o manto, ajoelhou-Se e pôs mãos ao humilde serviço (cf. Jo 13, 1-15).

Para reconciliar-se é preciso escutar. No-lo ensina o próprio Deus que quis escutar o gemido da humanidade com ouvidos humanos, enviando o seu Filho ao mundo: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito, (...) para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3, 16.17). O amor, que reconcilia e salva, começa pela escuta. No mundo de hoje, multiplicam-se as mensagens, mas vai-se perdendo a atitude de escutar. É somente através da escuta humilde e atenta que podemos chegar verdadeiramente a reconciliar-nos. Durante semanas neste ano de 2020, reinou o silêncio nas nossas ruas; um silêncio dramático e inquietante, mas que nos deu ocasião para ouvir o clamor dos mais vulneráveis, dos deslocados e do nosso planeta gravemente enfermo. E, escutando, temos a oportunidade de nos reconciliar com o próximo, com tantas pessoas descartadas, conosco e com Deus, que nunca se cansa de nos oferecer a sua misericórdia.

Para crescer é necessário partilhar. A primeira comunidade cristã teve, na partilha, um dos seus elementos basilares: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum» (At 4, 32). Deus não queria que os recursos do nosso planeta beneficiassem apenas alguns. Não, o Senhor não queria isso! Devemos aprender a partilhar para crescermos juntos, sem deixar ninguém de fora. A pandemia veio nos recordar que estamos todos no mesmo barco. O fato de nos depararmos com preocupações e temores comuns demonstrou-nos mais uma vez que ninguém se salva sozinho. Para crescer verdadeiramente, devemos crescer juntos, partilhando o que temos, como aquele rapazito que ofereceu a Jesus cinco pães de cevada e dois peixes (cf. Jo 6, 1-15); e foram suficientes para cinco mil pessoas...

É preciso coenvolver para promover. Efetivamente, assim procedeu Jesus com a mulher samaritana (cf. Jo 4, 1-30). O Senhor aproxima-se, escuta-a, fala-lhe ao coração, para então a guiar até à verdade e torná-la anunciadora da boa nova: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?» (4, 29). Por vezes, o ímpeto de servir os outros impede-nos de ver a sua riqueza íntima. Se queremos verdadeiramente promover as pessoas a quem oferecemos ajuda, devemos coenvolvê-las e torná-las protagonistas da sua promoção. A pandemia recordou-nos como é essencial a corresponsabilidade, pois só foi possível enfrentar a crise com a contribuição de todos, mesmo de categorias frequentemente subestimadas. Devemos «encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade» (Francisco, Meditação na Praça de São Pedro, 27/III/2020).

É necessário colaborar para construir. Isto mesmo recomenda o apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: «Peço-vos, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que estejais todos de acordo e que não haja divisões entre vós; permaneci unidos num mesmo espírito e num mesmo pensamento» (1 Cor 1, 10). A construção do Reino de Deus é um compromisso comum a todos os cristãos e, para isso, é necessário que aprendamos a colaborar, sem nos deixarmos tentar por invejas, discórdias e divisões. No contexto atual, não posso deixar de reiterar que «este não é tempo para egoísmos, pois o desafio que enfrentamos nos une a todos e não faz distinção de pessoas» (Francisco, Mensagem Urbi et Orbi, 12/IV/2020). Para salvaguardar a Casa Comum e torná-la cada vez mais parecida com o plano original de Deus, devemos empenhar-nos em garantir a cooperação internacional, a solidariedade global e o compromisso local, sem deixar ninguém de fora.

Quero concluir com uma oração inspirada no exemplo de São José, particularmente quando foi forçado a fugir para o Egito a fim de salvar o Menino:

«Pai, confiastes a São José o que tínheis de mais precioso: o Menino Jesus e sua mãe, para os proteger de perigos e ameaças dos malvados.

Concedei-nos, também a nós, a graça de experimentar a sua proteção e ajuda. Tendo ele provado o sofrimento de quem foge por causa do ódio dos poderosos, fazei que possa confortar e proteger todos os irmãos e irmãs que, forçados por guerras, pobreza e carências, deixam a sua casa e a sua terra a fim de se lançarem ao caminho como refugiados rumo a lugares mais seguros.

| Artigos

Ajudai-os, pela sua intercessão, a terem força para prosseguir, conforto na tristeza, coragem na provação.

Dai a quem os recebe um pouco da ternura deste pai justo e sábio, que amou Jesus como um verdadeiro filho e amparou Maria ao longo do caminho.

Ele, que ganhou o pão com o trabalho das suas mãos, possa prover àqueles a quem a vida tudo levou, dando-lhes a dignidade de um trabalho e a serenidade de uma casa.

Nós Vo-lo pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho, que São José salvou fugindo para o Egito, e por intercessão da Virgem Maria, a quem ele amou como esposo fiel segundo a vossa vontade. Amém».

Roma, em São João de Latrão, na Memória de Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio de 2020.

Francisco

O PAPEL DA PASTORAL POLONESA NO BRASIL NA PRESERVAÇÃO DOS VÍNCULOS COM O PAÍS DE ORIGEM*

*Zdzislaw MALCZEWSKI Schr***

Esboço da colonização polonesa no Brasil

A vida na Polônia que se encontrava sob domínio estrangeiro, o desvelo pela preservação da língua pátria, dos valores e dos costumes nacionais e a sua transmissão à jovem geração com certeza não era uma tarefa fácil. Tanto mais porque os ocupantes faziam tudo para desnacionalizar os poloneses durante aqueles longos e dolorosos anos das partilhas. Os proprietários dos pequenos minifúndios, aos quais os ocupantes impunham uma cota, também não tinham vida fácil. Foi justamente naquele difícil período e naquela realidade das condições de vida nas vilas ou aldeias polonesas que começaram a aparecer nas feiras e nas festividades propagandistas que estimulavam os poloneses a viajar ao Brasil, onde lhes era assegurada a terra, a liberdade e a possibilidade de preservar o polonismo. Com certeza, para os poloneses daquela época isso constituía um dilema:

* Texto preparado para um livro que será publicado em Varsóvia para comemorar o centenário das relações diplomáticas entre o Brasil e a Polónia.

** Redator geral e editor de *Polonicus – Revista de reflexão Brasil-Polónia*, correspondente permanente da Rádio Vaticano, pesquisador independente da história da colonização polonesa no Brasil, reitor de Missão Católica Polonesa no Brasil.

permanecer e sofrer no país ocupado, ou viajar para uma realidade desconhecida, que prometia o que tanto lhes faltava? Assim começou a desenvolver-se a emigração a uma terra desconhecida e às condições diversas ali existentes.

Os emigrantes poloneses que se dirigiam ao Brasil, bem como a outros países da América Latina, tiveram um ponto de partida bem mais difícil que os seus compatriotas que emigravam à América do Norte. Em poucas palavras, os emigrantes se defrontavam ali com condições sociopolíticas diferentes, bem como com uma abordagem diferente dos bispos da Igreja católica diante do fenômeno dos novos fiéis que para lá vinham da Europa. Os bispos brasileiros não criavam paróquias de nacionalidades. Nos primórdios da colonização, os imigrantes poloneses não contavam com pastores que lhes assegurassem a assistência espiritual em língua pátria e que fortalecessem neles a esperança de um futuro melhor. Surgiu também uma série de problemas relacionados com a fixação inicial dos colonos poloneses no Brasil. À América do Sul emigrava sobretudo a população aldeã. Os poloneses, atribulados pelas perseguições da parte dos ocupantes, desejosos de liberdade, e também de se tornarem proprietários ao menos de um pedaço de terra, desejavam igualmente ser independentes dos potentados que os oprimiam. Segundo Bolesław Żabko-Potopowicz, 95% dos emigrantes vindos da Polônia eram camponeses (além dos 3,5% de operários e artesãos, 1,0% de comerciantes e industriais e 0,5% de intelectuais)¹.

Calcula-se que até 1914 vieram ao Brasil mais de 100 mil colonos poloneses. Esses emigrantes buscavam tornar-se

¹ Żabko-Potopowicz B., *Osadnictwo polskie w Brazylii*, Warszawa, 1936, p. 13-14.

proprietários de sua própria terra, o que conseguiam, mas também queriam livrar-se da germanização, da russificação. Queriam tornar-se poloneses livres. Esses anseios lhes eram garantidos pela emigração ao Brasil.

Após o término da Primeira Guerra Mundial, o movimento emigratório da Polônia ao Brasil começou novamente a intensificar-se, mas já não atingiu as grandes proporções do período anterior. Das estatísticas polonesas resulta que nos anos 1920-1938 emigraram ao Brasil 41,2 mil pessoas. A emigração desse período tinha um caráter diferente daquela do primeiro período da colonização. Uma grande porcentagem desses emigrantes era constituída de operários. No período de entreguerras vinham ao Brasil igualmente pesquisadores, jornalistas, articulistas e literatos². É preciso enfatizar que naquele período o governo polonês envolveu-se indiretamente na emigração ao Brasil. Em 1920 o primeiro cônsul polonês em Curitiba, Kazimierz Głuchowski, com o apoio do governo do Paraná, comprou na localidade de Amola Faca uma grande área de terra do coronel Ernesto Queirós. Com o objetivo de colonizar essa área comprada, o cônsul Głuchowski trouxe agricultores vindos da Polônia, bem como os já estabelecidos nas regiões meridionais do Brasil. Envolveu-se na colonização polonesa a Liga Marítima e Colonial³, que adquiriu terras na rota Curitiba-Foz do Iguaçu.

² Paradowska M., *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Warszawa, 1984, p. 19-20; Dobosiewicz Z., Rómmel W., „Polonia” w Ameryce Łacińskiej, Lublin, 1977, p. 32; Smolana K., *Polonia w Brazylii. Rys historyczny*, in *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. M. Kula, Wrocław, 1983, p. 334-335.

³ Z. Malczewski, *W służbie Kościoła i Polonii. 40 lat działalności chrystusowców w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1998

Com o tempo, a colônia que ali se desenvolvia foi chamada Virmond⁴. A colonização polonesa situada mais ao norte do estado do Paraná foi localizada nos arredores da atual cidade de Londrina. Cuidava da medição das áreas a empresa inglesa Paraná Plantations Ltd. Essa colonização foi iniciada nos anos 30 do século passado. A 15 quilômetros da atual cidade de Arapongas estabeleceram-se poloneses e ucranianos (estes, porque residiam em áreas que segundo o Tratado de Riga, de 1921, pertenciam à Polônia). Assim foi fundada a colônia Gleba Orle, que possuía cerca de 1.200.00 hectares. A terra que os colonos haviam recebido era tão fértil que alguns produtos agrícolas eram colhidos duas vezes por ano⁵. O nome Orle foi dado à colônia em que deviam estabelecer-se os poloneses pelos ingleses responsáveis pela demarcação dos lotes destinados a cada família. Os que se preparavam para emigrar, ao prepararem os documentos necessários à viagem, observavam que o seu objetivo era uma colônia chamada Orle (uma variante da palavra polonesa “orle”, que significa pequena água). Tratava-se de fazer com que esse nome lembrasse aos colonos o país que estavam deixando em razão das difíceis condições de vida, tais como alimentação escassa, ou em razão da crise econômica que se aprofundava⁶. Com o tempo, nessa área começaram a estabelecer-se também italianos, brasileiros e, em menor número, representantes de várias nacionalidades, como: um russo, dois alemães, um

⁴ Pszdzimirski S., *Virmond – colonização e desenvolvimento*, Warszawa, 1998, p. 29,32; Łyp B., *Marzenia o ziemi pod równikiem. Wspomnienia Franciszka Łypa z lat 1913-1935*, 2013, dat., p. 35-38; Zapahowski G., (red.), *Virmond. Emancipação político-administrativa*, Virmond, 2012

⁵ *Ibidem*, p. 37.

⁶ *Ibidem*, p. 81, 89.

canadense, um americano, um lituano, um português e dois espanhóis. Essa diversidade étnica influenciou o convívio social. Os filhos dos colonos eram estimulados ao aprendizado da língua portuguesa, ao contrário do que acontecia com a colonização precedente, onde por um longo período predominou o uso da língua própria (polonesa)⁷.

Nas proximidades da cidade de Londrina os poloneses já se haviam estabelecido a partir de 1934 na colônia chamada Warta. Esta colônia, no entanto, não recebeu emigrados da Polônia, mas foi fundada por colonos da emigração polonesa antecedente, procedentes do estado de Santa Catarina. Infelizmente, a eclosão da Segunda Guerra Mundial interrompeu a colonização polonesa que se desenvolvia no Norte do Paraná⁸.

É preciso mencionar mais uma colônia que surgiu nesse período e cuja colonização coube à Liga Marítima e Colonial. Essa colônia, também situada no estado do Paraná, chamava-se Morska Wola, estava situada nas margens do rio Ivaí e possuía 7 mil hectares⁹.

Na segunda metade dos anos 30 (do século passado), uma sociedade fundada por poloneses de Curitiba e que se chamava Sociedade Colonizadora e Comercial Paranaense S. A. foi vendida à Sociedade Colonizadora Internacional S. A. Em 1939 essa sociedade possuía no Paraná duas colônias: Jagoda, com 63.004 ha (o nome era uma homenagem ao marechal Józef Piłsudski – que tinha uma filha com esse nome)

⁷ Kawka Martins C. R., *A presença eslava na formação de Arapongas*, Curitiba, 2007, p. 9-10.

⁸ *Ibidem*, p. 63.

⁹ *Ibidem*, p. 38.

e Nowa Wola (718 ha)¹⁰. A colônia Jagoda, graças à vinda de novos colonos, com o tempo ampliou-se e transformou-se numa cidade. Em razão das medidas nacionalizadoras do presidente Getúlio Vargas, os nomes estrangeiros eram trocados por brasileiros. Por isso, o nome Jagoda foi mudado para Campo Novo e, em época posterior, para Quedas do Iguaçu¹¹.

Por sua vez, a Sociedade Colonizadora, fundada em Varsóvia, obteve das autoridades do estado do Espírito Santo 50 mil hectares, nos quais a parte polonesa se comprometia a estabelecer 1.800 famílias no decorrer de oito anos. A colonização se iniciou em 1929. A primeira colônia foi chamada Águia Branca, e a seguinte, Monte Claro. Os colonos poloneses de Águia Branca colonizaram também áreas que atualmente pertencem à região de São Gabriel da Palha (cerca de 40 km de Águia Branca) e Vila Valério (cerca de 30 km de São Gabriel da Palha)¹². Infelizmente, a colonização naquela

¹⁰ Dworecki T. SVD, *Zmagania polonijne w Brazylii*, Warszawa, 1980, t. I, p. 539; Mazurek J., *Kraj a emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*, Warszawa, 2006, p. 64.

¹¹ Z. Malczewski, *W służbie...*, op. cit., p. 60, 114.

¹² Towarzystwo Kolonizacyjne w Warszawie, *Kolonizacja polska w Brazylii* cad. I, estado Espírito Santo, Warszawa, 1930, p. 5-6; Posadzy I., *Drogą pielgrzymów*, Poznań, 1985, p. 48; M. Paradowska, *Wszystko dla Boga i Polonii. Życie i dzieło ks. Ignacego Posadzego*, Poznań, 1998, p. 135; Malacarne A., *Águia Branca. Uma rapsódia polono-brasileira na selva capixaba*, São Gabriel da Palha, 2004, p. 51; Glazar E., *Brava gente polonesa. Memórias de um imigrante, formação de São Gabriel da Palha e expansão do café conilon no Espírito Santo*, Ilha da Vitória, 2005, p. 83.

Esclarecimento do autor: a cidade de Vila Valério (atualmente sede municipal e paróquia) foi assim chamada pelos colonos poloneses em honra de Walerian Koszarowski, responsável pela realização dos

região do estado do Espírito Santo restringiu-se a um número não muito grande de colonos, em razão da eclosão da Segunda Guerra Mundial.

No entanto é preciso assinalar (do que na literatura emigratória polonesa quase não se fala) que colonos poloneses vieram ao estado do Espírito Santo alguns anos antes que se iniciasse a colonização organizada no Sul do Brasil por Sebastião Edmundo Woś Saporski¹³ e pelo Pe. Antoni Zieliński¹⁴.

Em 1929 o Pe. Ignacy Posadzy foi enviado ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai pelo cardeal August Hlond, primaz da Polônia, para se familiarizar com a realidade espiritual dos colonos poloneses. Viajando à nova colônia polonesa Águia Branca, que estava sendo fundada naquele período, o Pe. Posadzy visitou também as colônias antigas. Trezentas famílias polonesas já se haviam estabelecido anteriormente naquele estado. Tendo viajado diversas vezes a Águia Branca, eu visitei aquelas antigas colônias polonesas, tais como: Patrimônio de Santo Antônio dos Polacos (colônia fundada emigrados poloneses em 1889), Córrego d'Anta (onde se estabeleceram pomeranos de Starogard), Baunilha (poloneses procedentes da zona de ocupação construíram ali uma igreja em 1914), Córrego Seco, Triunfo, Povoação Baunilha¹⁵. Quando o Pe. Posadzy partiu do estado do Espírito Santo viajando ao Rio de Janeiro, era o tempo da Revolução de 1930. Eu gostaria de aqui registrar uma observação

planos da Sociedade Colonizadora naquela região do estado do Espírito Santo.

¹³ Z. Malczewski, *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*, Warszawa, 2000, p. 151-152.

¹⁴ *Ibidem*, p. 81.

¹⁵ I. Posadzy, *Drogą pielgrzymów...*, op. cit. p. 71-78.

interessante desse padre. Em geral, quando se escreve a respeito dos colonos poloneses, menciona-se a participação dos 300 poloneses de São Mateus do Sul, no Paraná, que sob o comando de Antônio Zdzislaw Bodziak¹⁶ participaram das lutas da Revolução Federalista. Infelizmente, a maioria deles pereceu nos combates. Mas a respeito da participação dos poloneses em outras revoluções no Brasil não encontrei informações, a não ser exatamente no livro do Pe. Posadzy: “Os poloneses também simpatizavam com o movimento revolucionário. Um destacamento especial, composto de 400 voluntários poloneses, participou do combate decisivo em Itararé. Talvez o governo atual não se esqueça de lhes retribuir por isso”¹⁷.

Nos anos 1930-1931 o Pe. Posadzy foi novamente enviado pelo cardeal Hlond com o objetivo de realizar uma inspeção dos núcleos pastorais poloneses nos três países anteriormente citados (Brasil, Argentina, Uruguai)¹⁸.

No período da II República surge a organização social Liga Marítima, que se atribuiu a tarefa de conscientizar a sociedade polonesa do grande significado que tinha a possibilidade do acesso da Polônia ao Mar Báltico¹⁹. A ação do Ministério das Relações Exteriores da Polônia levou a que, sob a influência de aspirações políticas, a Liga ampliasse os seus trabalhos e despertasse a aspiração de a Polônia possuir suas colônias. Em 1936 a Liga se transforma no instrumento oficial

¹⁶ Z. Malczewski, *Słownik biograficzny...*, op. cit., Warszawa, 2000, p. 199-200.

¹⁷ I. Posadzy, *Drogą pielgrzymów...*, op. cit., p. 87.

¹⁸ *Ibidem*, p. 5-6.

¹⁹ Białas T., *Liga Morska i Kolonialna 1930-1939*, Gdańsk, 1983, p. 5.

para a realização das concepções coloniais. E assim, entre os assuntos de que se ocupava a Liga, somou-se mais uma questão, a saber, a emigratória-colonial. No final de 1936 a Liga Marítima e Colonial (LMC) possuía cerca de 30 mil hectares adquiridos no estado do Paraná. A primeira compra envolveu áreas entre Apucarana, Três Bichos e Cândido de Abreu, onde já existia uma colonização polonesa. Essa área adquirida, que praticamente pertencia aos índios, mas onde o número dos primitivos proprietários ia diminuindo, foi denominada Morska Wola²⁰. Após alguns anos de atividade da LMC os resultados não foram muito otimistas. No final de 1937 residiam em Morska Wola 113 famílias, que ocupavam 149 lotes no interior e 16 urbanos. Assim, pois, as áreas adquiridas para a colonização e ocupadas por colonos poloneses ocupavam somente 50%²¹. T. Biafas, administrador daquelas áreas da parte da LMC, ao descrever a realidade de Morska Wola, a variedade de problemas, dizia que estava desavindo com os colonos. Tal situação não favorecia a realização dos pretendidos objetivos coloniais. Concluindo a análise da colonização promovida no Paraná pela LMC, T. Biafas afirma: “À luz dessa caracterização, abstraindo-se das motivações com que se guia, torna-se difícil reconhecer que a ação colonizadora da Liga no Paraná seja um empreendimento correto e bem planejado”²².

O período da Segunda Guerra Mundial trouxe ao Brasil uma nova onda de emigração polonesa. Esses poloneses eram geralmente refugiados que no Brasil buscavam um abrigo. Nesse grupo, que contou algumas centenas de pessoas, a maioria eram intelectuais. Entre esses refugiados

²⁰ Ibidem, p. 6, 199-201.

²¹ Ibidem, p. 206.

²² Ibidem, p. 208.

encontramos, por exemplo: o ator Zbigniew Ziembinski (considerado o pai do moderno teatro brasileiro), o poeta Julian Tuwim, o pianista Aleksander Sienkiewicz e muitos outros, que pelo seu trabalho contribuíram muito para o desenvolvimento do país. Em período posterior muitos desses refugiados deixaram o Brasil, viajando a outros países. Segundo alguns autores, no começo da Segunda Guerra Mundial vieram ao Brasil cerca de 3 mil poloneses. Algum tempo depois muitos deles emigraram para a Argentina, o Canadá, os Estados Unidos²³.

Após o término da Segunda Guerra Mundial veio ao Brasil uma nova onda de emigrados poloneses. Eram soldados das Forças Armadas Polonesas que haviam lutado ao lado dos aliados, bem como pessoas que tinham passado pelos campos de concentração nazistas. Em geral eles se estabeleceram em cidades grandes do Brasil (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre). Predominavam entre eles os intelectuais e os operários qualificados, razão por que rapidamente encontraram trabalho no país, em grande medida graças à ajuda de emigrantes poloneses que aqui se haviam estabelecido anteriormente²⁴. Calcula-se que nos primeiros

²³ Z. Malczewski, *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995, p. 28 (os dados por mim fornecidos são do arquivo de Roman Skowroński, no Rio de Janeiro: fichário dos refugiados poloneses vindos ao Brasil nos anos 1939-42, organizado pela Legação Polonesa no Rio de Janeiro); Dobosiewicz Z., Rómmel W., op. cit., p. 72-73; Stenwicz L., *Brazylia i Argentyna. Garść informacji o krajach, w których żyją Polacy*, Londres, 1946, p. 12-13.

²⁴ M. Paradowska, *Podróznicy...*, op. cit., p. 23-24; K. Smolana, art. cit., p. 335.

anos após a Segunda Guerra Mundial vieram ao Brasil entre 10 e 20 mil poloneses²⁵.

Se em anos posteriores houve poloneses que emigraram ao Brasil, foram casos individuais, isolados. Nos últimos anos observa-se a vinda ao Brasil de novos emigrantes, que em razão de matrimônio contraído com uma brasileira ou um brasileiro decidem fixar residência no País. Essas pessoas, instruídas e com uma profissão concreta, geralmente se estabelecem nas cidades grandes do Brasil. Naturalmente, há também casos de emigração individual do Brasil à Polônia pelos mesmos motivos, ou seja, em razão de casamentos polono-brasileiros.

Os religiosos poloneses no Brasil a serviço da comunidade polônica

Vale a pena neste ponto citar a opinião de Tadeusz Dworecki SVD, visto que nos apresenta a mentalidade e a postura dos colonos poloneses no Brasil: “Os poloneses, arraigados nas tradições religiosas do seu país, buscavam preservá-las no Brasil e transmiti-las a seus filhos, donde resultou a necessidade de construir suas próprias igrejas e de contar com padres que falassem a língua polonesa”²⁶.

O principal motivo da vinda dos primeiros religiosos poloneses ao Brasil eram os colonos poloneses. Esses padres queriam assegurar aos emigrantes poloneses a assistência espiritual, servindo-lhes de apoio nos seus difíceis primórdios, a eles desconhecidos quando deixavam a Polônia.

²⁵ Z. Dobosiewicz, W. Rómmel, op. cit., p. 78, 198-199.

²⁶ Dworecki T. SVD, *Zmagania polonijne w Brazylii. Polscy werbiści 1900-1978*, Warszawa, 1980, t. I, p. 321.

O Pe. Ignacy Posadzy, após a sua segunda estada na América do Sul em 1930-1931, após passar alguns dias em Montevidéu, registrou em seu livro a seguinte observação:

Nem sempre se aprecia suficientemente o significado da pastoral polonesa no exterior. A esse respeito Montevidéu nos dá uma lição! Estiveram ali diversos emissários e agentes culturais para agregar o elemento polonês. Seu esforço mostrou-se inútil. Mas apenas alguns dias de permanência de um padre polonês eletrizaram as massas adormecidas. E infundiram nelas uma vida nova, vida divina e polonesa. A Polônia ganhou com isso, e a causa divina obteve triunfo²⁷.

Infelizmente, a respeito da pastoral polonesa no Brasil, amplamente desenvolvida e benemérita diante dos colonos poloneses, não tem sido escrita muita coisa²⁸. O Pe. Wojciech Sojka escreve: “A respeito dos pioneiros da pastoral polonesa no Brasil lê-se raramente e pouco, e fora do Brasil – praticamente nada”²⁹. Passaram-se mais de sessenta anos desde que ele escreveu essas palavras. Da minha posição de

²⁷ I. Posadzy, *Drogą pielgrzymów...*, op. cit., p. 198.

²⁸ A respeito da pastoral polonesa no Brasil podem ser encontrados muitos artigos publicados na imprensa polônica. Infelizmente, livros dedicados exclusivamente a essa questão praticamente não existem. O autor do presente artigo analisa superficialmente a ação da pastoral polonesa no Brasil nos seguintes livros: *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995, 362 pp.; *W służbie Kościoła i Polonii. 40 lat działalności chrystusowców w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1998, 292 pp.; *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*, Curitiba, 2001, 290 pp.

²⁹ Sojka W., *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4(1960), p. 376.

modesto observador, posso confirmar que a esse respeito pouca coisa mudou...

Acredito que vale a pena dedicar um pouco de atenção a essa problemática, para que possamos – ao menos de forma sintética – familiarizar-nos com a história dos missionários poloneses que trabalharam entre os colonos neste país tão distante da Polônia, e também extenso, bem como com o seu trabalho nas estruturas da Igreja local.

Os religiosos poloneses que no primeiro período da chegada dos colonos vieram ao Brasil pertenciam ao clero diocesano. A maioria deles era constituída de ex-religiosos³⁰. Não se pode esquecer do fato de que no período da vinda deles ao Brasil os ocupantes estavam justamente desativando as ordens religiosas em terras polonesas. Após 1863 as ordens religiosas foram abolidas na zona de ocupação russa, e após 1875, também na zona de ocupação prussiana. Dessa forma, então, vinham ao Brasil não tanto padres diocesanos quanto padres secularizados pelos ocupantes³¹.

Como um dos primeiros religiosos poloneses que apareceram no Brasil deve ser considerado o Pe. Wojciech Męciński, um missionário jesuíta, que aqui aportou por acaso em 1631. Posteriormente o Pe. Męciński, com a díade de 42 anos, chegou ao seu destino, que era o Japão. Infelizmente, depois ele teve naquele país uma morte de mártir³².

³⁰ Ibidem, p. 377.

³¹ Sojka W., Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4(1961), p. 46.

³² Smolana K., Polonia w Brazylii. Rys historyczny, in *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. M. Kula, Wrocław, 1983, p. 332; J. Pitoń, U źródeł emigracji polskiej w Brazylii, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1973, p. 96; Paradowska M., *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce*

Entre os imigrantes poloneses que após a queda do Levante de Janeiro [de 1863] vieram ao Brasil encontramos também religiosos poloneses. Assim, em 1865 veio o Pe. Karol Mokoszewski, e em 1869, o Pe. Józef Juskiewicz³³.

O Pe. João Pitoń CM, que por muitos anos foi reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, elaborou uma lista detalhada dos padres diocesanos, bem como de diversas congregações religiosas que vieram ao Brasil nos anos 1865-1970. Com base nos dados do Pe. Pitoń, mencionarei aqueles que chegaram por primeiro: em 1865 veio o já mencionado Pe. Karol Mokoszewski, em 1867 – o Pe. Antoni Zieliński, em 1869 – os padres Marian Giżyński e Józef Juskiewicz, em 1875 – o Pe. Ludwik Józef Przytarski, em 1878 – os padres Władysław Grabowski e Franciszek Gurowski (o seu sobrenome aparece também como: Guranowski, Górowski, Guroński), em 1883 – o Pe. Jan Adamowski, em 1885 – o Pe. Wojciech Sołek (alguns apresentam o seu sobrenome como Sułek), em 1887 – o Pe. Franciszek Józef Soja, em 1889 – os padres Paulin Domainski, Andrzej Dziadkowiec e Jan Peters, em 1890 – o Pe. Kazimierz Andrzejewski, em 1891 – os padres Franciszek Chyliński, Zygmunt Chełmicki, Marcin Modrzejewski (alguns autores escrevem: Możejewski) e Władysław Smoluch, em 1895 – os padres Antoni Cuber, Aleksy Iwanów, Michał Słupek e Jakub Wróbel, em 1896 – os padres Wincenty Bronikowski, Stanisław

Poludniowej, Warszawa, 1984, p. 14 e 33; Idem, *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*, Warszawa, 1992, p. 23; Słabczyński W. e T., *Słownik podróżników polskich*, Warszawa, 1992, p. 222; Z. Malczewski, *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 17-18; Idem, *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 72.

³³ Kawka M., *Polska obecność w Brazylii*, in *Relacje Polska – Brazylia*, red. A. Dembicz, M. Kula, Warszawa, 1996, p. 35.

Fróg, Józef Fuliński, Gabriel Kraus, Wojciech Młynarczyk, Leon Niebieszczański, Maciej Piech e Antoni Rymar, em 1897 – o Pe. Wojciech Dynia, em 1898 – os padres Jan Miętus e Jan Rokosz, em 1899 – os padres Cezary Wyszyński e Jan Woluncewicz, em 1901 – o Pe. Tadeusz Stankiewicz, em 1903 – o Pe. Józef Anusz, em 1905 – os padres Adolf Kruszewski e Jan Marek, em 1908 – os padres Leonard Starzyński e Stefan Stawianowski, em 1914 – o Pe. Wincenty Hypnarowski. Por sua vez entre os padres verbistas o primeiro foi o Pe. Karol Dworaczek (1900), e entre os padres vicentinos os pioneiros foram os padres Bolesław Bayer, Hugo Dylla e Franciszek Chylaszek (1903)³⁴.

Como mencionei acima, a vinda do clero polonês ao Brasil estava relacionada sobretudo com os primórdios da colonização polonesa no país. Padres, religiosos e religiosas vinham da Polônia para se dedicarem ao trabalho missionário – e não apenas a ele – entre os emigrados poloneses. Como um dos primeiros dentre os padres que vieram da Polônia ao Brasil e proporcionaram assistência aos emigrados poloneses considera-se o Pe. Antoni Zieliński, participante do Levante de Janeiro [de 1863], chamado “Pai dos sacerdotes polônicos no Brasil”³⁵.

Neste ponto parece ser digno de registro o apelo dos imigrantes que pediam um padre polonês. A publicação *Przegląd Emigracyjny* (Revista da Emigração), editada em Lvov,

³⁴ Pitoń J., *Księża polscy w Brazylii*, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1971, p. 89-111.

³⁵ A biografia do Pe. Antoni Zieliński pode ser encontrada no meu livro *W trosce nie tylko o Polaków. Misjonarze polscy w Brazylii*, Curitiba, 2001, p. 290, no capítulo que apresenta figuras selecionadas de religiosos poloneses e polônicos.

publicou uma carta enviada no dia 15 de março de 1893 de São Mateus do Sul, Paraná, por Antoni Zdzislaw Bodziak:

Em nome dos colonos da colônia São Mateus e a ela adjacentes, que contam mais de 10.000 almas, solicito ao Prezado Senhor, que cuida da sorte dos emigrados, que se digne avisar-nos, bem como enviar-nos um padre que para cá queira vir com verdadeira dedicação. Em razão da política brasileira, e até parece que a política moscovita e alemã tiveram nisso a sua contribuição, a autoridades eclesiásticas brasileiras impõem muitas dificuldades, não querendo dar cargos a padres poloneses em colônias polonesas, dando-lhes outros cargos, ou antes, nem gostariam de ter padres poloneses. Já se teria estabelecido um dos padres recém-chegados, mas essa esperança vai desaparecendo, visto que não teve a recomendação das autoridades ou não quis empenhar-se por este lugar, esperando que os colonos primeiramente depositassem determinada importância com o objetivo de sustentá-lo, e uma importância bastante significativa, pelo que os colonos não podem decidir-se, porque querem pagar a um padre permanente, e não a um que só vem para uma ou duas semanas e vai embora, como já tem acontecido. O rendimento anual, ou seja, o salário permanente somente em São Mateus, além das colônias adjacentes, é de 2 500 mil-réis, ao que se somam os rendimentos da igreja, o que no total pode chegar a mais de 8 000 mil-réis. O sustento é garantido e, além disso, a casa paroquial conta com uma grande horta. O padre que queira vir, para não ter maiores dificuldades, providencie junto à autoridade eclesiástica superior a ordem de estabelecer-se em São Mateus, caso não seja possível de outra forma, ao menos como missionário. Então a autoridade daqui não poderá opor nenhuma resistência. Se o padre não tiver recursos próprios para a viagem, os colonos imediatamente enviarão ao Prezado Senhor a importância necessária. Acrescento que aqui é necessário um padre por vocação, um bom patriota, e então

será possível fazer muita coisa com o nosso povo. Mas, se um padre não aparecer e aqui não se estabelecer, nem se pode contar mais com os poloneses de São Mateus. Em pouco tempo, nesta liberdade brasileira, eles se tornarão selvagens e assumirão, como já estão começando a assumir, o espírito brasileiro, e seus filhos em breve negarão que são poloneses. É uma grande obrigação de todo polonês empenhar-se para não desfazer-se de uma vez por todas de tantas forças polonesas³⁶.

Alguns meses depois, no dia 20 de junho de 1893, Antoni Z. Bodziak enviou uma outra carta, na qual pedia:

Peço insistentemente, tanto em nome dos colonos como em meu próprio, que o Prezado Senhor se empenhe pelo envio de um padre, visto que um bom padre é o fundamento e a muralha do nosso povo aldeão. Em São Mateus os colonos ainda se mantêm juntos porque somos aqui pelos menos três comerciantes poloneses, que ainda os amparamos de alguma forma. Mas as outras colônias sofrem muito, porque são deixadas a si mesmas, sem quaisquer intelectuais, tanto leigos como religiosos³⁷.

Diante da situação apresentada por um dos emigrantes, a *Przegląd Emigracyjny* – no número por mim citado – transcreveu do *Gazeta polska w Brazylji* (Jornal polonês no Brasil) o trecho de um artigo intitulado “A nossa posição”, que foi publicado no dia 22 de julho de 1893. Vale a pena apresentar ao menos trechos do mencionado texto:

³⁶ *Przegląd Emigracyjny*, n. 3, Lwów, 1893, p. 117.

³⁷ *Ibidem*, p. 176.

Em terra brasileira estabeleceram-se alguns milhares de poloneses que sem exceção pertencem à Igreja católica e, no entanto, no Brasil são tratados entre os católicos como órfãos. A população polonesa, profundamente católica, acostumada à igreja e aos seus ritos, hoje desprovida daquilo que exteriormente atrai o ser humano a Deus, desprovida dos meios da graça que conduzem à salvação, encontra-se em perigo de perder a fé e, com isso, também a sua nacionalidade. – Sabemos bem que um polonês desprovido da fé despoja-se também do sentimento da sua nacionalidade, e casos assim são aqui muitos. – Alguns sacerdotes poloneses que aqui se encontram para a assistência espiritual não são suficientes para o país todo. [...] A defesa da nossa população só se encontra atualmente nos sacerdotes poloneses e no ritual eclesástico polonês, porque as escolas polonesas, que aqui são poucas, não são suficientes³⁸.

Muitas informações a respeito da pastoral polonesa no Brasil nos são fornecidas por Stanisław Kłobukowski, que visitou os emigrantes poloneses nos primórdios da sua vida de colonizadores. Eis uma observação de Kłobukowski:

A falta de um padre polonês e de escola, bem como o ambiente estrangeiro fora das colônias, prejudica muito os colonos. Muitos, no fundo da alma, apesar do sucesso, não abandonam a ideia de mudar-se para onde a população polonesa é mais numerosa, para que os filhos tenham o ensino polonês e para que eles fechem os olhos entre os seus³⁹.

³⁸ Ibidem, p. 183-184.

³⁹ Kłobukowski S., *Wspomnienia z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*, Lwów, 1898, p. 130, 182-183, 188-190.

Igualmente Józef Siemiradzki aborda em seu livro a problemática da pastoral polonesa e da preservação da identidade nacional⁴⁰.

A primeira congregação religiosa que iniciou a sua atividade em território brasileiro no ocaso do século XIX e no início do século XX foi a Congregação do Verbo Divino (verbistas)⁴¹. Os verbistas vieram ao Brasil em 1895. Iniciaram o seu trabalho no estado do Espírito Santo. Vieram ao Paraná a pedido do bispo de Curitiba – Dom José de Camargo Barros. O primeiro núcleo deles foi a paróquia de São José dos Pinhais, que na época possuía 100 km de comprimento (estendia-se até a divisa com o estado de Santa Catarina) e 50 km de largura. Essa foi a primeira paróquia no Brasil onde os verbistas se encontraram com poloneses. Em novembro de 1900 viajou a essa paróquia o Pe. Karol Dworaczek, falecido com fama de santidade⁴².

Quase que simultaneamente com os verbistas vieram os padres vicentinos. A convite do acima citado bispo Dom José de Camargo Barros e a pedido dos colonos poloneses, no dia 19 de maio de 1903 partiu de Cracóvia o primeiro grupo missionário (Os padres Bolesław Bayer, Hugo Dylla e Franciszek Chylaszek e o irmão Aleksander Węgrzyn). No

⁴⁰ Siemiradzki J., *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży po Brazylii*, Warszawa, 1900, p. 147.

⁴¹ M. Paradowska, *Wklad...*, op. cit., p. 215.

⁴² Turbański S., *Murici – terra nossa*, Curitiba, 1978, p. 35; Idem, *Kościół polski w Kurytybie*, Curitiba, 1978, p. 8; Idem, *Werbiści – Zgromadzenie Słowa Bożego (SVD)*, in *Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n. 2, 1977, p. 6-7.

dia 29 de junho de 1903 eles desembarcaram no porto de Paranaguá. No dia seguinte vieram a Curitiba⁴³.

É preciso ainda enfatizar esta realidade pouco conhecida: eis que nos primórdios da colonização polonesa no Brasil o número dos padres poloneses era decididamente pequeno demais. O Pe. Wojciech Sojka assinala claramente: “Pequeno demais para o número dos próprios emigrantes, pequeno demais para as áreas pelas quais se espalharam. Nunca contamos aqui mais que 20 padres poloneses ao mesmo tempo. Em muitas colônias, a espera pelos primeiros padres foi de 10 a 15 anos, em outras, após a partida de um, era necessário esperar anos até que viesse o seu sucessor”⁴⁴.

Permito-me aqui registrar uma observação pessoal. Quando fui nomeado provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul (1995), visitei com frequência as nossas paróquias nos estados meridionais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Na estrada que leva ao Sul do País, além de Campo Largo, encontra-se a 100 km de Curitiba a cidade de Palmeira, onde residia permanentemente um religioso polonês que atendia a extensas áreas, onde nos matos encontrava casas pequenas e pobres, ou pequenos povoados. Durante uma das minhas viagens ao Sul do Brasil, resolvi dar uma olhada no medidor de quilometragem do automóvel, visto que a área servida pelo missionário polonês se estendia até as atuais cidades de Rebouças, Rio Azul, Mallet. Pela estrada de asfalto, a distância chegava a cerca de 150 km. Durante a viagem fiquei imaginando como esse

⁴³ *Lud*, 15-07-1953, p. 1; Pałka J., Zgromadzenie Księży Misjonarzy w Brazylii, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1953, p. 48; S. Turbański, *Kościół polski...*, op. cit., p. 8.

⁴⁴ Sojka W., *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1(1961), p. 45-46.

missionário chegava até as colônias dos imigrantes poloneses, como se guiava na região. Será que tinha uma bússola ou se utilizava de mapas? É uma pena que a maioria dos nossos missionários não tenha escrito um diário, para descrever a missão realizada naquelas condições de fortalecer na fé e no polonismo os nossos colonos deixados a si mesmos.

Gostaria de neste ponto registrar o seguinte fato. O primeiro bispo da nova diocese de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, numa comovente carta ao bispo de Przemyśl pedia – por Deus – pelos menos dez padres, visto que, como escrevia: “Somente um sacerdote polonês pode assegurar a devida assistência ao emigrante polonês”⁴⁵.

Com o passar do tempo começaram a chegar ao Brasil também outras congregações masculinas, às quais se juntaram após a Segunda Guerra Mundial os membros da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados⁴⁶. O primeiro sacerdote da Sociedade de Cristo que no dia 2 de janeiro de 1958 veio para o trabalho pastoral em meio à comunidade polônica brasileira foi o Pe. Czesław Czartoryski. A seguir, naquele mesmo ano, vieram os padres: Stanisław Nowak, Zygmunt Supieta e Józef Wojda⁴⁷.

Convém assinalar que os padres vindos Polônia não somente cumpriam as tarefas decorrentes da sua vocação

⁴⁵ Ibidem, p. 46.

⁴⁶ M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 215. A Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados foi fundada pelo Primaz da Polônia cardeal August Hlond em 1932. O objetivo principal da congregação é o trabalho pastoral em prol dos compatriotas que se encontram fora da Polônia. Cf.: *Ustawy i Dyrektorium Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej*, Poznań, 1991, cap. 2, p. 9-11; *Kołodziej B., Towarzystwo Chrystusowe w Ameryce Południowej 1958-1988*, Curitiba, 1989, p. 3-7.

⁴⁷ M. Malczewski, *W służbie...*, op. cit., p. 292.

religiosa, apoiavam os imigrantes com diversos conselhos e proporcionavam o consolo espiritual, mas também contribuíram para o surgimento – além das edificações sacras – das primeiras escolas ou bibliotecas. Em caso de necessidade, o religioso polonês fornecia aos colonos a assistência médica, econômica, legal. Segundo Maria Paradowska: “O amplo âmbito de ação, sobretudo pastoral, mas também cultural e em muitas outras áreas, teve um enorme significado para os colonos poloneses e para toda a sociedade do país da sua residência”⁴⁸.

É um fato inegável que o clero polonês desempenhou um importante papel na preservação do polonismo entre os colonos poloneses e os seus descendentes no Brasil. Ênfase mais uma vez: o papel do padre polonês não se restringia, portanto, às tarefas puramente pastorais⁴⁹. Vale a pena, neste ponto, citar ainda Jerzy Mazurek, que a respeito do trabalho dos religiosos poloneses entre os nossos colonos escreve:

Nos primeiros anos da formação da colônia polonesa, principalmente no período das primeiras “febres brasileiras”, esses padres eram entre os emigrados os únicos intelectuais e desempenharam um importante papel na história da colonização polonesa no Brasil. As funções da Igreja entre os emigrados eram mais amplas que na Polônia. Além das tarefas religiosas, os padres cumpriam o papel de conselheiros e protetores que, através do cultivo do polonismo, da promoção do civismo entre os seus compatriotas, diminuía o seu desamparo num ambiente novo e estranho. A Igreja cumpriu também funções

⁴⁸ M. Paradowska, *Wklad...*, op. cit., p. 215.

⁴⁹ Dobosiewicz Z., Rómmel W., „*Polonia*” w *Ameryce Łacińskiej*, Lublin, 1977, p. 32, 108-109, 159.

educativas e integradoras, tendo contribuído para o desenvolvimento da escolaridade polonesa⁵⁰.

Tal realidade – já em condições modificadas e por vezes já muito distintas – ocorre também na atual atividade dos religiosos e das religiosas polonesas entre os brasileiros de origem polonesa, principalmente entre os estabelecidos no interior do País.

Eu gostaria de assinalar mais uma vez que os primeiros padres poloneses que vieram ao Brasil empreenderam o trabalho entre os colonos poloneses. Ruy Christovam Wachowicz – um conhecido e apreciado historiador paranaense e representante da coletividade polônica – enfatiza com toda a convicção de pesquisador da história da imigração polonesa no Brasil:

A paróquia e o padre polonês eram indispensáveis ao camponês [polonês]. A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com o semelhante. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda em razão do isolamento em que lhe coube viver. A igreja, a paróquia e o padre serão por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da união entre os colonos⁵¹.

Acontecia a mesma coisa com as congregações femininas. Inicialmente as irmãs religiosas polonesas vinham ao Brasil para trabalhar em meio aos colonos poloneses. As

⁵⁰ Mazurek J., *Kraj a emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*, Warszawa, 2006, p. 79.

⁵¹ Wachowicz R.C., *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba, 1981, p. 93.

primeiras que para cá vieram foram as Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo (1904), e a seguir as Irmãs da Sagrada Família (1906)⁵². A mais jovem congregação feminina polonesa a trabalhar em meio à comunidade polônica brasileira é a das Missionárias de Cristo Rei, que aqui se encontram desde 1988⁵³. Difícil se torna obter informações detalhadas a respeito das irmãs religiosas polonesas que exercem diversos ministérios em comunidades paroquiais, hospitais, pré-escolas, escolas. Esse tem sido o trabalho pioneiro delas realizado no Brasil, e esse trabalho continua...

Falta na historiografia uma obra científica séria a respeito do trabalho das irmãs religiosas polonesas que para cá vieram a fim de amparar os colonos poloneses através de escolas para as crianças, do ensino da religião, do trabalho em instituições de saúde. Observando os nossos polônicos e conversando com eles a respeito das suas realizações ou do seu sucesso profissional, encontro como resposta a grande humildade dessas pessoas. Quando realizei uma pesquisa para escrever o livro *Dicionário biográfico da comunidade polônica brasileira* (Curitiba, 2000), de muito polônicos, por exemplo em Curitiba, que ocupavam cargos importantes na vida política, social ou econômica, não consegui obter nem uma breve nota biográfica. De acordo com o que tenho observado, tenho a impressão de que os descendentes dos colonos poloneses preservaram uma marca característica, que é a humilde.

⁵² *Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. 100 anos de vida e ação no Brasil*, Ponta Grossa, [2006?]; *Família de Maria. A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Feliński*, Cracóvia, 2009.

⁵³ Malczewski Z., *Duszpasterstwo polskie w Rio de Janeiro*, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 3(1993), p. 425.

Outros grupos étnicos podem ter menos envolvimento, menos realizações, mas numa conversa são capazes de convencer a tal ponto o interlocutor das suas realizações que alguém insuficientemente informado sobre este país se dispõe em acreditar nessas narrativas.

Somente com o passar do tempo começaram a vir missionários e missionárias da Polônia para se dedicarem à atividade pastoral, caritativa, e também de outro caráter, mas sempre relacionado com o ministério evangélico entre os brasileiros. No que diz respeito à atividade do clero polonês no Brasil – como afirmei acima – no começo ela foi desenvolvida entre os imigrantes poloneses. O clero polonês não desenvolvia apenas uma atividade puramente religiosa, mas também consolidava entre os emigrados o sentimento da identidade nacional e a memória das próprias raízes. Atualmente essa atividade continua presente, ainda que em grande medida já seja desenvolvida em prol das sucessivas gerações dos colonos poloneses. Talvez valha a pena lembrar que o afluxo da imigração polonesa ao Brasil praticamente terminou após a Segunda Guerra Mundial. Desde o início da colonização polonesa no Brasil, através das sucessivas gerações dos imigrantes poloneses, a diversificada atividade pastoral dos padres poloneses diocesanos e religiosos, bem como das irmãs pertencentes a diversas congregações, contribuiu para a elevação do nível espiritual, moral, cultural e civilizacional entre os imigrantes poloneses, bem como dentro da sociedade local⁵⁴.

⁵⁴ M. Paradowska, *Wklad...*, op. cit., p. 225. A minha experiência e observação pessoal no decorrer de 41 anos de trabalho no Brasil confirma a opinião da mencionada autora.

Torna-se oportuno recordar – ainda que de forma sintética – as visitas pastorais que hierarcas poloneses fizeram à comunidade polônica brasileira. O primeiro a se encontrar com os compatriotas no Rio de Janeiro e em São Paulo foi o cardeal August Hlond, Primaz da Polônia. Em viagem a Buenos Aires, para o Congresso Eucarístico Internacional em outubro de 1934, o cardeal Hlond deteve-se no Rio de Janeiro. O Primaz veio acompanhado dos bispos: Teodor Kubina, Stanisław Okoniewski e Karol Radoński. O presidente Getúlio Vargas reconheceu esses hierarcas poloneses como hóspedes oficiais do governo brasileiro⁵⁵. O mesmo aconteceu na viagem de volta do Congresso, quando o Primaz da Polônia encontrou-se com a colônia polonesa em São Paulo e no Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro – na época capital do Brasil – o Primaz Hlond fez novamente uma visita oficial ao presidente Getúlio Vargas. O chefe do governo brasileiro condecorou os hierarcas poloneses com altas distinções: o cardeal August Hlond foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, e os demais bispos foram condecorados com a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul III classe⁵⁶.

Na viagem de volta de Buenos Aires o bispo Dom Teodor Kubina – ordinário da diocese de Częstochowa – deteve-se no Brasil por três meses para visitar os núcleos poloneses no Sul do País⁵⁷. O hierarca seguinte a encontrar-se

⁵⁵ Z. Malczewski, *Obecność...*, op. cit., p. 180; J. Mazurek, op. cit., p. 82.

⁵⁶ Z. Malczewski, *Obecność...*, op. cit., p. 180; *Diário Oficial da União*, p. 3 da seção 1 do dia 26.10.1934, in jusbrasil.com.br (acesso: 7 de maio de 2020).

⁵⁷ Z. Malczewski, *Obecność...*, op. cit., p. 180. Como fruto da visita aos colonos poloneses no Brasil meridional, o bispo de Częstochowa

com a comunidade polônica brasileira em 1950 foi o bispo Dom Józef Gawlina⁵⁸. Em 1968 o bispo Dom Władysław Rubin visitou os núcleos poloneses no Brasil⁵⁹. A comunidade polônica brasileira vivenciou uma grande alegria em 1984, em razão do encontro com o cardeal Józef Glemp, Primaz da Polônia e Protetor dos Poloneses Emigrados⁶⁰. Estando no Rio de Janeiro, encontraram-se com a comunidade polônica: o bispo Dom Jan Wosiński (01.07.1975), o arcebispo Dom Jerzy Stroba (03.08.1978), o cardeal Franciszek Macharski (11.11.1990) e o bispo Dom Zygmunt Kamiński (novembro de 1993)⁶¹. Alguns anos mais tarde estiveram no Brasil, tendo-se encontrado com algumas comunidades polônicas: o arcebispo Dom Zenon Grocholewski, do Vaticano (1996), e o bispo Dom Stanisław Stefanek SChr (julho-agosto de 1996 e 2019)⁶². O arcebispo Dom Szczepan Wesoły visitou várias vezes a comunidade polônica brasileira, a residente nas metrópoles (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba), bem como a residente no interior do País⁶³. Todas essas visitas dos pastores poloneses “introduziram na comunidade polonesa a renovação do espírito da fé e dos vínculos com a Polônia”⁶⁴. Da Jornada Mundial da Juventude, que se realizou no Rio de Janeiro em 2013, participaram representantes do Episcopado da Polônia: o cardeal Stanisław Dziwisz, o cardeal Kaminierz Nycz, o bispo

Dom Teodor Kubina publicou em 1935 o livro intitulado *Cud wiary i polskości wśród wychodźstwa polskiego*.

⁵⁸ Ibidem, p. 181.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ J. Card. Glemp, *Kościół a Polonia*, Poznań-Warszawa, 1986.

⁶¹ Z. Malczewski, *Obecność...*, op. cit., p. 182-183.

⁶² Z. Malczewski *W służbie...*, op. cit., p. 98-206.

⁶³ Z. Malczewski, *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta 1979-2006*, Curitiba, 2007, p. 58-61, 74-78, 176.

⁶⁴ Z. Malczewski, *Obecność...*, op. cit., p. 183.

Dom Henryk Tomasik. Os mencionados hierarcas celebraram uma Missa na igreja polonesa, encontrando-se igualmente com representantes da comunidade polônica local. Em 2015 o arcebispo Dom Waclaw Depo dirigiu um retiro para os padres da Sociedade de Cristo e na oportunidade visitou alguns núcleos pastorais polônicos por eles dirigidos. Por sua vez o bispo Dom Wiesław Lechowicz – delegado do Episcopado da Polônia para a Pastoral dos Emigrados Poloneses – em 2019 visitou alguns núcleos polônicos e participou das solenidades dos 60 anos da presença e do ministério dos membros da Sociedade de Cristo, que se realizaram em Curitiba. Dessa solenidade participou igualmente o bispo Dom Stanisław Stefanek SChr – ordinário emérito da diocese de Łomża.

Acompanhei alguns dos hierarcas acima mencionados nas visitas a algumas comunidades urbanas bem como no interior, onde vivem as sucessivas gerações dos colonos poloneses. Em geral, após a Missa celebrada em língua polonesa, realizavam-se encontros nos salões paroquiais, onde se podia notar não apenas a alegria, mas também o orgulho desses polônicos pelo fato de um bispo da Polônia ter vindo visitá-los. Nos diálogos eles se utilizavam da língua que haviam aprendido na família, de que se utilizavam os primeiros colonos. Embora se trate de uma língua arcaica, para essas pessoas das sucessivas gerações já nascidas no Brasil trata-se de um valioso tesouro herdado dos antepassados.

Características da pastoral polônica

No que diz respeito à pastoral específica, que é justamente a pastoral polônica, ela é realizada na dimensão seguinte. Nas cidades grandes – onde residem os poloneses nascidos na Polônia ou os seus descendentes fortemente ligados com a fé, a cultura e a língua polonesa – existem

paróquias pessoais ou capelarias polonesas. As paróquias pessoais polonesas foram instituídas há algumas décadas e existem até o dia de hoje: em Curitiba (Paróquia de S. Estanislau Bispo e Mártir – verbistas; desde fevereiro de 2017 a Missa dominical em língua polonesa é celebrada nessa igreja pelos padres da Sociedade de Cristo que residem na casa provincial da Congregação) e no Rio de Janeiro (Paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro – Sociedade de Cristo). Além das mencionadas paróquias pessoais, existem capelarias polonesas: em São Paulo (desde o início dirigida pelos salesianos, a seguir pela Sociedade de Cristo – de dezembro de 1996 até o final de 2016; atualmente, uma vez por mês celebra ali a Missa um dos missionários poloneses que trabalham na arquidiocese de São Paulo); Porto Alegre (inicialmente atendida por sacerdotes diocesanos e a seguir, por 70 anos, pelos padres vicentinos; desde setembro de 2015 exerce nela o ministério o autor do presente texto). Além disso, por dezenas de anos os padres vicentinos celebravam todos os domingos, na sua igreja paroquial de S. Vicente de Paulo, a santa Missa em polonês.

Nas regiões onde residem os descendentes dos imigrantes poloneses são dirigidas paróquias territoriais. Eu gostaria de enfatizar aqui que desde o início da vinda dos imigrantes ao Brasil não têm sido criadas paróquias de nacionalidades. Os bispos criavam paróquias territoriais em áreas muito extensas. As vias de comunicação eram muito primitivas, com frequência restringindo-se a um caminho estreito aberto na mata virgem.

Nas comunidades paroquiais onde residem descendentes dos imigrantes poloneses a pastoral polônica depende em grande medida das necessidades dos próprios brasileiros de origem polonesa, bem como da iniciativa e do envolvimento do próprio religioso polonês. Eu gostaria de

assinalar que em muitas paróquias do Sul do País há um grande número de colônias onde vivem os descendentes dos colonos poloneses, mas não dispõem de um padre polonês. Nessas colônias ou vilas, muitos padres poloneses e polônicos mantêm vivas as tradições polonesas ou os costumes relacionados com a religiosidade polonesa. É preciso ainda acrescentar que em muitas paróquias são dadas aulas de língua polonesa, são transmitidos programas de rádio de caráter polônico, bem como existem conjuntos de folclore polonês (muitos deles fundados pelo padre polonês)⁶⁵.

Quero citar uma observação do então Primaz da Polônia, Cardeal Józef Glemp, que visitou os núcleos polônicos no Brasil e na Argentina em 1984. Após a volta à Polônia, ele escreveu um livro no qual registrou as suas impressões:

A integração das coletividades religiosas tem a vantagem de introduzir o bem de cada nação no bem comum de cada país. Negligenciar a educação católica das crianças e dos jovens à maneira polonesa significa concordar com a mediocridade, com o rebaixamento do nível da espiritualidade. No contexto brasileiro-argentino não se pode negar que a catequese polonesa e o programa pastoral polonês, resultantes da base de uma cultura milenar, fornecem a garantia de se alcançar uma maior maturidade cristã. E isso significa uma contribuição positiva em prol da Igreja universal. [...] O sentido da pastoral polônica não consiste em preservar a todo custo a língua e os costumes poloneses, mas em desenvolver da melhor forma possível a graça da fé baseando-se na cultura polonesa e em dar assim o testemunho da vida da Igreja – de uma forma digna de ser

⁶⁵ Z. Malczewski, *Duszpasterstwo polskie...*, art. cit., p. 371.

imitada e aceita. [...] Onde a pastoral polonesa é fraca, enfraquece também a vida brasileira⁶⁶.

É preciso assinalar que as paróquias pessoais polonesas, as capelanias polonesas, bem como as paróquias territoriais em cujas áreas residem os descendentes dos imigrantes poloneses fazem parte das estruturas da Igreja local. Permito-me citar um trecho do meu pronunciamento durante uma conferência organizada pelo Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia:

No âmbito do seu ministério pastoral, a Igreja no Brasil quis envolver todos os grupos sociais. Nos primórdios da colonização, em muitos casos os bispos chamavam a atenção dos padres estrangeiros para que, ao atenderem aos seus compatriotas imigrantes, não se esquecessem das coletividades locais (mestiços, caboclos ou luso-brasileiros). Atualmente a Igreja continua a fornecer a possibilidade de promover a pastoral étnica. Nos últimos anos os documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enfatizam o valor da expressão da experiência da fé do povo em sua própria cultura. Tanto o povo como a comunidade e os evangelizadores são convocados a um aprofundamento da fidelidade não apenas ao Evangelho, mas também à cultura e à história próprias⁶⁷.

Nos primeiros anos da colonização polonesa, através dos padres poloneses a Igreja desempenhou um papel

⁶⁶ J. Card. Glemp, *Kościół a Polonia*, op. cit., p. 24-25.

⁶⁷ Malinowski M. (org), *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1999, p. 30.

unificador, foi o baluarte do polonismo. Atualmente os religiosos poloneses continuam a contribuir para a difusão da cultura polonesa, dos costumes religiosos, das tradições, do folclore, mas já em meio às sucessivas gerações dos imigrantes poloneses. Desde a eleição do cardeal Karol Wojtyła como papa, a sua visita apostólica ao Brasil e o encontro com a comunidade polônica brasileira em Curitiba no dia 4 de julho de 1980, observa-se um despertar da consciência da identidade polonesa entre as pessoas de raízes étnicas polonesas. Essas pessoas buscam as suas raízes e ficam sabendo em que consiste a identidade delas justamente dos sacerdotes poloneses. A maioria das pessoas de origem polonesa desconhece a língua polonesa. Não cabe analisar aqui as causas da diminuição do uso do idioma polonês dentro da comunidade polônica no período dos últimos setenta anos. As causas, sobretudo de natureza política, foram múltiplas. O principal motivo desse estado de coisas foi a introdução da legislação nacionalizadora a partir de 1938 pelo presidente Getúlio Vargas, com a proibição do uso de línguas estrangeiras na esfera pública e nas escolas, da publicação de periódicos e livros. É por isso que, no ministério pastoral entre aqueles que não conhecem suficientemente a língua polonesa ocorre a necessidade de apresentar a eles os valores culturais poloneses em sua língua pátria, ou seja, em português. Para os padres poloneses que trabalham nas coletividades polônicas o trabalho pastoral não se restringe apenas a tarefas estritamente religiosas. O sacerdote deve não apenas evangelizar, mas também ser um líder social e polônico. Não deve apenas ensinar a oração, administrar os sacramentos, mas também falar da Polônia atual e da sua cultura, empenhar-se por transmitir toda a riqueza da tradição espiritual polonesa. No interior, onde vivem os descendentes dos colonos poloneses, percebemos um forte sentimento de polonismo na família, que

é fortalecido mais ainda onde há um sacerdote polonês. Infelizmente, com tristeza se constata que nem todos os padres poloneses que trabalham em meio aos descendentes dos imigrantes poloneses compreendem dessa forma o seu ministério pastoral e o fato de que eles devem ser os embaixadores da tradição e da cultura polonesas⁶⁸.

Permito-me citar aqui um trecho de um artigo do engenheiro Edmundo Gardolinski (nascido em São Mateus do Sul-PR, filho de imigrantes poloneses; seu pai, Marian, foi agrimensor⁶⁹), construtor de numerosos aeroportos e prédios públicos, pesquisador e articulista polônico). O texto foi publicado no dia 25 de julho de 1957 no *Diário de Notícias* de Porto Alegre:

O anseio, senão o sonho dos poloneses deve ser neste caso que cada descendente do elemento polonês saiba da sua origem, não se envergonhe dela e esteja favoravelmente disposto aos assuntos da pátria dos seus antepassados. Essa consciência positiva não apenas será suficiente, mas será a garantia da união com a Polônia de alguém que é brasileiro, aqui firmemente estabelecido, mas que apesar disso envolve de amizade e afeto o distante país polonês, como se fosse um distante mas querido parente [...]. O brasileiro de origem polonesa sensível às causas polonesas nada perderá do seu brasileiro, por mais cordial que ele seja. Mais ainda: para o Brasil com certeza não é indiferente se um grupo que se instala em seu território e que adquire os privilégios cívicos morais e legais dispõe de algum cabedal de sentimentos, se

⁶⁸ Z. Malczewski, *Polonii brazylijskiej obraz własny...*, op. cit., p. 149-150, 194.

⁶⁹ A biografia de Edmundo Gardolinski pode ser encontrada no meu livro *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 125-126.

é uma massa valiosa ou, pelo contrário, se é medíocre ou até disso inteiramente desinteressado⁷⁰.

Durante a conferência científica já por mim mencionada, organizada pelo CESLA, da Universidade de Varsóvia em dezembro de 1998 sobre o tema “O papel da pastoral polonesa na organização das coletividades locais na América Latina”, o então jovem cientista Mariusz Malinowski disse:

O papel da Igreja na vida organizacional dos poloneses no exterior é um problema digno de especial atenção. Através da Igreja realiza-se com muita frequência a ação das organizações polônicas. Especialmente no interior, onde não há condições para a criação de uma base cultural polonesa, algumas vezes a única forma de preservação do polonismo é o cultivo dos ritos relacionados com a tradição católica polonesa ligados com o Natal e a Páscoa. E nos lugares onde graças à ação dos líderes locais se pode organizar algo mais – eventos sem a presença de um padre são inimagináveis [...]. A pastoral polônica é um fenômeno interessante no contexto histórico, visto que ambientes tão jovens como as nações latino-americanas e, como elas, compostos de um mosaico multiculturalismo e exotismo estão sujeitos a processos sociais cujas regras em geral não ultrapassaram a etapa das hipóteses. E não se pode esquecer disso ao falarmos do futuro da comunidade polônica na América Latina e da pastoral polônica com ela tão estreitamente ligada⁷¹.

⁷⁰ Gardolinski E., *Polska grupa etniczna w Região Missioneira*, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1958, p. 73.

⁷¹ M. Malinowski (org.), *Rola duszpasterstwa polskiego...*, op. cit., p. 160-161.

Por sua vez o eng. André Hamerski, líder da comunidade polônica no estado do Rio Grande do Sul, durante a mencionada conferência científica falou com profunda convicção:

O trabalho do padre nas comunidades polônicas com o objetivo de fazer renascer e preservar a cultura polonesa é um autêntico exemplo de trabalho pastoral. [...] Os lemas do renascimento da cultura da religiosidade polonesa com frequência fazem brotar lágrimas nos olhos daquelas pessoas de origem polonesa que falam ou falavam em polonês, melhor ou pior. Da história de algumas associações, clubes etc. fundados no Rio Grande do Sul resulta claramente que decaem aqueles que, apesar do respeito à cultura polonesa, excluíram Deus e perderam a memória da religiosidade da nação polonesa. Nos últimos tempos tem crescido muito o culto de Nossa Senhora do Monte Claro. Intensifica-se igualmente um movimento que testemunha o significado da religiosidade dos imigrantes poloneses na fundação dos primeiros povoados. Esta é uma das funções da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), uma instituição que funciona há apenas nove anos⁷².

No decorrer da mencionada conferência o Prof. Władysław Miodunka, da Universidade Jaguelônica, na minha opinião fez a seguinte acertada observação:

A comunidade polônica brasileira tem orgulho da sua identidade brasileira, mas espera também uma

⁷² Ibidem, p. 206-208. Um pequeno esclarecimento: no dia 27 de janeiro de 2020 a Braspol comemorou solenemente, na colônia Tomás Coelho, perto de Curitiba, os 30 anos da sua atividade.

revalorização da sua identidade polonesa, espera o reconhecimento pelos anos em que o termo “polaco” era uma definição pejorativa. Além disso, essa coletividade polônica, em sua massa, está pronta a preservar a sua identidade polonesa, que de nenhuma forma ameaça a sua identidade brasileira. Pelo contrário: ela completa essa identidade. E até a enriquece⁷³.

É justamente assim que percebo o papel da pastoral polônica, no sentido de não apenas desenvolver a sua ação numa dimensão puramente espiritual, religiosa, mas também de ser tornar protagonista e protetora da renovação e da consolidação da identidade polonesa na atual coletividade polônica brasileira. Infelizmente, esse papel da pastoral polonesa de que escrevi acima restringe-se cada vez mais, em razão do decrescente número dos religiosos poloneses.

Acredito que é preciso ainda mencionar o trabalho editorial e jornalístico dos religiosos poloneses no Brasil. Por longos anos os padres vicentinos publicaram em Curitiba, em língua polonesa, o semanário *Lud* (O Povo) e editaram anualmente o *Kalendarz Ludu* (Almanaque do *Lud*). A congregação dos padres vicentinos possuía uma tipografia própria, na qual eram impressas as publicações acima, bem como muitos livros de temática polônica. Vale a pena mencionar o Pe. José Joaquim Góral CM, que escreveu 15 livros, bem como publicou dicionários e manuais úteis para o aprendizado das línguas polonesa e portuguesa⁷⁴. Digno de menção é igualmente o Pe. João Pitoń CM, que, ao assumir a função reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, visitou os

⁷³ Ibidem, p. 42.

⁷⁴ Z. Malczewski, *W trosce...*, op. cit., p. 121-122.

núcleos polônicos, os arquivos paroquiais e oficiais. Constituem fruto do seu trabalho de pesquisa numerosas publicações, e sobretudo o imponente arquivo que se encontra na casa central dos padres vicentinos em Curitiba. O Pe. Pitoń enviou uma parte das suas coleções à biblioteca da Universidade Jaguelônica⁷⁵.

Eu gostaria de enfatizar a importância e o valor das mencionadas edições dos padres vicentinos. Infelizmente, no final dos anos 80 do século passado eles deixaram de publicar o *Lud* e, antes ainda, o *Almanaque do Lud*⁷⁶. Nesses dois meios impressos de comunicação eram publicados variados textos sobre a Polônia, a sua história e o seu presente. Dessa forma, por dezenas de anos, os incansáveis padres vicentinos preservaram, graças às mencionadas publicações, o vínculo dos colonos poloneses e dos seus descendentes com o seu país de origem.

Um outro religioso polonês que merece ser lembrado é o Pe. Estanislau Turbański SVD, que veio ao Brasil em 1971 com o propósito de aqui permanecer por um ano, a fim de realizar uma pesquisa relacionada com a atividade dos padres verbistas no Brasil e na vizinha Argentina. A partir desse propósito de permanecer um ano, o Pe. Turbański trabalhou por 41 anos coletando materiais e ajudando no trabalho pastoral. Foi autor de cerca de 250 publicações, inclusive de 5 livros⁷⁷. A respeito dos méritos dos padres verbistas no

⁷⁵ Idem, *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 68.

⁷⁶ Idem, *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*, Warszawa, 2008, p. 212-216.

⁷⁷ Idem, *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 80; gornagrupa.werbisci.pl/neoprezbiterzy/1941_rok/1941_turbanski_stanislaw.html (acesso: 2 de maio de 2020).

ministério em meio aos colonos poloneses seria preciso escrever ao menos uma volumosa monografia.

Em consequência de eu haver conhecido o Prof. Andrzej Dembicz, fundador e diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia e dos nossos numerosos diálogos sobre a necessidade de promover pesquisas sobre a coletividade polônica no Brasil, surgiu o propósito da cooperação e da publicação de um periódico. Naquele tempo eu estava exercendo a função de superior provincial da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados na América do Sul. Essa função me impossibilitava assumir a redação de uma publicação de caráter acadêmico. Em 1999 foi publicado o primeiro número da *Revista de Estudos Polono-Brasileiros Projeções*, editada em língua portuguesa em Curitiba. Esse periódico era publicado em cooperação da Província da Sociedade de Cristo com o CESLA da UV e a Braspol. Após 10 anos de boa e proveitosa cooperação, surgiu da parte da respeitada instituição CESLA a proposta de estendermos a temática dos textos publicados a todo o continente latino-americano. Para a nossa parte da redação polônica, tal proposta extrapolava os limites definidos no próprio título do periódico, bem como considerávamos que havia ainda muito material polônico para ser publicado no mencionado periódico. Com essa postura expressa da nossa parte não concordou o Prof. Andrzej Dembicz. E assim, infelizmente, a cooperação com o CESLA terminou com a publicação do número 20 da revista. Após o encerramento da publicação de *Projeções*, os membros polônicos da redação acharam que era preciso continuar a ação editorial de um periódico polônico, mas já com um novo título. Dessa forma, em 2010 começamos a publicar um novo periódico dedicado às relações Brasil-Polônia – a *Revista de Reflexão Brasil-Polônia Polonicus*, uma publicação que em certo sentido é a

continuação de *Projeções*. A revista é publicada duas vezes ao ano em língua portuguesa. Aparece também em polonês o sumário, o editorial e um resumo de cada artigo. O provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul, Pe. Casimiro Długosz SChr, demonstra compreensão e permite que eu destine o salário recebido para a publicação da mencionada revista. Eu gostaria de enfatizar que nos últimos anos a publicação do *Polonicus* baseia-se em grande medida numa ajuda financeira que recebemos da Associação “Wspólnota Polska”. Quero ainda assinalar que, além da edição em papel, a revista aparece também em versão eletrônica (www.polonicus.com.br). Estou convencido de que a publicação desses dois periódicos em língua portuguesa, já por vinte anos, e que possuem uma seção ligada com a Polônia está se tornando – não para as massas, mas para destinatários selecionados – uma espécie de sinal simbólico do vínculo com o país da nossa origem. Essa é também a ação de um religioso polonês que tem por objetivo familiarizar os polônicos e os brasileiros com a realidade polonesa.

Em 2009 comecei a publicar o boletim *Echo Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii* (Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil). Desde janeiro de 2012 esse periódico começou a ser publicado com o título de *Echo Polonii Brazylijskiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira). A publicação era bimensal e era editada totalmente em língua polonesa (formato A4, 12 páginas). Esse era o único periódico publicado em polonês no Brasil. Eu o enviava aos núcleos diplomáticos, a organizações polônicas e aos missionários e missionárias poloneses que trabalhavam no Brasil. No final de 2016 decidi interromper a publicação do periódico em razão da falta de informações enviadas a respeito de eventos organizados nos núcleos polônicos ou missionários. Além disso, eu não contava com nenhum apoio financeiro. Esporadicamente algum padre

enviava uma modesta importância para ajudar a cobrir as despesas com o correio. Em 2015 assumi a órfã pastoral polônica em Porto Alegre. Após 70 anos de trabalho entre os polônicos dessa cidade, os padres vicentinos decidiram afastar-se desse ministério. Por alguns anos a Capelania Polonesa ficou sem um padre. Com o objetivo de aproximar os fiéis de origem polonesa da Igreja Polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro (que foi construída pelos imigrantes e pelos seus descendentes no período de uma grande crise mundial, tendo sido inaugurada em 1934), os quais, por não terem o seu padre, se haviam espalhado pelas paróquias territoriais, comecei a publicar o boletim informativo *Voz de Monte Claro*. Esse periódico é distribuído aos polônicos que nos domingos vêm para a santa Missa e é enviado pelo correio a outros, que vivem dispersos na região metropolitana de Porto Alegre.

Missão Católica Polonesa no Brasil

Ao falarmos da pastoral polônica, não nos podemos esquecer da existência da Missão Católica Polonesa no Brasil. Os primórdios da Missão devem ser buscados na nomeação do seu primeiro reitor. Nos documentos a mim acessíveis não encontrei o documento da sua instituição. Por proposta do arcebispo Dom Józef Gawlina, protetor dos emigrados poloneses residente em Roma, no dia 4 de fevereiro de 1953 o Pe. Ludovico Bronny CM, visitador da congregação dos padres vicentinos, foi nomeado pela Congregação Consistorial missionário dos emigrantes poloneses no Brasil. A nomeação foi assinada pelo cardeal Adeodato Giovanni Pizza,

responsável por essa Congregação da Santa Sé ⁷⁸. Tradicionalmente, nas condições da emigração polonesa, essa função era identificada com a de reitor. A partir daquele momento toda correspondência enviada ao Pe. Ludovico Bronny e aos seus respectivos sucessores era endereçada como ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil⁷⁹.

Assim, pois, a data de 4 de fevereiro de 1953 deve ser considerada como o início da organização da pastoral polonesa especial no Brasil. Isso aconteceu graças aos empenhos do incansável arcebispo Dom Józef Gawlina⁸⁰.

Possivelmente a maior dificuldade no desenvolvimento da atividade pelos diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil tenha sido a falta de adequados recursos financeiros. Fala desse problema o Pe. Estanislau Piasecki em sua carta do dia 13 de março de 1956 ao arcebispo Gawlina⁸¹. Por sua vez o Pe. João Pitoń, numa carta do dia 10 de julho de 1963 ao arcebispo Dom Józef Gawlina escrevia: “Reitorias sem recursos financeiros são uma utopia; assumir somente pesos é um absurdo que não pode perdurar por muito tempo”⁸². Num tom semelhante escrevia também o Pe. Pitoń ao cardeal Stefan Wyszyński, Primaz da Polônia⁸³.

Por certo período a Província Norte-Americana da Sociedade de Cristo apoiou financeiramente a atividade do reitor Pe. Benedito Grzymkowski SChr. Em grande medida

⁷⁸ Arquivo dos Padres Vicentinos em Curitiba (a seguir: APV). Pasta: Reitoria da Missão Católica Polonesa 1955-1962. Declaração do Pe. L. Bronny do dia 14.12-1955; *Lud*, 08.08.1953, p. 1.

⁷⁹ APV. Pasta: Reitoria da Missão Católica Polonesa 1952-1963.

⁸⁰ *Lud*, 08.07.1953, p. 1.

⁸¹ APV: Pasta: Reitoria da Missão Católica Polonesa 1952-1.

⁸² APV. Pasta: Reitoria da Missão Católica Polonesa 1952-1963.

⁸³ *Ibidem*.

esses recursos eram utilizados para cobrir as despesas de viagem aos núcleos polônicos e com o objetivo de visitar os sacerdotes poloneses que trabalhavam nas diversas regiões deste extenso país. No que diz respeito à atividade editorial, é preciso enfatizar que nos primórdios do seu reitorado o Pe. Grzymkowski publicou todos os meses, por três anos, o *Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii* (Boletim da Missão Católica Polonesa no Brasil). Infelizmente, a inflação galopante daquele período fez com que ele, sem contar com recursos financeiros, ele interrompesse a publicação do mencionado boletim. A ajuda financeira recebida dos Estados Unidos não durou muito tempo. É por isso que a ação do Pe. Grzymkowski foi limitada. Quando recebi a nomeação para reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil em 2009, sendo ao mesmo tempo pároco da paróquia de S. João Batista em Curitiba, eu muitas vezes destinava à ação da reitoria o salário de pároco recebido na paróquia. No entanto é preciso afirmar que, apesar das dificuldades financeiras com que se defrontavam, os diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil procuraram desempenhar com eficiência essa missão específica, e difícil de cumprir, que lhes foi confiada pela Igreja.

Observações finais do autor

“Todo missionário polonês, onde quer que se encontre, torna-se um embaixador da Polônia. Trabalhando entre os compatriotas, envolvendo-os com a sua proteção, cultivando nos corações deles o amor à Mãe-Pátria, ele amplia as fronteiras dessa Pátria, criando com o seu trabalho os novos

Livros da Nação e da Peregrinação Polonesa”⁸⁴ – palavras do Pe. Alfons Labudda SVD, na época provincial dos padres verbistas, que se encontram na introdução do livro do Pe. Tadeusz Dworecki SVD e que me permito reconhecer como minhas, para com elas concluir este artigo. Estou convencido de que a frase citada é a melhor resposta e sincronização com o título do artigo.

Kazimierz Głuchowski, o primeiro cônsul polonês no Brasil, para melhor conhecer a realidade dos colonos poloneses no Brasil e das sucessivas gerações da imigração polonesa, visitou as colônias no Brasil meridional e pôde ver de perto a vida difícil delas, mas também as conquistas alcançadas pelo pesado trabalho. Os diálogos com os líderes familiarizaram o diplomata polonês com as condições de vida e com os esforços que esses colonos empreendiam para não perder o espírito e os valores poloneses. Apesar de se terem passado quase cem anos desde aquelas visitas às colônias polonesas, o pensamento do diplomata polonês continua a refletir certa realidade que – sendo eu um imigrante e visitando a Pátria – percebo na Polônia. Por um lado, nos últimos anos despertou entre os políticos o interesse pela coletividade polonesa no Brasil, mas, de maneira geral, infelizmente, os meios de comunicação, bem como a maior parte da sociedade polonesa, não possuem o conhecimento da coletividade polônica brasileira.

Este modesto trabalho [...] deseja fornecer à sociedade polonesa – que infelizmente sabe muito pouco sobre as colônias polonesas no Sul do Brasil – uma imagem certamente incompleta, mas possivelmente imparcial, da sua situação na terra dos nossos antípodas. [...]

⁸⁴ T. Dworecki, *Zmagania polonijne...*, op. cit., p. 7.

É tempo, também, de nos conscientizarmos claramente do que realmente significam as nossas colônias no Sul do Brasil, da quantidade de pessoas que representa esse rebento da nossa nação, de como elas vivem, trabalham e se organizam, e dos valores que representam para a Polônia⁸⁵.

Observações finais

A respeito do envolvimento do clero polonês além do trabalho estritamente pastoral entre os imigrantes estabelecidos no Brasil, M. Paradowska escreve:

Nos seus difíceis primórdios, os padres constituíram um indispensável apoio espiritual e moral, e em grande medida graças a eles os poloneses tiveram uma vida um pouco mais fácil no difícil período da sua instalação. Os padres não cumpriam somente tarefas pastorais, mas ajudavam com conselhos, consolavam, cultivavam o polonismo, bem como contribuíam para a organização das primeiras escolas e bibliotecas e, em caso de necessidade, proporcionavam também a ajuda médica, econômica e legal, ajudando também aos emigrados em todas as outras áreas da vida cotidiana. Um âmbito de ação tão amplo, sobretudo pastoral, mas também cultural e em muitas outras áreas, teve um enorme significado para os colonos poloneses e para toda sociedade do país de sua residência⁸⁶.

Os padres da Polônia que vinham ao Brasil a fim de proporcionar assistência pastoral aos imigrantes poloneses eram entre eles as únicas pessoas com estudos superiores

⁸⁵ Głuchowski K., *Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*, Warszawa, 1927, p. 9.

⁸⁶ M. Paradowska, *Wkład Polaków...*, op. cit., p. 214-215.

concluídos. Estou convencido de que, quando eles viam os colonos que se defrontavam com as dificuldades que lhes proporcionava o destino de colonizadores, envolviam-se em variadas atividades no meio deles para “recriar nesse ambiente uma nova Polônia”. Isso é enfaticamente comprovado pelo fato de que em volta de Curitiba surgiu um anel de colônias polonesas que foram chamadas justamente Nova Polônia. A ação do padre polonês em meio aos imigrantes foi em certo sentido uma recriação da Polônia na realidade da colonização polonesa no Brasil meridional. A figura do padre polonês era o vínculo simbólico com a pátria que os imigrantes deixavam, para encontrar no Brasil a liberdade e um pedaço de terra para cultivar.

No decorrer dos meus mais de quarenta anos de vida no Brasil tive a oportunidade de observar justamente esse diversificado trabalho do clero polonês em prol dos colonos poloneses e dos seus descendentes nesse país. Olhando para trás, e também para os tempos atuais, fico pensando quantos religiosos poloneses desenvolveram o ensino da língua polonesa. Por experiência própria posso confirmar, por exemplo, a introdução do ensino da língua polonesa na escola fundamental pública em Carlos Gomes, no Rio Grande do Sul. E também mais tarde, quando instituí junto à igreja polonesa no Rio de Janeiro um curso de língua polonesa, onde primeiro lecionei eu mesmo, e depois assumiu o papel de professora a Sra. Anna Obrzut, formada em filologia polonesa, e depois dela as Irmãs Missionárias de Cristo Rei para os Poloneses Emigrados. E também corais poloneses, que executam não apenas cânticos religiosos, mas também patrióticos e populares. Nos últimos anos, quando a Polônia se tornou um país soberano, fico imaginando quantos religiosos poloneses organizaram excursões ou peregrinações ao país dos antepassados...

Nesse período do meu ministério não trabalhei em muitos núcleos pastorais, mas o que se gravou em minha memória? Quando no início da minha vida entre os descendentes dos imigrantes poloneses eu viajava de vez em quando para passar as férias na Polônia e na volta me encontrava com os polônicos daqui, a pergunta que eu mais ouvia era: “Como é eu vai a nossa Polônia?” Essa pergunta me conscientizou então de que, apesar de essas pessoas não conhecerem de vista o país da sua origem, elas tinham a peculiar consciência de pertencerem à Nação Polonesa. Percebi então que para aquelas pessoas eu era de certa forma um elo entre o Brasil deles e a nossa Polônia, pela qual eles nutriam um cordial afeto.

O que nos últimos tempos mais me alegra ao olhar para o mapa do Brasil meridional é o número cada vez maior de centros de ensino de língua polonesa que estão surgindo. Mas existe também uma outra realidade que nos é muito dolorosa, que é diminuição dos religiosos poloneses entre os descendentes dos colonos poloneses. Praticamente já não temos um novo afluxo de novos missionários polônicos (no máximo mui esporadicamente aparece um padre religioso vindo da Polônia), enquanto a geração mais velha dos religiosos procedentes da Polônia vai passando à guarda eterna. Numa palavra, constata-se o doloroso fato de que a pastoral polonesa está minguando. Além disso, os religiosos brasileiros de origem polonesa nem sempre se envolvem no ministério entre os seus, para preservar entre eles o polonismo ainda que seja pela celebração da Missa em polonês, ou pela organização de solenidades relacionadas com datas especiais do calendário religioso polonês.

Que os vivos não percam a esperança!

Bibliografia

Białas T., *Liga Morska i Kolonialna 1930-1939*, Gdańsk, 1983

Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. 100 anos de vida e ação no Brasil, Ponta Grossa, [2006?]

Diário Oficial da União, p. 3 da seção 1 do dia 26.10.1934, in jusbrasil.com.br (acesso: 7 de maio de 2020)

Dobosiewicz Z., Rómmel W., *„Polonia” w Ameryce Łacińskiej*, Lublin, 1977

Dworecki T. SVD, *Zmagania polonijne w Brazylii*, Warszawa, 1980, t. I

Família de Maria. A obra do bem-aventurado Zygmunt S. Feliński, Cracóvia, 2009

Gardolinski E., Polska grupa etniczna w Região Missioneira, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1958

Glazar E., *Brava gente polonesa. Memórias de um imigrante, formação de São Gabriel da Palha e expansão do café conilon no Espírito Santo*, Ilha da Vitória, 2005

Glomp Card. J., *Kościół i Polonia*, Poznań – Warszawa, 1986

Głuchowski K., *Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*, Warszawa, 1927

Kawka M., Polska obecność w Brazylii, in *Relacje Polska – Brazylia*, red. A. Dembicz, M. Kula, Warszawa, 1996

Kawka Martins C. R., *A presença eslava na formação de Arapongas*, Curitiba, 2007

| Artigos

Kłobukowski S., *Wspomnienia z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*, Lwów, 1898

Kołodziej B., *Towarzystwo Chrystusowe w Ameryce Południowej 1958-1988*, Curitiba, [1989?]

“Lud”, 08.07.1953, 15.07.1953

Łyp B., *Marzenia o ziemi pod równikiem. Wspomnienia Franciszka Łypa z lat 1913 – 1935*, 2013, dat.

Malacarne A., *Águia Branca. Uma rapsódia polono-brasileira na selva capixaba*, São Gabriel da Palha, 2004

Malczewski Z., *Duszpasterstwo polskie w Rio de Janeiro*, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 3(1993)

_____. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995

_____. *W służbie Kościoła i Polonii. 40 lat działalności chrystusowców w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1998

_____. *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*, Warszawa, 2000

_____. *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*, Curitiba, 2001

_____. *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta 1979-2006*, Curitiba, 2007

_____. *Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil*, Warszawa, 2008

Malinowski M. (org.), *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1999

Mazurek J., *Kraj a emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*, Warszawa, 2006

Pałka J., Zgromadzenie Księży Misjonarzy w Brazylii, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1953

Paradowska M., *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Warszawa, 1984

_____. *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*, Warszawa, 1992

_____. *Wszystko dla Boga i Polonii. Życie i dzieło ks. Ignacego Posadzego*, Poznań, 1998

Pitoń J., Księża polscy w Brazylii, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1971

_____. U źródeł emigracji polskiej w Brazylii, in *Kalendarz „Ludu”*, Curitiba, 1973

Posadzy I., *Drogą pielgrzymów*, Poznań, 1985

Przegląd Emigracyjny, n. 3, Lwów, 1893

Pszdziński S., *Virmond – colonização e desenvolvimento*, Warszawa, 1998

Smolana K., Polonia w Brazylii. Rys historyczny, in *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. M. Kula, Wrocław, 1983

Sojka W., Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4(1960)

_____. Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, in *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1(1961)

Towarzystwo Kolonizacyjne w Warszawie, *Kolonizacja polska w Brazylii* cad. I, estado Espírito Santo, Warszawa, 1930

Turbański S., *Murici – terra nossa*, Curitiba, 1978

_____. *Kościół polski w Kurytybie*, Curitiba, 1978

_____. Werbiści – Zgromadzenie Słowa Bożego (SVD), in *Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n. 2, 1977

Siemiradzki J., *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży po Brazylii*, Warszawa, 1900

Słabczyński W. e T., *Słownik podróżników polskich*, Warszawa, 1992

Stenwicz L., *Brazylia i Argentyna. Garść informacji o krajach, w których żyją Polacy*, Londyn, 1946

Ustawy i Dyrektorium Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej, Poznań, 1991

Wachowicz R.C., *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba, 1981

Zapahowski G., (red.), *Virmond. Emancipação político-administrativa*, Virmond, 2012

Żabko-Potopowicz B., *Osadnictwo polskie w Brazylii*, Warszawa, 1936

RESUMO – STRESZCZENIE

Polscy duchowni pojawili się w Brazylii wraz z przybywaniem naszych osadników do tego kraju. W początkach liczba polskich księży nie przekraczała 20 osób. Trzeba podkreślić, że przez wiele lat polscy księża docierali do Brazylii przede wszystkim ze względu na naszych imigrantów. W późniejszym okresie docierali, aby pełnić posługę w strukturach lokalnych tutejszego Kościoła.

Dla imigrantów ksiądz rodak był znakiem łączności z krajem pochodzenia. Niestety w ostatim okresie ubywa duszpasterzy polonijnych. Starsze pokolenie odchodzi, a z Polski już nie mamy dopływu nowych misjonarzy, którzy by mogli służyć tak emigrantom, jak i kolejnym generacjom potomków polskich osadników.

**AS REVISTAS PROJEÇÕES E POLONICUS
E O SEU APRECIÁVEL APORTE
PARA A APROXIMAÇÃO CULTURAL
POLONO-BRASILEIRA**

Mariano KAWKA*

É sabido que – apesar de constituírem um grupo imigratório formado predominantemente de camponeses – já a partir do final do século XIX os poloneses desenvolveram no Brasil uma pujante imprensa em sua língua pátria. Algumas dessas publicações tiveram vida efêmera, mas houve aquelas que subsistiram por décadas, como os jornais *Gazeta Polska w Brazyliai* (1892-1941), o *Polak w Brazyliai* (1905-1920) ou o *Lud* (1920-1940 e 1947-1999).

Na medida em que os imigrantes e seus descendentes se integravam na realidade e na sociedade brasileira, começaram a surgir também publicações em língua portuguesa sobre a temática polonesa e polônica, em algumas das quais começou a estabelecer-se uma interessante simbiose entre os poloneses, os seus descendentes (polônicos) e os brasileiros que por razões diversas demonstravam interesse pela Polônia e pela sua cultura.

Assim, há quase um século, depois que a Polônia ressurgiu em 1918 como um Estado independente, surgiu a primeira publicação importante com esse perfil, a revista *Brazil-Polonia*, que circulou nos anos 1921-1923 e 1932-1937,

* Professor, tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

editada no Rio de Janeiro, e que tinha por finalidade tornar conhecida a Polônia e seus problemas. Tinha como diretor o Sr. Leôncio Correia¹ e contava em sua comissão editorial com eminentes nomes da intelectualidade brasileira da época. Abordava questões econômicas e políticas relacionadas com a Polônia, que após a Primeira Guerra Mundial havia ressurgido no mapa da Europa como um país independente. Divulgava a literatura polonesa e incentivava promoções como a ereção de um monumento comemorativo por ocasião do Centenário da Independência do Brasil, oferecido ao Brasil “pelos imigrantes poloneses”. Tal monumento concretizou-se na estátua do Semeador, de autoria de João Zaco Paraná, que se encontra na Praça Eufrásio Correia, em Curitiba. A revista deixou de circular com a nacionalização promovida pelo governo de Getúlio Vargas no final da década de 1930.

A respeito do papel que uma publicação em português sobre assuntos poloneses representava, após um ano de publicação da revista *Brazil-Polonia*, seu diretor, Leôncio Correia, escreveu em agosto de 1922, na matéria intitulada *Um anno* (preservo a ortografia utilizada na época pelo autor):

Reintegrada a sua independencia, pelo patriotismo de seus filhos e pela victoria das armas libertadoras que, de concerto com os aliados, manejara em ásperos combates, a Polonia encontrou a solemne affirmação da mais commovida sympathia, pelo renovado e brilhante aspecto de sua vida livre, no Brazil que sinceramente commungara dos seus desastres passados, tendo sempre presente a sua millenaria missão civilisadora no Oriente europeu.

¹ Leôncio Correia, Paranaguá-PR 1865 – Rio de Janeiro-RJ 1955, político e poeta brasileiro. Foi deputado pelo Paraná (1892-1897) e diretor da Imprensa Nacional.

E as duas nacionalidades aproximaram, ainda mais, através do espaço, as suas almas irmãs.

Sob a actuação esclarecida da diplomacia, representada agora por illustres filhos dos dois países, novas perspectivas e mais riosas possibilidades, de realizações fecundas, se abrem para os dois povos, já tão intimamente ligados por laços affectivos e espirituais.

É no servir e facilitar tão elevada tarefa, que “Brazil-Polonia” explica o proprio motivo de sua existencia².

Nos anos 1925-1926 circulou a publicação mensal *Eco da Polonia*, que tinha por objetivo divulgar a arte, a ciência, a literatura, a história, a língua e a vida social da Polônia na América Latina. A redação encontrava-se em Curitiba, e os artigos eram publicados em português e espanhol.

Durante a Segunda Guerra Mundial, algumas publicações em língua portuguesa, denominadas “boletins”, tinham por finalidade a coordenação da ajuda às vítimas da guerra na Polônia.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial houve um incremento nas publicações em português sobre assuntos poloneses por ocasião das comemorações do Milênio da Polônia Cristã (1966). Assim, a Superintendência do Milênio Cristão da Polônia (SUPOL), sob a coordenação do Prof. Francisco Dranka³, fez circular um boletim informativo – *SUPOL informa* – sobre as atividades da instituição. No período 1965-1966 esse boletim teve em Curitiba 8 números publicados, tendo um deles chegado a 10 mil exemplares.

² L. CORREIA. Um anno. *Brazil-Polonia*, Anno II, n. 13, agosto de 1922, p. 2.

³ Francisco Dranka (1934-1982) – professor, jornalista e ilustre intelectual polônico. Sua morte prematura deixou uma lacuna sensível dentro da comunidade polono-brasileira.

Foi também da mencionada SUPOL a iniciativa de iniciar a publicação dos *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, que tinha como objetivo básico oferecer aos estudiosos da imigração polonesa no Brasil textos e documentos originalmente escritos em polonês e traduzidos para o português, além de trabalhos originais de autoria de pesquisadores da problemática da imigração polonesa no Brasil, como o Prof. Ruy C. Wachowicz, o Pe. João Pitoñ e outros. A publicação não tinha uma periodicidade definida, em razão dos problemas financeiros, cuja solução nem sempre podia ser programada com antecedência. Nessas condições, entre os anos 1970 e 1984 foram publicados 9 volumes dos *Anais*⁴.

Alguns anos se passaram sem que houvesse no Brasil uma publicação que abordasse a questão da Polônia e do polonismo, ou que oferecesse aos estudiosos dos problemas polono-brasileiros um órgão onde eles pudessem expor os resultados das suas pesquisas.

No entanto, foi justamente nesse período que ocorreram dois acontecimentos históricos que colocaram a Polônia na ribalta do jornalismo mundial e que despertaram nos corações dos poloneses, dos cidadãos de origem polonesa que viviam em outros países, bem como na opinião pública mundial um reavivado interesse por esse país, pela sua cultura e pela sua contribuição civilizacional para o mundo inteiro. Esses eventos foram: em 1978, a eleição do cardeal polonês Karol Wojtyła para o cargo de dirigente supremo da Igreja católica com o nome de João Paulo II; e, em 1989, o desmantelamento da ordem política imposta à Europa pela

⁴ Cf. M. KAWKA. Para a preservação da história. *Polonicus – Revista de reflexão Brasil-Polônia*, ano XI 1/2020, n. 20, pp. 121-126.

Conferência de Yalta⁵ e o fim do regime comunista instituído nos países da Europa Centro-Oriental, processo em que a Polônia – através do papa João Paulo II e do movimento sindical Solidariedade – teve um papel preponderante.

O surgimento da revista *Projeções*

Foi já nessa nova realidade e nesse novo clima que em 1999 surgiu a ideia da publicação da revista *Projeções – Revista de Estudos Polono-Brasileiros*. O projeto pôde ser concretizado graças à cooperação entre a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL), a Congregação da Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana e o Centro de Estudos Latino-Americanos (CESLA) da Universidade de Varsóvia. A coordenação do Conselho Editorial da revista coube ao Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr.

No editorial do número 1 dessa publicação lemos:

A nova revista que o prezado leitor tem em suas mãos deve ser uma revista brasileiro-polônica e representará: o âmbito polônico-brasileiro, intelectuais brasileiros interessados em questões brasileiro-polonesas, como também aqueles que demonstram seu interesse pela Polônia. Por fim, esta revista representará o âmbito de intelectuais poloneses interessados em questões brasileiras. Além disso, a nossa revista poderá ser um meio que – de certa forma – dará um apoio

⁵ Conferência de Yalta – conferência (4-11/2/1945) que reuniu Churchill, Roosevelt e Stalin para resolver os problemas suscitados pela iminente derrota da Alemanha nazista. Definiu as futuras fronteiras da Polônia e deixou o país na órbita da influência soviética.

intelectual para os já existentes contatos amistosos entre o Brasil e a Polônia⁶.

Com o título *Projeções*, entre os anos 1999 e 2009 a revista teve 20 números publicados.

A revista com o novo título *Polonicus*

A partir de 2010, após uma reformulação do seu corpo editorial, a revista *Projeções* assume um formato algo diferente e passa a ser publicada com o título *Polonicus – Revista de reflexão Brasil-Polônia*, agora como uma publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil. O Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski continua a coordenar o Conselho Editorial. Desde o início da publicação, a determinação e o idealismo desse ilustre membro da Sociedade de Cristo têm sido decisivos para o sucesso do empreendimento.

Passados dez anos, a revista chega ao seu número 21, tendo com isso atingido a mesma marca de *Projeções* e estando em vias de ultrapassá-la. A continuidade da publicação se torna possível, em grande parte, graças à ajuda financeira obtida do governo polonês através da Associação *Wspólnota Polska*.

Embora a revista seja publicada em português, a acesso a ela àqueles que conhecem a língua polonesa é facilitado por três fatores: 1) no sumário, os títulos das matérias aparecem em português e polonês; 2) após cada artigo há um breve resumo em polonês; 3) o editorial – que oferece uma boa visão do conteúdo – também é publicado em português e polonês.

⁶ *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, ano 1, 1999, n. 1, p. 8.

Além da publicação em papel, o periódico tem a sua versão eletrônica, que pode ser acessada no site: www.polonicus.com.br

Conclusão

Os poloneses desenvolveram no Brasil uma pujante imprensa em língua pátria. No entanto a colonização polonesa neste país, como um empreendimento que deu margem ao deslocamento de grandes massas populacionais, praticamente se encerrou com a vinda das últimas levas de imigrantes poloneses após o término da Segunda Guerra Mundial. Depois disso não houve um afluxo de novos imigrantes que contribuísse para a preservação dos traços étnicos ou para a manutenção da língua polonesa no Brasil num nível de uso diário. Ocorreu uma natural e progressiva assimilação, e o que se observa hoje são pessoas bilíngues (mas que certas vezes não se sentem à vontade na utilização da língua polonesa), ou que só conhecem alguns rudimentos da língua polonesa. Além disso, a miscigenação étnica que ocorreu dentro da sociedade brasileira e o próprio pragmatismo da vida têm levado a uma utilização mais reduzida das línguas dos antigos imigrantes – e, portanto, também da língua polonesa – no ambiente familiar.

Mas, por outro lado, também se verifica que nos últimos anos o interesse pela língua polonesa tem aumentado no Brasil, assim como o nível do intercâmbio turístico, cultural, etc. entre o Brasil e a Polônia. Esse interesse pela Polônia e pelos assuntos com ela relacionados não se restringe aos poloneses aqui residentes e aos descendentes dos antigos imigrantes, mas facilmente pode ser observado em ambientes que não são propriamente os polônicos.

Diante disso, publicações em português que abordem a temática polonesa e polônica são e certamente serão úteis e bem-vindas no Brasil. É preciso que elas sejam estimuladas não apenas pela comunidade polônica brasileira, mas também – como temos a satisfação de observar – por parte da Polônia e dos seus governantes, para que os valores da cultura polonesa sejam preservados e multiplicados como uma preciosa herança cultural dentro da nova e promissora realidade que os nossos países vivenciam.

Nessa tarefa de aproximação cultural entre o Brasil e a Polônia a revista *Polonicus* cumpre com certeza uma prestigiosa função.

RESUMO – STRESZCZENIE

Polonia brazylijska już ma poza sobą półtora wieku historii. Między jej dokonaniem odznacza się rozwinięcie bogatej działalności dziennikarskiej. Znane są m. in. publikacje w języku polskim "Gazeta polska w Brazylii" (1892-1941), "Polak w Brazylii" (1905-1920) czy "Lud" (1920-1940 i 1947-1999).

Po odzyskaniu niepodległości po I wojnie światowej zaczęły ukazywać się także publikacje w języku portugalskim poświęcone tematyce polskiej. Pierwszą z nich była "Brazil-Polonia" (1921-1923 i 1932-1937).

Artykuł omawia w szczególności powstałe w 1999 r. czasopismo "Projeções", którego w okresie 1999-2010 wydano 20 numerów. Od 2010 r. czasopismo publikowane jest pod tytułem "Polonicus" i w swoim obecnym wydaniu dochodzi do nr 21.

BRONISŁAW RYMKIEWICZ E A VILA DE PARANAPIACABA

*Newton José BARROS GONÇALVES**

Introdução

Bronisław Rymkiewicz nasceu em Kowno, Polônia, em 14/10/1849 e faleceu em Londres, Inglaterra, em 27/10/1907.

Concluiu os estudos no ginásio municipal em Riga, cidade atualmente situada na Letônia, mas, na época, Território



dependente da República da Polônia. De 1868 a 1871 estudou Engenharia na escola politécnica da mesma cidade.

De 1871 a 1873 continuou seus estudos em Engenharia, inicialmente na Eidgenössische Technische Hochschule, em Zurique, Suíça, e depois nas escolas politécnicas de Aachen e de Munique, na Alemanha, onde concluiu

o curso e recebeu o diploma de Engenheiro.

* Geógrafo da Prefeitura Municipal de Santo André.

Desenvolveu carreira de sucesso, realizando grandes obras em vários lugares do mundo. De 1873 a 1888 trabalhou na construção das estradas de ferro Munique-Bayreuth, na Alemanha e Volvo-Larissa, na Grécia.

Participou da construção do Canal do Panamá, como representante do banco Crédit Lyonnais, de Paris. Como empregado de uma empresa francesa, construiu estradas de ferro em Porto Rico, na época uma Colônia espanhola.

Imigrou para o Brasil em 1888, onde fundou a empresa Barão Rymkiewicz & Cia. Não se sabe se o título pelo qual o chamavam, Barão Rymkiewicz, era legítimo ou apenas consequência do nome dado a sua empresa.

De 1898 a 1899 trabalhou como engenheiro-chefe na construção da ferrovia Rio de Janeiro-São Paulo.

De 1900 a 1904 sua empresa foi responsável pela construção de um porto fluvial em Manaus (AM). O porto foi construído sobre plataformas flutuantes, permitindo sua adaptação às variações do nível da água do rio Amazonas e o acesso de navios de grande calado.

Como reconhecimento por seus méritos e também do engenheiro Alexandre Brodowski, com quem regularmente trabalhava, construiu-se em honra deles um monumento em Manaus, e uma rua da cidade foi denominada como Rymkiewicz.

Após essa obra mudou-se para Londres, onde trabalhou como engenheiro até falecer.

Paranapiacaba

A vila de Paranapiacaba, em Santo André (SP), possui grande importância histórica e ambiental. “Registra um período que mostra a influência da cultura inglesa, [...], a construção da arquitetura e da tecnologia inglesas sobre uma porção do território natural brasileiro que é Mata Atlântica”¹.

Suas origens estão associadas à construção, a partir de 1860, da estrada de ferro que liga Santos a Jundiá, concedida à empresa São Paulo Brazilian Railway Company Ltd., pelo Governo Imperial.

Para realizar as obras de transposição da serra do Mar foi preciso construir alojamentos provisórios, no topo da serra, para abrigo dos trabalhadores. O local recebeu o nome de Alto da Serra. Ao final das obras, em 1867, o acampamento passou a ser utilizado pelos funcionários da empresa que operavam e faziam a manutenção das máquinas e do tráfego de trens.

O primeiro povoado, posteriormente denominado Vila Velha, foi feito sem planejamento adequado, estabelecido junto a um caminho principal. Além desse caminho não havia nenhum modelo de arruamento, a circulação era feita com dificuldade e as casas distribuíam-se desordenadamente, resultado de ocupação urbana espontânea por causa da implantação do canteiro de obras da empresa São Paulo Railway.

Quando da duplicação da ferrovia, a partir de 1897, um novo núcleo habitacional foi implantado. Denominada vila Martin Smith, para ela houve planejamento urbanístico, com ruas largas, retílineas e casas padronizadas. Criada para suprir a

¹ Memorial da Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba - ZEIPP.

demanda por habitações gerada a partir da duplicação do sistema funicular implantado na serra do Mar, o projeto de urbanização foi bastante inovador para a época.

Completa o núcleo urbano de Paranapiacaba a porção denominada Morro, ou Parte Alta, situada em terreno mais elevado e em posição oposta às duas outras vilas, fora dos domínios da empresa ferroviária. Sua “ocupação deu-se acompanhando os movimentos da morfologia natural, onde em lotes estreitos e alinhados se implantavam as edificações geminadas, compondo uma única fachada contínua e multicolorida. [...] Este foi o lugar onde se instalaram as atividades comerciais necessárias à subsistência dos habitantes da Vila”².

Por sua importância histórica, cultural e ambiental a vila de Paranapiacaba foi tombada pelas três instâncias de governo: federal, em 2002; estadual, em 1987 e municipal, em 2003. Devido a todo esse patrimônio, tornou-se um local turístico muito visitado.

A duplicação da estrada de ferro São Paulo Railway

Uma das realizações de Bronisław Rymkiewicz no Brasil foram as obras de duplicação da estrada de ferro que liga Santos a Jundiaí, no Estado de São Paulo, cujo contrato com a empresa São Paulo Brazilian Railway Company Ltd., concessionária da ferrovia, foi assinado em 9 de abril de 1897, sendo as obras iniciadas em maio do mesmo ano.

O jornal *Correio Paulistano*, muito conhecido na época, acompanhou ao longo dos anos os trabalhos de duplicação da

² Memorial da Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba - ZEIPP.

ferrovia, sendo convidado em várias ocasiões a acompanhar visitas técnicas e de autoridades às obras, em especial as dos Novos Planos Inclinados da serra do Mar. Por meio de suas reportagens, e também das reportagens de outros jornais da época, é possível conhecer a pessoa que foi Bronisław Rymkiewicz e também sua competência profissional e empresarial.

Durante o período de execução das obras, de 1897 a 1900, residiu na própria vila de Paranapiacaba (na época denominada Alto da Serra). Sua casa, situada em local elevado, foi descrita como “Uma bella vivenda, de aspecto alegre, rodeada de esplendida varanda, enfeitada de orchideas preciosas da riquissima flora da serra. [...] Da varanda da bella habitação a vista encontra admiravel panorama: á direita, pequeninas casas, umas já construidas e outras por acabar. [...] No centro a linha ferrea. [...] Á direita, a capellinha do Bom Jesus e o cemiterio. Cercando o vasto recinto da povoação, encontram-se as serras extensas, onde o olhar se perde indefinidamente”³.

Pessoa extremamente educada, de fino trato, era considerado um cavalheiro, um fidalgo, sendo a gentileza, a cortesia e a atenção às pessoas suas características.

Respeitado profissionalmente por todos com quem se relacionava, de técnicos das mais variadas categorias profissionais, superintendentes e diretores de empresas a autoridades públicas do mais alto escalão, como presidentes da República, do Estado, ministros e secretários. Quando de sua partida de São Paulo ao final dos trabalhos que realizou, o

³ Correio Paulistano, 22/10/1897.

presidente do Estado de São Paulo foi pessoalmente abraçá-lo na estação de trem.

A empresa que fundou no Brasil, Barão Rymkiewicz & Cia., era reconhecida como a maior do Brasil na construção de ferrovias e integravam seu quadro de funcionários profissionais da mais alta competência.

Deu especial atenção aos funcionários. O número de pessoas que executavam as obras ao longo da serra do Mar era cerca de 8.000 e que "...gozam de regalias extraordinarias, nunca encontradas em construções de estradas de ferro, pois moram em casas forradas e assoalhadas de madeira, cobertas de zinco e etc."⁴. Além disso, "[...] procurou sempre crear para seus empregados diversões licitas e hygienicas"⁵.

Durante o período em que residiu em Paranapiacaba participou de sua vida social, promoveu eventos festivos e patrocinou ações sociais. Duas de suas atitudes tornaram-se registros para a posteridade.

Em 23/06/1898 a empresa Barão Rymkiewicz & Cia. promoveu a realização de uma festa de São João. Os convidados vindos da Capital foram recebidos na estação ferroviária com fogos de artifício e manifestações de boas-vindas. O caminho entre a estação e os chalés dos empreiteiros estava enfeitado com festões, galhardetes, palmeiras e bandeiras de vários países. Lanternas venezianas, fogos de artifício, fogueiras e cantorias em diversos locais compunham o ambiente festivo, completado por um baile que durou até o amanhecer. Vários funcionários de alto escalão dessa empresa e da São Paulo Railway compareceram ao evento.

⁴ Correio Paulistano, 24/07/1898.

⁵ Jornal do Commercio, 30/03/1900.

Ficaram registradas a amabilidade e gentileza dispensadas aos convidados por parte da comissão organizadora da festa e “...do exmo. sr. Barão de Rymkiewicz, que se mostrou um fidalgo na verdadeira accepção da palavra”⁶.

Em 31/03/1900 o *Jornal do Commercio* escreveu: “O Sr. B. de Rymkiewicz é um cavalheiro de esmeradissima educação, de uma nobreza de sentimentos fidalgos, de uma afabilidade de trato tão especial que se impõe ao respeito e á estima de todos. Para se avaliar da generosidade de seus sentimentos, [...], o que é mais louvável ainda, acaba de fundar no Alto da Serra uma escola primaria para educação de 200 crianças filhas de seus operarios, provendo á sua custa a escola de tudo que é necessario, além da construcção do edificio, que passará a ser patrimônio de todos os operarios”.

⁶ Correio Paulistano, 24/07/1898.



Alunos da Escola Reunida de Paranapiacaba localizada na Avenida Fox, antes de 1939. Coleção Claudete Carvalho Salvador. Acervo Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa”

Infelizmente a escola construída por Bronisław Rymkiewicz em Paranapiacaba não resistiu ao tempo e à falta de conservação e atualmente não mais existe.

As visitas às obras de duplicação da ferrovia

Nas várias visitas técnicas e de autoridades às obras de duplicação da ferrovia o jornal *Correio Paulistano* manifesta a importância das obras e de como elas contribuirão para o progresso do Estado de São Paulo e do Brasil. A seguir são relatadas algumas delas.

Na edição de 22/10/1897, durante visita do presidente do Estado de São Paulo, Manoel Ferraz de Campos Salles, às obras na serra do Mar, o jornal faz vários elogios às empresas São Paulo Railway e Barão Rymkiewicz & Cia., informa que o

gigantesco trabalho estava sendo executado admiravelmente pela empresa de Bronisław Rymkiewicz e depois manifesta “satisfação [...] no exame dos surprehendentes trabalhos da Empreza Constructora”.

O jornal continua seus elogios ao escrever: “Em pouco tempo a locomotiva correrá sobre aquellas altas regiões, atravessando collossaes viaductos, enormes aterros, tuneis diversos, fazendo de um local triste e desolado, ponto de vida e de progresso industrial. Eis porque a companhia inglesa bem merece dos que a acompanham em seus trabalhos; eis porque a empreza constructora, que a auxilia, faz jus aos nossos elogios. Uma e outra, de mãos dadas, preparam novos elementos de prosperidade para a terra paulista”.

A reportagem é finalizada com cumprimentos, especialmente a Bronisław Rymkiewicz e F. Schumann, que também trabalhava na empresa construtora, “...que tiveram a maior somma de gentilezas para seus convidados”.

Na edição de 24/07/1898, nova visita técnica às obras de duplicação, com o relato de que a empresa Barão Rymkiewicz & Cia “...soube cercar-se de um pessoal escolhido entre os mais conhecidos e praticos empreiteiros que trabalham ha muito annos em construcções de estradas de ferro no Brasil.”

O jornal manifesta as gentilezas recebidas pelo Barão Rymkiewicz, seus auxiliares e relata o porte que sua empresa possui: “a Empreza Constructora B. Rymkiewicz & C. [...] fundada em uma época tão difficil como a que atravessamos e que para systematizar de fórma tão brilhante os seus trabalhos necessitava de uma somma avultadissima de capitaes, de muita intelligencia e actividade que são os elementos dominantes da poderosa empresa, a maior que se tem constituido no Brazil para o fim de construcção de

estradas de ferro. Dirige-a, como se sabe, com a maior capacidade profissional, o sr. Dr. B. Rymkiewicz, cavalheiro do mais fino trato e talhado para entreter as relações industriaes com as correctissimas e fidalgas maneiras dos chefes inglezes. O dr. Rymkiewicz, assim como o seu digno socio capitalista, [...] embora estrangeiros, são tão brasileiros para nós como seu terceiro sócio, [...] porque ambos honram a nossa patria com a sua actividade e intelligência”.

Na edição de 15/06/1899 é noticiada a visita do ex-presidente da República Prudente de Moraes às obras de duplicação da ferrovia e ao porto de Santos, realizada dois dias antes. No Alto da Serra visitaram, além das obras, o hospital e “...a casa do Barão de Rymkiewicz, o estimado e estimavel cavalheiro, a quem estão confiados os trabalhos de duplicação da linha para Santos”, onde foram servidos aos convidados aperitivos e almoço para cerca de 20 pessoas. Após o almoço desceram a serra, vistoriando as obras nela realizadas. Ao final da tarde retornaram ao Alto da Serra, tendo o ex-presidente pernoitado na casa do Barão de Rymkiewicz. No dia seguinte, 14 de junho, a comitiva visitou o porto de Santos.

Nas edições de 26/10/1899 e de 31/10/1899 reportagens sobre uma epidemia de peste bubônica, iniciada em Santos e que afetou parte do Estado de São Paulo, narram as inúmeras providências que as autoridades sanitárias adotaram para contê-la.

As empresas São Paulo Railway e Barão Rymkiewicz & Cia. também adotaram condutas sanitárias rigorosas para conter e evitar a proliferação da doença ao longo de toda a via férrea e também nos diversos canteiros de obras e alojamentos de trabalhadores implantados para duplicação da ferrovia, como noticia o jornal: “...a Empresa [Barão Rymkiewicz & Cia.] e a

Companhia Inglesa tomaram serias e energicas providencias sobre a hygiene das casas e ranchos dos seus empregados, porque o dr. Jayme Silvado, nessa excursão patenteou a sua boa impressão pelas medidas de hygiene adoptadas”.

A excursão a que se refere o jornal foi mais uma de autoridades às obras de duplicação da ferrovia. Nela o Sr. Alfredo Maia, então Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e futuro Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, declarou: “as novas obras da Serra de Santos fazem honra a engenharia mais adeantada do mundo, que são grandiosas e que raras são as empresas que as pôdem executar”.

Na edição de 12/01/1900, reportagem sobre a visita do Coronel Fernando Prestes, presidente do Estado de São Paulo e de inúmeras autoridades ao Alto da Serra, às obras de duplicação da ferrovia, recentemente finalizadas e à nova estação Alto da Serra, que seria inaugurada dois dias depois.

Grandioso almoço foi servido nas dependências da nova estação. Inúmeros brindes foram feitos, dentre eles o de James Fforde, engenheiro-chefe da São Paulo Railway, à empresa Barão Rymkiewicz & Cia., “por ter concluido o serviço a seu cargo, talvez antes do tempo fixado em contracto, pelo que se mostra satisfeito”, ao qual Bronisław Rymkiewicz retribui, “...agradecendo e dizendo que encontrou nelle [sr. James Fforde] o necessario suporte moral, que o animou para os esforços abnegados, tendo em vista a conclusão das obras” e o de Castro Pereira, Farmacêutico, “...saudando á São Paulo Railway, á empresa Rymkiewicz como poderosos impulsionadores do progresso do Brazil”.

Após o almoço foram visitadas as obras ao longo da serra do Mar. Retornando a São Paulo o Coronel Fernando Prestes e demais convidados, além de ficarem satisfeitos com as obras

realizadas, manifestaram-se “...todos muito penhorados pelas gentilezas da S. Paulo Railway e da empresa B. Rymkiewicz & Comp.”.

A edição de 24/03/1900 registra a visita do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, convidado pelo Barão Rymkiewicz, às obras dos Novos Planos Inclinados da serra do Mar, ocorrida no dia anterior. Os convidados foram recebidos em São Paulo pelo superintendente da São Paulo Railway, William Speers, e por Bronisław Rymkiewicz. Em seguida embarcaram em trem especial que os conduziu até a Estação Alto da Serra, onde foi servido um almoço para 68 pessoas, precedido de inúmeros brindes, dentre os quais o de Bronisław Rymkiewicz “ao Brazil, em eloquente saudação”.

Após o almoço iniciou-se a visita às obras dos Planos Inclinados. Os membros do Clube de Engenharia “...manifestaram a sua admiração por todos os trabalhos que viam, cuja importancia já avalliam pelas publicações que haviam lido sobre os mesmos, mas só naquele momento podiam apreciar devidamente mediante a impressão visual”.

Encerrada a visita, os membros do Clube de Engenharia retornaram a São Paulo, “...onde a Empresa B. Rymkiewicz & Cia. mandou reservar-lhes accomodações”, pois no dia seguinte fariam visita às Docas do porto de Santos.

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, registrou em detalhes a visita do Clube de Engenharia ao Alto da Serra e ao porto de Santos em uma série de reportagens publicadas nos dias 29, 30 e 31 de março e 1º de abril de 1900. As edições de 30 e 31/03/1900 relatam a visita ao Alto da Serra e às obras dos Novos Planos Inclinados.

O jornal, assim como o *Correio Paulistano*, tece vários elogios a Bronisław Rymkiewicz, escrevendo, além do registro citado anteriormente: “Attencioso, de uma correcção digna e nobre, o Sr. Rymkiewicz deixou em todos os excursionistas as mais gratas e mais sinceras sympathias pelos cuidados e gentileza que a todos dispensou durante a agradável excursão”.

A visita às obras realizou-se após o almoço, impressionando a todos que dela participaram. Segundo o jornal: “Os excursionistas, com phrases sinceras e espontâneas manifestarão a sua admiração pelos trabalhos executados, exaltando a competencia profissional dos seus autores e dirigindo-lhes os mais leaes e francos cumprimentos”.

Ao final da reportagem o jornal manifesta um último elogio: “Fora para desejar que trabalhos como esses fossem continuamente visitados, apreciados e estudados, porque em verdade, o arrojo da concepção casou-se com a competência dos Engenheiros que os executarão”.

A despedida

A edição de 17/04/1900 do *Correio Paulistano* registra a festa e as homenagens de despedida a Bronisław Rymkiewicz, que partia para o Rio de Janeiro, após o término das obras de duplicação da ferrovia São Paulo Railway.

O Barão Rymkiewicz seguiu para a então Capital Federal na tarde de 15 de abril, embarcando em trem na Estação Norte da Estrada de Ferro Central do Brasil (atual estação Brás). Compareceram para ver seu embarque inúmeras pessoas, “...que alli lhe foram levar as manifestações de apreço de que é elle certamente merecedor”.

Mais cedo, no mesmo dia, inúmeras manifestações já haviam sido feitas no Alto da Serra, onde “...fora cumprimentado por todo o pessoal que serviu sob suas ordens e pelo da

Companhia Inglesa, que assim deixaram patente a consideração de que era digno o illustre empreiteiro”.

Na estação foi servido almoço com a presença de funcionários da São Paulo Railway, dentre eles vários do alto escalão e também de representantes da comunidade local. Comoventes discursos lhe foram pronunciados pelos filhos do Chefe da Estação e de um senhor de nome Stambolos, funcionário da empresa Barão Rymkiewicz & Cia.

Bronisław Rymkiewicz também foi agraciado com vários presentes, dentre eles uma caixa, em cujo interior havia uma chapa de prata com a inscrição “Lembrança da Serra do Mar - São Paulo, Brazil, - 1897 - 1900” e um bloco de granito da serra do Mar, no qual havia uma chapa de ouro com dedicatória, assentado sobre uma chapa de prata, na qual havia diversas miniaturas de ferramentas esculpidas em ouro.

“O barão Rymkiewicz desceu do Alto da Serra em trem especial, cedido pela Companhia Inglesa, depois de ter alli recebido cumprimentos do commercio da localidade, do chefe da estação, do administrador da Serra, e chegando, uma hora depois, á estação do Braz, ahi passou para o trem da Central, recebendo cumprimento de innumerous amigos, do sr. Presidente do Estado [Coronel Fernando Prestes], que pessoalmente o abraçou e às 5 horas e 45 minutos partiu para o Rio...”.

Bronisław Rymkiewicz deixou marcas profundas no Estado de São Paulo e na vila de Paranapiacaba, que não podem ser apagadas, mas nem sempre são lembradas pelas atuais gerações. Felizmente, em Paranapiacaba, nunca serão esquecidas.

Em justa homenagem à sua pessoa, há muitas décadas a empresa São Paulo Railway batizou uma das avenidas da vila

Martin Smith com seu sobrenome: “Avenida Rymkiewicz”. O mesmo nome mantém-se atualmente, oficializado pela Prefeitura em 2007 e parte integrante do Tombamento promovido pela municipalidade de Santo André para toda a vila de Paranapiacaba.

Santo André, 22 de outubro de 2020.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Zdzislaw Malczewski SChr e Rui C. Wachowicz. *Perfis polônicos no Brasil*. Gráfica e Editora Vicentina Ltda. Curitiba, 2000.

Zdzislaw Malczewski SChr. *Marcas da Presença Polonesa no Brasil*. Editores: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich. Uniwersytetu Warszawskiego. Warszawa, 2008.

Cyrino, Fábio. *Café, Ferro e Argila. A História da Implantação e Consolidação da San Paulo (Brazilian) Railway Company Ltd. Através da Análise de sua Arquitetura*. Editora Landmark. São Paulo. 2004.

Prefeitura Municipal de Santo André. *Memorial da ZEIPP - Relatório contendo o material de subsídio e o processo de elaboração do Projeto de Lei da Zona Especial de Interesse do Patrimônio de Paranapiacaba*. Santo André. 2006.

Jornal Correio Paulistano, 22/10/1897, in http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pas ta=ano%20189&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=8208. Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 26/06/1898, in http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pas ta=ano%20189&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=9124. Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 24/07/1898, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pasta=ano%20189&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=9224.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 26/10/1899, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pasta=ano%20189&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=10913.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 31/10/1899, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_05&pasta=ano%20189&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=10933.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 12/01/1900, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=49.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 24/03/1900, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=329.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal do Commercio, 30/03/1900, in
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_09&pasta=ano%20190&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=284.
Acesso em 20/10/2020.

Jornal do Commercio, 31/03/1900, in
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_09&Pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=294. Acesso em 20/10/2020.

Jornal Correio Paulistano, 17/04/1900, in

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pas=ano%20190&pesq=%22Alto%20da%20Serra%22&pagfis=421.
Acesso em 20/10/2020.

RESUMO – STRESZCZENIE

Bronisław Rymkiewicz spędził kilka lat swojego życia w Paranapiacaba (w stanie São Paulo, w Brazylii) w okresie, kiedy jego firma była odpowiedzialna za budowę linii kolejowej z Santos do Jundiaí.

Mimo tego, że spędził tam mało czasu, pozostawił po sobie ślady, które nie będą zapomniane. Osoba wykształcona i poważana, fachowiec kompetentny, udany przedsiębiorca, szanowany i kochany przez wszystkich, którzy mieli sposobność z nim obcować w latach jego obecności w tym osiedlu położonym w górach Serra do Mar.

O CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO, NO PARANÁ (BRASIL), DA COLÔNIA AGRÍCOLA POLONESA VIRMOND*

*Bohdan ŁYP***

Houve uma época, na passagem do século XIX ao XX, em que milhares de pessoas, das aldeias pobres polonesas e ucranianas, buscavam melhores condições de vida além do Oceano Atlântico. Multidões viajavam gratuitamente à América do Norte, e contingentes um pouco menores à América do Sul, principalmente ao Brasil, onde recebiam gratuitamente lotes de terras. Tratava-se de uma viagem sem volta, visto que, para um camponês que tinha uma família para sustentar, a volta se tornava irreal em razão dos custos, bem como do fato de que não havia a que voltar. Emigrou então ao Brasil, “em busca de pão”, cerca de um quarto de milhão do mais ativo e valioso elemento da nação polonesa.

Quando finalmente chegou ao fim o governo dos ocupantes e por milagre a Polônia recuperou a sua

* A versão original deste artigo, em língua polonesa, foi publicada em: *Kurier Galicyjski*, 15-28 de setembro de 2020, n. 17 (357), p. 11 – www.kuriergalicyjski.com

** Bohdan Łyp (n. em 1933 em Varsóvia) – engenheiro, por 36 anos trabalhou em projetos de estrutura técnica urbana na Polônia e na Líbia e por 19 anos foi professor dessa área na Politécnica de Varsóvia. É autor de diversos livros sobre esse tema. Seu pai, Franciszek Łyp, foi um dos fundadores da colônia Virmond, no Paraná.

independência, no outono de 1919 o chefe do Estado polonês Józef Piłsudski nomeou Kazimierz Głuchowski como historicamente o primeiro cônsul da Polônia em Curitiba, situada no estado brasileiro do Paraná. No início de 1920, ao assumir o seu cargo, o cônsul reconheceu como indispensável o rápido estabelecimento de contatos com os colonos poloneses nos estados meridionais do Brasil. Eles estavam espalhados numa área duas vezes maior que o atual território da Polônia. Por isso, o acesso a eles exigia um ótimo conhecimento da área e das condições ali reinantes. Esse tipo de guia mostrou ser Franciszek Łyp, um líder polônico local, professor num ginásio polonês e redator de um semanário.

Em breve ambos se conheceram e iniciaram as viagens: de trem, de automóvel ou de carroça, atingindo os mais distantes povoados situados no interior do sertão. Em todos os lugares eles eram saudados cordialmente, e eram pronunciados discursos repletos de saudade da Polônia, de orgulho por ela ter recuperado a liberdade e de esperança de que se tornaria a glória e a protetora deles, defendendo-os das injustiças que os emigrados camponeses poloneses frequentemente haviam sofrido.

Durante esses encontros, os colonos falavam dos problemas da vida deles que ali tinham de enfrentar. Verificou-se que havia a urgente necessidade de melhorar a sorte deles, resultante da necessidade de estabelecer-se em novas terras férteis, visto que, por falta de experiência, os nossos agricultores, promovendo uma agricultura intensiva, haviam esgotado os seus lotes. Além disso, os seus filhos, que se tornavam adultos, também necessitavam de novas terras. Havia também novos colonos poloneses que buscavam áreas melhores do que aquelas que lhes eram oferecidas pelo governo brasileiro, ou casos de colonização fracassada, quando os agricultores poloneses abandonavam muitas vezes

os povoados em decadência. Em suma, uma parte deles, e bastante significativa, buscava áreas de bons valores agrícolas e sanitários para a colonização organizada.

Tornava-se visível a necessidade de fundar uma colônia polonesa privada, que possibilitasse a aquisição de terras a preços acessíveis. Como costuma ocorrer no nosso ambiente, especialmente num ambiente tão disperso pelas grandes extensões do Paraná, faltava uma adequada iniciativa organizacional. Nessa situação Głuchowski e Lyp decidiram cuidar desse problema, instituindo uma ação exemplar em forma de uma sociedade colonizadora. Em breve juntou-se a eles o agrimensor Władysław Radecki, que assumiu o papel de administrador desse empreendimento.

Por uma feliz coincidência, foi possível contratar em boas condições uma área situada no Paraná entre as localidades de Guarapuava e Irati, destinada ao loteamento, de propriedade do coronel Ernesto Queiroz.

A alma de todo o empreendimento era o cônsul Głuchowski, e o apoio que recebeu de Afonso Camargo, ex-presidente do estado do Paraná, permitiu a realização da rápida divisão da terra.

Por razões evidentes, a contribuição financiada dos fundadores só era suficiente em parte, mas Radecki conseguiu emprestar de W. Kamiński uma considerável importância, o que ajudou muito o novo empreendimento. Com toda a ênfase é preciso destacar que a criação da colônia era um empreendimento sem fins lucrativos, visto que os seus idealizadores tinham o propósito de comprovar que era possível organizar a colonização polonesa de forma desinteressada.

Verificou-se que a área havia sido muito bem escolhida e que estava vantajosamente situada, com topografia favorável, situada num planalto a cerca de 800 metros acima

do nível do mar. O clima ali é úmido, subtropical, com precipitações pluviiais de cerca de 1 400 mm por ano. A terra é fértil, envolvendo cerca de 25 000 hectares, com abundantes cursos de água. Segundo a tradição existente, aquela área se chamava Amola Faca, mas alguns anos depois a colônia foi chamada Virmond.

Na imprensa em língua polonesa publicada na área dos estados meridionais do Brasil, Franciszek Łyp popularizava a sociedade através de numerosos artigos e anúncios. Ele propagava a futura colônia publicando mapas informativos sobre a sua localização. Num desses anúncios se lia que “já no decorrer do primeiro ano adquiriram chácaras: 1. Radecki Władysław, 2. Walicki Piotr, 3. Jasiński Józef...”, e seguiam-se os nomes de outros 65 compradores poloneses. Além disso, informava-se que “há entre os colonos cidadãos de Curitiba, Prudentópolis, e até algumas famílias de artesãos, e já existe uma venda, está sendo construída uma escola, e em breve será erguida uma igreja. O Dr. Czaki, que ali se estabelecerá, vai cuidar na colônia da assistência à saúde. Há diversos tipos de terrenos para escolher. O preço da terra é de 70 000 mil-réis para cima por alqueire. O título de propriedade é garantido, sem a presença de quaisquer intrusos. A comunicação por terra é boa, a estrada estratégica é conservada pelo governo, e a construção da ferrovia está garantida. Em vez de se espalharem pelos matos, concentrem-se na colônia Amola Faca. A forma mais fácil de chegar a ela é de Irati ou de Ponta Grossa. Informações são fornecidas por Władysław Radecki, Guarapuava, Paraná”.

Graças a uma intensiva ação organizacional e popularizadora promovida em Curitiba por Franciszek Łyp, que na primeira etapa durou dois anos, a questão adquiriu fama. Em breve se verificou que todo o empreendimento havia sido bem-sucedido e que numerosos novos colonos com

satisfação haviam tomado posse dos seus lotes. Em breve, por iniciativa de Radecki, foi também instalada na colônia uma grande serralha, graças ao que material de construção podia ser encontrado no local. Quando o cônsul Gluchowski foi convocado à Polônia e Lyp, quatro anos mais tarde, partiu do Brasil, Radecki concluiu com êxito o processo da colonização.

Atualmente a colônia possui cerca de 4 500 habitantes, dos quais cerca de 2 700 têm origem polonesa e muitos têm sobrenomes poloneses, com a ortografia adaptada à língua portuguesa, e os nomes geralmente são estrangeiros. Quase ninguém dos moradores já fala em polonês, além do pároco padre Piotr Poszwa, vindo da Polônia. No entanto a população cultiva muito a memória dos seus antepassados ali estabelecidos, que com o seu pesado trabalho criaram os fundamentos para a existência e o desenvolvimento da colonização.

O centro é mantido limpo, existe ordem nas edificações e encontram-se ali: um centro de saúde, pré-escolas, duas escolas fundamentais e uma escola média. Foi também construído um parque com uma casa da memória, a “Casa da Memória Polonesa”, que se encontra na casa reformada de um dos colonos poloneses, Paulo Palinski, e que foi inaugurada em 2008, graças ao grande empenho de muitas pessoas, especialmente de Geraldo Zapahowski e de Rizio Wachowicz, da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol). O centro que mantém as tradições polonesas é a igreja solidamente construída numa elevação, cujo pároco trata com grande reverência o cultivo dos costumes poloneses, como a bênção dos alimentos na Páscoa ou a procissão de Corpus Christi. Também o prefeito é geralmente de origem polonesa. Os três últimos, com mandatos de quatro anos, foram: Omar Luiz Palinski, Lenila Mierzwa e, no atual mandato (2017-2020), Nalmar Granoski.

As autoridades locais decidiram que as comemorações do centenário da colônia se iniciarão no dia 25 de maio de 2021, isto é, no aniversário da assinatura do contrato, e constarão de numerosos eventos, em grande parte relacionados com a história da comunidade polônica local.

Ao lado da cidadezinha passa uma estrada federal muito boa e moderna, que lhe assegura uma boa comunicação com as cidades da região e com o centro turístico que constituem as famosas cataratas de Foz do Iguaçu.

RESUMO – STRESZCZENIE

W artykule autor przypomina historię powstania polskiej rolniczej kolonii Amola Faca, obecnie zwanej Virmond. Przed 100 laty z inicjatywy trzech Polaków powstała prywatna spółka biorąca sobie za cel bezinteresowne, przykładowe zorganizowanie osadnictwa polskiego w Paranie. Głównym zamiarem było umożliwienie powtórnego osadzenia się na dobrej ziemi, w dobrych warunkach, polskim kolonistom wcześniej osiadłym na innych terenach, a które musieli opuścić z powodu wyjałowienia gleby, złych warunków klimatycznych, ekonomicznych, niepowodzeń itp.

Dziś kolonia stanowi piękny przykład dobrze egzystującej osady, zdominowanej przez Brazylijczyków polskiego pochodzenia, kultywujących tradycje swoich ojców, którzy kiedyś odważnie podjęli trud osiedlenia się na tej ziemi, dla dobra swych rodzin.

FAMÍLIA ANGULSKI: VÁRIAS GERAÇÕES HÁ 130 ANOS NO BRASIL

*Nazareno Dalsasso ANGULSKI**

Pensar que o homem nasceu sem uma história dentro de si próprio é uma doença. É absolutamente anormal, porque o homem não nasceu da noite para o dia. Nasceu num contexto histórico específico, com qualidades históricas específicas e, portanto, só é completo quando tem relações com essas coisas. Se um indivíduo cresce sem ligação com o passado, é como se tivesse nascido sem olhos, nem ouvidos e tentasse perceber o mundo exterior com exatidão.

É o mesmo que mutilá-lo. (Carl Jung)

Ao longo da minha infância e adolescência sempre tive muitos sonhos que foram sendo realizados com o passar do tempo, quando me tornei adulto.

Minha predileção, desde jovem, por história e geografia, além do hábito da leitura me fez gostar de buscar nas fontes do saber, principalmente quando frequentei os bancos escolares, pesquisar nas bibliotecas públicas: enciclopédias, atlas geográficos e livros sobre a história Geral e do Brasil, enfim tudo aquilo que agregasse informação e conhecimento sobre a Antiguidade, a Idade Média e a Idade Moderna e a visão da construção do mundo contemporâneo.

Nesta caminhada em busca de informação e conhecimento, por escolha profissional e gostar da ciência da

* Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

administração, nos bancos da universidade tive como fonte do saber o homem que inventou a administração “Peter Drucker”, que me inspirou a fazer tudo na vida com maestria, motivação, entusiasmo, cultivando a compreensão profunda de mim mesmo, conhecendo meus pontos fracos e fortes e principalmente como aprender a conviver com pessoas, ter consciência de valores e princípios e como poder contribuir da melhor forma para deixar um legado para as organizações, no seio da família e para a sociedade como um todo.

Mas a minha caminhada em busca dos meus sonhos, dos saberes só passou a ter sentido quando eu descobri a importância de criar, formar e manter uma família. Este aviso em forma de luz divina me fez refletir que quem não colocar a família como objetivo, não sentirá a felicidade que é ter uma família unida.

Assim, graças à abnegação de milhares de nossos antepassados que se sacrificaram para garantir a sobrevivência de seus filhos, por vezes sacrificando até mesmo suas próprias vidas, é que me veio a inspiração de escrever este artigo sobre a nossa família, que neste ano de 2020, precisamente no dia 19 de outubro, estará comemorando 130 anos da presença em solo brasileiro a despeito das dificuldades, aflições, desencontros e temores.

Aprendi que o saber não nos torna melhores nem mais felizes, mas que a educação e o convívio familiar podem nos ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.

Este artigo é uma forma de reconhecimento e gratidão a todos os nossos ascendentes que criaram e formaram a nossa família no velho continente, no além-mar e a todos os descendentes que mantiveram e deram continuidade em terras brasileiras a uma vida dedicada aos filhos, que com

dificuldades e muito amor, ensinaram a fazer o bem, perseverar na honestidade e dessa forma ajudaram, decisivamente, a construir e lapidar o caráter de todas as gerações.

Durante minha infância e adolescência, ouvia de meu pai a mensagem orgulhosa e solitária sobre os feitos dos heróis da nação polonesa, principalmente: Kopernik, Chopin, Piłsudski, Kościuszko, Paderewski, Sienkiewicz, Madame Skłodowska Curie, que com coragem e perseverança mantiveram ao lado de seus compatriotas acesa a milenar cultura polonesa.

Lembro-me com clareza que meu pai falava sobre o livro que havia lido de Henryk Sienkiewicz “Quo Vadis”, explicando inclusive que esta expressão em latim significa “Para onde vais?” Esta obra inclusive rendeu a Sienkiewicz o Prêmio Nobel de Literatura, no ano de 1905, e que mais tarde se tornou um épico do cinema mundial.

Estas mensagens, aliadas aos sólidos princípios e valores cristãos, penetraram fundo em meu coração e na minha mente e permitiram a formação de minha lista de sonhos e a servir de muitos propósitos para conduzir minha vida, seja no aspecto profissional, mas sobretudo no campo espiritual.

Os poloneses, sedentos de paz, terra e liberdade, emigraram para várias partes do mundo. O Brasil foi um dos países que recebeu de braços abertos os poloneses que são originários dos povos eslavos, os “polonos”, reconhecidos por “cultivar a terra para a lavoura”, que ocupavam a região da Wielkopolska, formadores da nação polonesa, que sob a dinastia dos Piast passou a existir a partir do ano de 966 d. C.

Depois de ser, nos séculos XVI e XVII, uma das mais poderosas nações da Europa, a Polônia conviveu, no século XVII, com uma decadência altamente perigosa, pelo fato de

estar rodeada por nações poderosas e em busca de expansão territorial. Diante desse contexto sobreveio então um período difícil e trágico, marcado pelas chamadas “partilhas” da Polônia. Assim no ano de 1772, as monarquias absolutistas da Rússia, Prússia e Áustria resolveram enfraquecer o regime polonês, concretizando a primeira partilha do país, desmembrando extensos territórios. A partir de então, ocorreu o segundo desmembramento da Polônia, em 1793. Em que pese a luta e a resistência dos poloneses, em especial do herói polono-americano Tadeusz Kościuszko que tentou um levante contra os opressores, ocorreu no ano de 1795 a terceira partilha da Polônia e conseqüentemente seu aniquilamento como Estado livre e soberano.

Desse modo, a Prússia ocupou o Oeste e Norte da Polônia, compreendendo os territórios da Silésia, Pomerânia e Poznânia, enquanto a região central e o leste ficaram sob o domínio russo, incluindo a capital Varsóvia, e o sul polonês caiu nas mãos austríacas, inclusive a capital cultural do país, Cracóvia.

Assim, quando milhares de famílias polonesas, inclusive a nossa, deixaram a Polônia em fins do século XIX em busca da terra prometida, não existia o Estado Polonês, somente a Nação, em razão da repressão imposta pelos invasores em seu território.

Ainda que desmembrada e ocupada, mostrou a Polônia extraordinária vitalidade em todos os domínios da Cultura e Civilização. Esta Polônia, que trouxeram no coração, era a força e inspiração para novos tempos em terras novas.

A maioria dos imigrantes poloneses que vieram para o Brasil viajavam sem a proteção de ninguém, sem o conhecimento da língua, do clima e sem nenhum preparo para enfrentar o país novo, pois naquela época não existia na

Polônia nenhum organismo oficial que tratasse da imigração, pois a Polônia não era um país independente.

Diante deste contexto político, econômico e social é que meu bisavô paterno, Jan Angulski, e minha bisavô materna, Waclawa Fulman, que nasceram na Polônia e viviam na Província de Konin e Kalisz, região central da Polônia, conhecida com Wielkopolska (Grande Polônia), partiram do Porto de Bremen – Alemanha e vieram no navio/vapor *Weser*, que fazia a linha Bremen/Alemanha-Rio de Janeiro/Brasil e desembarcaram no dia 19 de outubro de 1890 no Porto do Rio de Janeiro, onde permaneceram em quarentena na Ilha das Flores.

Neste vapor/navio *Weser*, vieram Jan Angulski (48 anos), Waclawa Fulman (38 anos), Józef Angulski (20 anos), Stanisława Angulski (17 anos), Kazimierz Angulski (16 anos), Jadwiga Angulski (13 anos), Anna Angulski (8 anos) e Stefan Angulski (6 anos).

Weser, quem em alemão significa “alegria”, com certeza tem tudo a ver com cada um de nós que através de gerações, com muito trabalho, perseverança e fé conquistamos nosso espaço na sociedade brasileira. Podemos definir que o dia 19 de outubro, seja considerando o “Angulski’s Day” ou “Dzień Rodziny Angulski”, para que possamos reverenciar a memória de nossos antepassados e celebrar a evolução de nossas vidas e da humanidade.

Importa esclarecer que no mês de janeiro de 1891 nossos heróis se estabeleceram na Colônia Acioli de Vasconcelos, pois ali era a colônia dos imigrantes poloneses que vinham para o Sul do Estado de Santa Catarina, precisamente na Linha Ferreira Pontes, atual município de Cocal de Sul.

Na Polônia meu bisavô, Jan Angulski, era um excelente artesão e produzia com muita maestria rodas para os

carroções, enquanto seu filho, Józef Angulski, era um exímio ferreiro, por sua vez sabe-se que minha bisavó Wacława Fulman tinha como irmão o Bispo da cidade de Lublin Marian Leon Fulman e um dos fundadores da Universidade Católica de Lublin e que durante a Segunda Guerra Mundial foi perseguido e assassinado pelos nazistas.

Mais tarde, meu bisavô Jan Angulski e minha bisavó Wacława Fulman radicaram-se na Região Metropolitana de Curitiba-PR, pois ali se constituía uma grande colônia de imigrantes poloneses, a maior do Brasil, onde nasceu Vicente Angulski, muito provavelmente no interior do município de Araucária-PR. Os restos mortais de Jan Angulski estão no cemitério do município de Araucária-PR, cidade próxima a Região Metropolitana de Curitiba-PR.

Józef Angulski, nasceu na Polônia, na cidade de Tuliszków, vila de Zadworna – Província de Konin, no dia 21 de fevereiro de 1870, e Anna Klima Angulski, nascida na cidade de Cracóvia, filha de Paulo Klima e Margarida Klima, se conheceram no navio que os trouxe ao Brasil e se casaram provavelmente em Cocal do Sul no dia 29 de dezembro de 1892 e o seu registro religioso está gravado na Igreja de Nossa Senhora da Piedade em Tubarão, e posteriormente fixaram residência em Imbituba, distrito de Vila Nova.

De acordo o registro feito no Cartório de Imbituba, Józef Angulski e Anna Klima Angulski oficializaram o casamento junto ao Juiz de Paz no dia 22 de setembro de 1901, às duas horas da tarde. Naquela ocasião Józef Angulski contava 31 anos e Anna Klima Angulski 25 anos. Importa esclarecer que quando foi feito o registro de casamento, o casal declarava a existência dos seguintes filhos com as respectivas idades, todos nascidos no distrito de Vila Nova/Imbituba/SC: Júlia, com a idade de oito anos; Felícia, com a idade de cinco

anos; Edmundo, com a idade de três anos; Estefano, com a idade de dois anos e Joanna, com a idade de sete meses.

Considerando as dificuldades naturais que todos os imigrantes poloneses tiveram, podemos nos orgulhar de que com persistência e muita capacidade de trabalho os nossos antepassados conseguiram se integrar na sociedade em que viviam, contribuindo decisivamente para o seu progresso, principalmente Józef Angulski, que tinha uma formação e qualificação profissional, acima dos padrões da época, sendo citado por historiadores em vários livros, que a sua atuação eficiente como chefe das oficinas da Estrada de Ferro Teresa Cristina - EFTC no período de 1902 a 1916, foi primordial para a sua transferência para a cidade de Tubarão ocorrida no ano de 1906.

Um aspecto relevante, o exímio ferreiro Józef Angulski tinha habilidades técnicas para realizar a manutenção de locomotivas, montagem de vagões, assentamento de trilhos, junções de estruturas metálicas de pontilhões e pontes que vinham da Inglaterra, além de operar tornos e caldeiras que exigiam disciplina, rigidez e muita paciência, características do método de gestão dos britânicos, que o fizeram estar à frente da Chefia das Oficinas e Locomoção da Estrada de Ferro Teresa Cristina – EFTC, quando da sua localização ainda rudimentar na cidade de Imbituba, onde se deu o início da sua construção.

Józef Angulski radicou-se no ano de 1906 em Tubarão com a família, fixando residência próximo às oficinas da Estrada de Ferro Teresa Cristina - EFTC, onde nasceram outros filhos, entre eles: Irene, Tadeu, Helena, Stanislau Miceslau, João, Clotilde e Bogdana, permanecendo até o ano de 1916, quando com altivez deixou o cargo e foi imediatamente contratado pelo empreendedor Henrique Lage para atuar na cidade de Lauro Müller. Na época esta região no

Sul do Estado de Santa Catarina surgia com um potencial de grandes jazidas e exploração de carvão mineral, cuja logística se daria através do ramal ferroviário da Estrada de Ferro Teresa Cristina – EFTC, que levaria a produção desta riqueza mineral até o Porto de Imbituba e por via de consequência faria o escoamento até à Usina da Siderúrgica Nacional no município de Volta Redonda-RJ.

Permaneceu ali até o final de década de 20, quando fixou residência em Orleans e posteriormente adquiriu uma extensa área de terras agrícolas, aproximadamente 900 hectares, denominada Fazenda da Ilhota, no Bairro de Capivari, onde iniciou uma nova atividade econômica. Paralelamente, naquela região instalou olarias para a fabricação de tijolos, construiu também residências, que foram utilizadas para as instalações da Sede Administrativa da Siderúrgica Nacional, em face de localização estratégica de suas propriedades.

Importa destacar que meu saudoso pai Stanislau Miceslau Angulski, a convite de meu avô Józef Angulski, transferiu-se com toda sua família para Tubarão no primeiro semestre do ano de 1942, onde foi trabalhar na Fazenda da Ilhota, que ficava localizada no Bairro de Capivari, permanecendo ali até o primeiro semestre do ano de 1945. Sabe-se que este período, além de muito promissor sob o ponto de vista econômico, pois as atividades na agricultura eram bastante intensas e permitiam uma qualidade de vida para todos os membros da família, propiciando que os seus filhos à época: Marina, Ézio Donald, José Paulo e Marinela recebessem seus primos Ronaldo, Rony, Mojica, Murilo, Micinho, entre outros, que se revezavam nas férias escolares para desfrutarem das belezas naturais da Fazenda da Ilhota.

O nosso “tata”, como era carinhosamente chamado pelos filhos e netos, montou também a primeira oficina em

Tubarão, pois Criciúma não comportava uma oficina naquele tempo. Conseguiu naquela região empregar muitas pessoas nas mais diversas atividades que mantinha seus empreendimentos. Enquanto residiu em Tubarão, Józef Angulski foi sem dúvida um emérito profissional, contribuindo decisivamente para que a cidade se desenvolvesse e conquistasse o estágio econômico e social que desfruta atualmente. Faleceu no ano de 1960, e os seus restos mortais estão no cemitério municipal de Laguna.

O espírito empreendedor esteve presente também em um dos seus filhos, como o tio Edmundo Angulski, que atuou no comércio de Orleans por muito tempo, implantando a fábrica de Café Royal e uma feclaria em sociedade com a família Sandrini. Além de ter sido prefeito municipal de Orleans nomeado para o período de 16.11.1945 a 24.03.1946, quando inaugurou o atual prédio da Prefeitura Municipal de Orleans.

Outro filho que veio para Orleans no final da década de 20 foi o tio João Angulski, que foi delegado de polícia, e sua irmã tia Bogdana Angulski, que atuou como professora no Grupo Escolar Costa Carneiro, além de ministrar aulas de inglês, francês e de piano para muitos jovens da sociedade local e de outras localidades que vinham para a cidade de Orleans em busca de novos saberes.

Meu pai Stanislaw Miceslau Angulski, cuja formação educacional foi o suficiente para aprender a ler e escrever a língua portuguesa, entretanto buscou na família os valores e princípios cristãos que o nortearam a fazer escolhas em atividades comerciais e como um zeloso profissional nas funções de almoxarifado e sempre demonstrou gratidão e amor a todos os nossos ancestrais, pois sem eles cada um de nós não teria a felicidade de conhecer este plano terrestre e

desfrutar da vida, curtindo do seu jeito e ao seu modo o orgulho de ser polonês.

A possibilidade de aprender a língua polonesa partiu da convivência com seus pais e da presença em nossa família da guerreira e governanta Helena Lincieski, que veio auxiliar nossa mãe nos afazeres domésticos e que só sabia falar em polonês. Estes fatos foram determinantes para que ele falasse, escrevesse e lesse com naturalidade e muita facilidade, inclusive mantinha contato com patrícios que viviam na Polônia e na França. Esta disciplina com a prática da língua polonesa era visível a todo momento nas acomodações de sua casa, ora lendo, ora escrevendo e até mesmo balbuciando na língua de seus antepassados.

Não conseguiu transferir para seus filhos de forma sistemática fundamentos da língua polonesa, porém deixou expressões, palavras, cânticos, vocábulos e versos que marcaram definitivamente a vida de seus filhos e que com certeza serão transmitidos para seus netos, bisnetos e trinotos e as futuras gerações.

Nas décadas de 1970/80/90, foi assinante do Jornal *Lud – Povo*, editado em polonês na cidade de Curitiba/PR e que passou a ser a voz e orgulho dos imigrantes poloneses no Brasil Meridional e que começou a ser editado a partir do ano de 1920.

Orgulhosamente falava frequentemente para seus filhos dos feitos dos heróis poloneses, tais como: Nicolau Copérnico, Madame Curie, Henrique Sienkiewicz, José Piłsudski, Adam Mickiewicz, Inácio Paderewski e Tadeusz Kościuszko.

Embora jovem, sofreu com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista em setembro de 1939, quando se iniciou a Segunda Guerra Mundial. Destacava para seus filhos que seu pai Józef Angulski, polonês de nascimento, era uma ativista

social e colaborava com auxílio financeiro para minorar o sofrimento dos poloneses durante e depois da Segunda Guerra Mundial.

É conveniente lembrar que para a Polônia a Segunda Guerra Mundial de fato só acabou quando surgiu o movimento Solidariedade e a participação decisiva do Papa João Paulo II, que com o apoio do Presidente dos Estados Unidos, à época Ronald Reagan, conquistaram que as eleições para Presidente da República fossem realizadas na Polônia de forma livre e democrática, fazendo valer uma frase lapidar que os poloneses fazem questão de dizer: “Nós não clamamos por liberdade... nós a conquistamos”, tudo isso para reagir ao regime comunista instalado no país de 1945 a 1989.

A notícia de que o polonês Karol Wojtyła tinha sido eleito Papa no dia 16 de outubro de 1978, provocou um sentimento de orgulho de ser polonês e acima de tudo reacendeu sua crença na igreja católica, assim como já devotava sua fé e proteção na Santíssima Virgem “Rainha da Polônia” – Nossa Senhora de Częstochowa.

Vibrou com os acontecimentos de agosto de 1980, quando os operários do Estaleiro Lênin em Gdańsk, liderados por Lech Wałęsa, um eletricitista demitido, fundaram o sindicato independente Solidariedade, mas sofreu com a informação transmitida pela televisão brasileira quando na noite de 13 de dezembro de 1981 foi instituída a Lei Marcial em toda a Polônia, direcionada especialmente aos que tinham coragem de falar publicamente sobre a soberania e a ruptura com o regime comunista e a dominação política pela União Soviética.

Importa esclarecer que meu saudoso pai sempre esteve conectado com os poloneses que viviam na França e na Polônia, como foi o caso do Sr. Janusz Niewinowski, morador da cidade de Zakopane, que por mais de 25 anos trocou

correspondência e cuja mãe tinha uma tia com o nome de Julia Angulski e que nos brindava sempre ao final do ano com um belíssimo cartão de Natal e as consagradas hóstias – *opłatek*, uma tradição milenar da cultura polonesa.

Outro aspecto relevante que merece destaque são as pesquisas que realizei para aprofundar o conhecimento sobre a linhagem onomástica da nossa família dentro do território da República da Polônia, para nossa surpresa publicações em Dicionário – *Słownik* do ano de 1992 registram um total de 135 pessoas com o sobrenome Angulski e que residiam nas seguintes cidades: Bydgoszcz – 03; Gorzów Wielkopolski – 04; Konin – 26; Cracóvia – 09; Legnica – 12; Łódź – 19; Opole – 01; Sieradz – 09; Słupsk – 06; Suwałki – 20; Szczecin – 09; Włocławek – 14; Wrocław – 03.

Mais tarde, com o advento da internet, no dia 23 de abril de 2003 recebo um e-mail de Leszek Angulski, que morava na cidade de Konin – Polônia, externando seu desejo de manter contato com membros da família Angulski no Brasil e ressaltava que havia dois anos estava tentando encontrar alguém com o sobrenome Angulski. A partir de então mantivemos um contínuo e intenso contato pela internet, quando então fiz um especial pedido para que buscasse a origem de nossa família no território da República da Polônia, ou seja, para realizar um grande sonho de meu pai.

A presença da família Angulski na Polônia foi pesquisada junto ao Arquivo Nacional de Poznań por nosso primo Leszek Angulski, que atualmente vive na cidade de Konin. Segundo Leszek, os Angulski são originários da cidade de Tuliszków – Vila de Zadworna, onde constatou que seu bisavô Wojciech Angulski, nascido no ano 1848, era irmão do meu bisavô Jan Angulski, nascido no ano de 1842. Havia ainda dois outros irmãos deste ramo da família que nasceram nesta região do Rio Warta, sendo que um deles emigrou para o

Canadá, enquanto o outro emigrou para os Estados Unidos. Wojciech Angulski moveu-se internamente de Tuliszków – Vila de Zadworna para Warta no ano de 1893, onde veio a falecer no dia 31 de janeiro de 1925.

Segundo ainda Leszek, os membros da família Angulski eram exímios ferreiros na região da cidade de Warta e acima de tudo grandes patriotas, defensores fervorosos da nacionalidade polono-eslava. Acredita que muito provavelmente meu bisavô Jan Angulski e seus filhos foram perseguidos pelos invasores russos, ocupantes daquelas terras polonesas que tinham por objetivo erradicar a cultura polonesa e que este foi um dos motivos que os levaram a emigrar para o Brasil no segundo semestre de 1890.

Nesta pesquisa realizada junto ao Arquivo Nacional de Poznań, Leszek obteve um documento escrito em russo que certifica que Józef Angulski nasceu na Vila de Zadworna, distante da cidade de Tuliszków cerca de 1 km, no dia 21 de fevereiro de 1870 e que foi registrado por seus pais Jan Angulski e Waclawa Fulman às 4 horas da tarde do dia 27 de fevereiro de 1870 e que serviram de testemunhas Jan Fulman e Pelagia Pawłowska.

Ao término desta pesquisa Leszek afirmou para mim a seguinte frase: “Eu estou feliz por haver ajudado você a realizar seu sonho sobre a árvore genealógica da Família Angulski”.

Não posso deixar de registrar outro baluarte na busca de informações sobre nossos ascendentes e que deu uma grande contribuição para que pudéssemos hoje desfrutar desta verdadeira história da família. Refiro-me ao primo Márcio Luiz Angulski Camacho, que reside há muito tempo nos Estados Unidos na cidade de Boca Ratone – Estado da Flórida. Filho de Luiz Fernandez Camacho e Selda Angulski, que por sua vez é filha de Casemiro Angulski e Josephina

Bocianowski, Márcio foi incansável, pesquisando em fontes de altíssima confiabilidade, como os arquivos microfilmados mantidos pela Igreja dos Mórmons localizada em Salt Lake City no Estado de Utah – USA.

Meu pai já não estava mais conosco para ver a belíssima descoberta sobre a árvore genealógica da nossa família, porém sempre esteve muito conectado espiritualmente comigo quando o assunto era a Polônia. Posso afirmar que consegui captar seu sentimento e o orgulho de ser polonês. Isto foi muito determinante para mim, para minha vida, pois, além de me interessar, eu procurei inspirar primeiro as minhas filhas e por consequência todos que fazem parte da nossa família. Acredito que desempenhei uma bela função de missionário, com poucos seguidores no início, mas com perseverança, paciência consegui compartilhar e transferir sólidos conhecimentos da milenar cultura polonesa.

Uma das solicitações que ele mais fez enquanto viveu entre nós foi a de que seus filhos sempre estivessem junto a ele e que na sua ausência mantivessem uma união e aproximação constante. Com certeza sua alegria seria completa se soubesse que seu filho Nazareno pisou pela primeira vez no solo da Polônia no ano de 2003 e que foi seguido anos mais tarde por José Paulo e pelo seus netos Cássio José, Gean Arthur, Rosana, James e mais recentemente, no ano de 2019, quando a Cristine ousou visitar a cidade de Tuliszków – Vila de Zadworna, como também esteve na cidade de Warta, onde manteve um encontro histórico e emocionante com membros da família de Leszek Angulski.

Ao longo de sua existência, além do amor que tinha pela nossa querida mãe Adélia Dalsasso Angulski e pelos seus filhos: Marina, Ézio Donald, José Paulo, Rodolfo Luiz, Marinelza, Zuleika, Carlos Luiz, Mariléa, Nazareno e seus netos, bisnetos, trinets enfim da família como um todo,

procurou sintetizar a seguinte mensagem a cada um de nós: **“SEJAM QUAIS FOREM OS MALES QUE SURGIRAM OU QUE VENHAM A SURGIR ENTRE NÓS, AS PALAVRAS E O EXEMPLO DO PAI E DA MÃE CONTÊM OS MEIOS DE SUPERÁ-LOS.”**

Este legado eçle deixou para todos os seus filhos, netos, bisnetos e trinotos. Legado que não se enfraqueceu, quando faleceu no dia 20 de julho de 2000, mas sim que se fortificou nos 90 anos que permaneceu junto a nós e nos encorajou com muita fé e esperança para enfrentar este novo milênio sem temer o que quer que essa nova era irá nos trazer.

O fato marcante desta postura e de suas atitudes vem ao encontro do sentimento de que a Polônia sempre foi motivo de orgulho e passou a incorporar o cotidiano de muitas famílias que viviam de certo modo isoladas e esquecidas em várias comunidades constituídas pelo Brasil Meridional e em particular nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em que pese este ostracismo, nossos antepassados sonhavam alto, porque conheciam a história da nação polonesa e conseqüentemente não se contentavam e se intimidavam contra os que apelidavam de “polacos sem bandeira”.

Eram visíveis a tenacidade e a firmeza transmitida de geração a geração, sobre a contribuição que os poloneses deram para o desenvolvimento da humanidade e principalmente para manter a sua cultura, seja no ensinamento da língua, do canto, da dança, da culinária e de outras formas de manifestações culturais, buscando preservar o “espírito de ser polonês”.

É sobejamente conhecido que grande parte da autoestima do povo polonês foi quando da recuperação da independência e o renascimento da Polônia, em 1918, como

estado/nação e, conseqüentemente, quando foi criado no vocabulário brasileiro o termo gentílico polonês.

Entretanto, muitos saberiam pouco sobre a Polônia e ainda menos teriam ouvido se Karol Wojtyła, o Papa João Paulo II, não tivesse envergado a mitra papal e viajado pelo mundo com um carisma bondoso que transcendeu seu pontificado conservador. Este fato foi sem dúvida outro grande motivo que reacendeu a autoestima dos poloneses no mundo e por consequência no Brasil e em nossa família.

Em que pese a veemência dos que nos apelidavam de “polacos sem bandeira”, dado a condição de filhos, netos e bisnetos de imigrantes egressos de uma pátria oprimida e brutalmente espezinhada, que aportavam sem documentos de sua própria nacionalidade, somos sabedores da contribuição que os poloneses deram ao desenvolvimento socioeconômico e que ajudaram na formação da paisagem principalmente no Sul do Brasil, com suas coloridas casas com lambrequins nas varandas, suas carroças enfeitadas, sua religiosidade, sua música e seu folclore. É mais do que justo estarmos enaltecendo e registrando os 130 anos da presença da nossa família no Brasil.

Este momento que estamos vivenciando permite que os membros da nossa família, aliados à riqueza cultural e à privilegiada paisagem natural que compõe o nosso território brasileiro, continuem contando e escrevendo a sua história e que apesar de se espalharem pelos vários estados do Brasil se integraram e se uniram aos demais grupos étnicos formadores da gente brasileira, contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento.

Assim, diante de tanta informação que procuramos enfatizar neste artigo, não poderia deixar de fazer uma referência especial a Elza Angulski Ianik, filha de Vicente Angulski e Luiza Metsger que nasceu em Araucária – PR no

dia 02 de fevereiro de 1909 e que viveu entre nós até os 102 anos de idade, quando faleceu no dia 17 de maio de 2011. Viver 100 anos ou mais é um feito espetacular, pois, de acordo com o IBGE, em 2019 a expectativa de vida da mulher brasileira era de 80 anos, enquanto a dos homens era de 73 anos, e a longevidade é muitas vezes creditada ao estilo de vida saudável, à alimentação sadia, ao clima da região e à prática regular de exercícios físicos, mas devemos considerar também a herança genética, pois tivemos muitos exemplos de membros da nossa família que chegaram e superaram a barreira dos 90 anos de idade.

Por fim, homenageando o grande poeta brasileiro de origem polonesa Paulo Leminski, **“meu coração polaco voltou, coração que meu avó trouxe de longe pra mim, um coração esmagado, um coração pisoteado, um coração de poeta”** que estará pulsando enquanto haja os descendentes da família Angulski por este planeta Terra e em especial por este imenso Brasil que ousaram pisar nesta terra de Santa Cruz há 130 anos.

RESUMO – STRESZCZENIE

Przedstawiciele rodziny Angulski, pochodzący z Wielkopolski, przybyli do Brazylii 19 października 1890 r. i osiedlili się w południowym stanie Santa Catarina, jak też w okolicach Kurytyby, w stanie Paraná.

Dzięki swojej pracy, wytrwałości i głębokiej wierze potrafili się zintegrować ze społecznością brazylijską, jak też przyczynili się do rozwoju swojej nowej ojczyzny.

Rodzina Angulski dziękuje Polsce za wykucie jej w „wysokim ogniu” i Brazylii za przyjęcie jej przodków w „gorącej swojej miłości”.

NUM PISCAR DE OLHOS: REFLEXÕES DE UM IMIGRANTE POLONÊS

*Stanislaw ŻAK**

NÓS, OS FILHOS DAQUELES PAIS – PATOLÓGICOS

Eu, meus irmãos e o restante da nossa família passamos a infância nas periferias de uma vila – propriamente no interior. Fomos educados de uma forma com que os psicólogos de hoje geralmente sonham nos seus pesadelos profissionais, ou seja, de uma forma patológica. Por sorte, os nossos velhos não sabiam que eram pais patológicos. E nós não sabíamos que éramos crianças patológicas. Nessa doce ignorância coube-nos passar a nossa idade infantil. Recordamos com saudade os nossos loucos anos 50, 60. Todos fazíamos parte do bando da localidade e podíamos brincar nas numerosas construções que havia na nossa região. Quanto um prego perfurava o pé, a mãe o extraía, descontaminava a ferida com mertiolato e envolvia com algum pano. No dia seguinte, íamos novamente brincar na construção. Nossa mãe não tremia de medo de que podíamos nos matar. Sabia que conhecíamos as normas da higiene das brincadeiras.

Ninguém corria atrás de nós com o boné, o xale, a jaqueta e não verificava se estávamos suados. Com as doenças

* Sacerdote polonês que vive há mais de 40 anos fora da Polônia. Por alguns anos proporcionou assistência pastoral aos imigrantes poloneses na Inglaterra e depois transferiu-se para os Estados Unidos, onde reside até agora.

sazonais lutava a vovó. Para a luta com a gripe servia o alho, o chá quente com álcool e o cobertor de penas. Graças a isso nunca éramos diagnosticados com pneumonia ou inflamação da garganta. Aliás, o médico não nos visitava, então não tinha chance de diagnosticar nada. Quem diagnosticava era sempre a vovó. Acrescento que ninguém internou a vovó numa casa de doentes mentais por ela fornecer álcool às crianças.

Íamos ao mato quando nos dava vontade. Comíamos os mirtilos em que anteriormente haviam feito xixi as raposas e os veados. A mamãe não temia que seríamos comidos por um lobo, contrairíamos a raiva ou nos perderíamos. Já que havíamos chegado, também voltaríamos. Naturalmente na hora certa. A volta atrasada era recompensada com a cinta. Quando o vizinho nos pegava roubando maçãs, ele mesmo nos castigava. O vizinho não se zangava pelas maçãs roubadas, e o pai, por ter sido substituído nas obrigações educacionais. À noite o pai e o vizinho tomavam uma cerveja – como de costume, e tudo continuava bem.

Ninguém nos ajudava a fazer as lições quando já estávamos na escola fundamental. Os pais afirmavam que, visto que já haviam concluído a escola, não tinham de voltar a ela.

No verão íamos de bicicleta até a beira do rio, e os adultos não cuidavam de nós. Ninguém se afogou. Todos sabiam nadar, e ninguém necessitava de aulas especiais para aprender essa arte. No inverno o pai nos organizava um passeio de trenó num velho Fiat, que ele sempre acelerava nas curvas. Às vezes o trenó batia numa árvore ou numa cerca. Então nós caíamos. Ninguém chorava, embora todos tivéssemos um pouco de medo. Os adultos não sabiam para que servem os capacetes e os protetores. Equimoses e escoriações eram um fenômeno natural. O pedagogo da escola não enviava por esse motivo ao psicólogo familiar. Ninguém

nos informava como discar o número da polícia para denunciar os pais. Naturalmente, de bom grado nos utilizaríamos dessa informação. Infelizmente, a cinta era então o recurso didático, e a polícia cuidava dos assuntos dos adultos. As nossas disputas, nós resolvíamos com uma briga regular no mato. Nossos pais mantinham-se afastados disso. Ninguém por esse motivo foi parar numa casa de correção.

No sábado à noite ficávamos sozinhos em casa. Nossos pais iam ao cinema. Não havia necessidade de babá.

Após um dia inteiro passado ao ar livre, obedientemente íamos dormir. O cachorro nos acompanhava sem trela nem focinheira. Fazia cocô e xixi onde queria, e ninguém nos chamava a atenção quanto a isso.

Uma vez amarramos o cachorro numa cordinha e fomos passear com ele, fingindo ser pessoas importantes com um *poodle*. O pai nos prendeu a cordinhas e também nos levou para um passeio. Devolvemos a liberdade ao cachorro, para sempre.

Podíamos tocar outros animais. Ninguém sabia o que eram doenças causadas por animais.

Fazíamos xixi fora. No inverno era preciso fazer xixi a favor do vento, para não se mijar ou não resfriar “ali”. Toda criança sabia disso. Naturalmente, após essa ação ninguém lavava as mãos.

Uma velha vizinha, a quem chamávamos bruxa, corria atrás de nós com a bengala. Sempre ia queixar-se de nós. Nossos pais mandavam sempre que a cumprimentássemos, que lhe disséssemos “bom dia” e que levássemos as compras da loja à casa dela.

A todas as velhas bruxas tínhamos que dizer “bom dia”. E todo adulto tinha o direito de nos obrigar a esse “bom dia”.

O vovô permitia que déssemos uma tragada com o seu cachimbo. Depois ria alto vendo as nossas bocas se entortarem. Então nos mantínhamos distantes do cachimbo do vovô.

Dávamos pulos do balcão, pelo que o vizinho nos deu uma surra. Por isso o pai lhe pagou uma cerveja.

Até a escola andávamos um quilômetro e meio a pé. O pai afirmava que morávamos demasiadamente perto da escola para nos levar de carro, porque ele havia andado cinco quilômetros.

Ninguém nos acompanhava na saída. Todos sabiam que era preciso andar pelo lado esquerdo da rua, para não ser atropelado por um carro, pelo que receberíamos uma surra.

Tínhamos pena do menino que morava na nossa frente; porque ele todos os dias tinha que frequentar aulas de piano. Tinha cinco anos. Os nossos pais estavam indignados porque a criança era maltratada nessa idade. Nós também.

Algumas vezes podíamos viajar no bagageiro do velho Fiat, principalmente quando estávamos sujos demais para nos sentarmos no seu interior.

Preparávamos “almoços” de água de chuva, areia, argila e grama no pátio.

Devorávamos os salgadinhos preparados pela vovó. Ninguém nos contava as calorias. Mastigávamos o mesmo chiclete, em turnos, durante uma semana. Ninguém tinha nojo. Comíamos frutas não lavadas, colhidas diretamente da árvore, e tomávamos a água do riacho. Ninguém morreu.

Ninguém nos dizia que éramos lindos anjinhos. Os adultos sabiam que para nós isso seria uma grande vergonha.

Tínhamos que beijar no rosto a velha tia para cumprimentá-la, sem chorar nem enxugar a boca com a manga. Ninguém brincava com a vovó, a babá ou a mamãe. Para brincar, tínhamos a nós, mutuamente.

Ninguém nos protegia do mundo mau. Indo brincar, tínhamos que dar conta disso nós mesmos. Tínhamos apenas algumas normas para lembrar. As mesmas para todos. Afora elas, tínhamos a liberdade à nossa disposição.

Éramos educados pelos vizinhos, pelas velhas bruxas, por transeuntes ocasionais e pelos colegas mais velhos da escola. Nossos pais aceitavam de bom grado a ajuda desses educadores ocasionais.

Todos sobrevivemos, ninguém foi parar na prisão. Nem todos concluíram estudos superiores, mas cada um de nós obteve uma profissão. Alguns fundaram famílias e estão educando seus filhos de acordo com as recomendações dos psicólogos.

Não tiveram coragem de se tornarem pais patológicos. Hoje somos bem mais civilizados. Nós, as crianças do nosso pátio, amamos nossos pais porque então ainda não sabiam como era preciso nos dar uma boa educação. Foi graças a eles que passamos a infância sem ADHD (*Attention deficit hyperactivity disorder*), psicólogos, bactérias, chatas babás, creches, áreas de recreação fechadas e aulas de balé. E nós tínhamos a impressão de que tudo nos era proibido!

Assim foi a nossa vida de crianças.
Graças a isso fomos e somos
normais!!!

E assim é preciso continuar,
sem olhar para os outros,
para ver o que eles fazem,
para ser politicamente correto.

* * *

A FELICIDADE – O QUE É

1. SE VOCÊ TEM comida na geladeira, roupa para vestir, um teto para se abrigar e um lugar para dormir – VOCÊ É MAIS RICO DO QUE 75% DO MUNDO.
2. SE VOCÊ TEM dinheiro no banco, na carteira, e também alguns trocados – VOCÊ ESTÁ NO GRUPO DE FRENTE DOS 8% mais ricos no mundo.
3. SE VOCÊ ACORDOU HOJE MAIS SÃO DO QUE DOENTE – VOCÊ É MAIS FELIZ do que o milhão de pessoas que não sobreviverão e esta semana.
4. Se você nunca passou pelo perigo da guerra, da agonia, da privação da liberdade ou pelas torturas, ou pelo terrível sofrimento da fome – VOCÊ É MAIS FELIZ DO QUE 500 MILHÕES DE PESSOAS QUE VIVEM E QUE SOFREM.
5. SE VOCÊ PODE LER ISTO – VOCÊ É MAIS FELIZ DO QUE 3 BILHÕES DE PESSOAS QUE NEM SABEM LER.

* * *

UMA PERGUNTA MUITO IMPORTANTE: para o ser humano de hoje

O filho perguntou certa vez a seu pai:

“Como você vivia antes sem o acesso à tecnologia:
sem internet
sem computadores
sem televisores
sem ar-condicionado

sem telefones celulares?”

O pai respondeu:

“Da mesma forma como hoje vive a sua geração:

sem oração

sem compaixão

sem honra

sem respeito

sem vergonha

sem modéstia

sem ler livros...”

Nós, as pessoas nascidas nos anos 1945-1985, somos abençoados.

A nossa vida é uma prova viva disso:

Jogando e andando de bicicleta, nunca usamos capacetes.

Não tínhamos medo de ir à escola sozinhos desde o primeiro dia.

Após as aulas brincávamos até o pôr do sol.

Nunca vimos televisão ou internet durante a metade de um dia.

Jogávamos com verdadeiros amigos, não com amigos da internet.

Se alguma vez estávamos com sede, tomávamos água da torneira ou do riacho, não da garrafa.

Não ficávamos doentes com frequência, embora partilhássemos o mesmo copo de suco com quatro amigos.

Nunca engordamos, embora todos os dias comêssemos muito pão e batatas.

Estamos acostumados a inventar os nossos brinquedos e a brincar com eles.

Partilhávamos os nossos brinquedos, os nossos livros.

Nossos pais não eram ricos. Eles nos deram o seu amor, ensinaram-nos a apreciar a espiritualidade, deram-nos a noção dos verdadeiros valores humanos – da honestidade, da fidelidade, do respeito, do trabalho pesado.

Nunca tivemos:

telefones celulares

DVD

PlayStation

Xbox

games

laptops

chats por internet

mas tínhamos verdadeiros amigos!

Quando íamos à casa de um amigo sem sermos convidados, éramos recepcionados com uma comida simples e modesta. Uma costeleta era cortada em quatro partes, adicionava-se uma caneca de água quente na sopa e quatro fatias de pão, e isso era suficiente para todos.

As nossas lembranças eram em fotografias preto e branco, mas elas eram claras e coloridas, folheávamos com prazer os álbuns familiares e com respeito guardamos os retratos dos nossos antepassados.

Não jogamos livros no cesto de lixo. Ficávamos à espera deles em filas.

Não fornecíamos a nossa vida à opinião pública e não conversávamos sobre a vida dos outros com entusiasmo, como faz você – mostrando a sua vida no Instagram, discutindo em público os seus segredos familiares, as sujeiras e os escândalos nas mídias,

visto que somos a última geração que obedecia a seus pais e a primeira geração que obedece a seus filhos.

Somos uma edição limitada!

Aprenda conosco!

Aprece-nos!

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor - wybierając życie na emigracji z powodu polskich emigrantów – udostępnia nam trzy teksty dające nam możliwość do głębszej refleksji nad zachodzącymi zmianami w życiu ludzkim w ostatnich dziesięcioleciach. Reasumując można stwierdzić, że nawet żyjąc w ograniczonych i prostych warunkach w systemie narzuconemu Polsce przez Związek Radziecki (przez zdradę krajów zachodnich podczas konferencji w Jalcie), można było żyć spokojnie, spotykając szczerych i prawdziwych przyjaciół. Oczywiście nie zapominając o wielu ograniczeniach, jakie system narzucał obywatelom.

Aktualny czas dzięki szybkiemu rozwojowi technologii, szczególnie elektronice, internetowi, bardzo ułatwia nam życie. Może stało się ono o wiele łatwiejsze. Można jednak zapytać, czy człowiek czuje się bardziej szczęśliwy niż ci, którzy żyli 50, 60, 70 lat temu?

O RETORNO

*Tomasz LYCHOWSKI**

Das montanhas que tanto amava ele veio
Lá do alto, costumava olhar o vale
E conversar com o seu Amigo

Dos seus cumes
Apenas a Águia Branca
A observar a terra
A lua e as estrelas
Em eterna companhia

Anos mais tarde
Cercado pelas multidões
Só lhe restava voltar em sonho
Almejar, sentir saudade

Ficou determinado, entretanto,
Que seu retorno seria ainda mais festivo
Pois, como num sonho,
Ele se juntaria aos outros amigos
Na Montanha Santa
E lhe seria permitido armar a tenda
Para o seu Mestre, Irmão e Amigo

* Poeta, pintor, membro do Conselho Consultivo da *Polonicus* e Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa no Rio de Janeiro.

| Poemas

As montanhas cobertas de neve
A Águia Branca e os vales
Aguardam a volta
Do Servo dos Servos
Do filho dessa terra

1920 – 2020

VICROSKI, Fabricio J. Nazzari; SZYKULSKI, Józef (Org.). **Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais**. Revista História: Debates e Tendências, v. 20, n. 3, set. 2020. Passo Fundo: PPGH/UPF, pp. 321.

*Fabricio J. Nazzari VICROSKI (WICHROWSKI)**

No ano de 2019 o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF) formalizou a criação do **Núcleo de Estudos Históricos e Arqueológicos Brasil-Polônia (NEHABP)**.

O núcleo é formado por professores e pesquisadores vinculados a diferentes linhas de pesquisa em parceria com pesquisadores poloneses ligados a diversas instituições na Polônia. Seu objetivo é formar um espaço de discussão, pesquisa e interlocução acerca de temas comuns entre os dois países em seus mais variados espectros, desde arte, questões migratórias, culturais, históricas e políticas até intercâmbio de conhecimento ligado à arqueologia. O núcleo pretende, assim, criar redes de pesquisa com acadêmicos brasileiros e poloneses permitindo a troca de experiências e a produção científica em ambos os países.

* Arqueólogo e Historiador. Mestre e doutor em História. Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (bolsista PNPd Capes). Arqueólogo do Núcleo de Pré-História e Arqueologia (NuPHA/PPGH/UPF). E-mail: fabricioarqueologia@hotmail.com

No âmbito de suas atividades, no ano de 2020 a instituição elaborou uma publicação especial para assinalar a comemoração do centenário do estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países (1920-2020). A obra intitulada **Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais** foi



publicada no formato de dossiê temático da revista científica **História – Debates e Tendências**, mantida pelo Programa de Pós-Graduação em História.

A publicação tem por objetivo destacar os diálogos histórico-culturais que ocorrem no âmbito da produção acadêmica e científica, especialmente no campo histórico-cultural. Tais diálogos são também o reflexo das trajetórias históricas que unem ambos os países. A elaboração do dossiê ocorreu no âmbito da cooperação acadêmica entre a Universidade de Passo Fundo e a Uniwersytet Wrocławski.

Alguns artigos publicados exploram temáticas que, em maior ou menor grau, oscilam em torno da história da imigração polonesa, enquanto outros evidenciam o intercâmbio científico e suas interfaces entre os dois países. A publicação reuniu contribuições provenientes dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Espírito Santo, além de textos das cidades polonesas de Varsóvia, Wrocław e Katowice, congregando assim textos em português e polônês.

O artigo de abertura intitulado *Na fronteira Brasil – Polônia: cooperação acadêmica em Antropologia Forense a serviço dos Direitos Humanos* sintetiza a proposta do dossiê, uma vez que explora as possibilidades e perspectivas atuais de cooperação científica entre os dois países. As pesquisadoras Katarzyna Górká e Cláudia Regina Plens nos apresentam o contexto da Antropologia Forense e seu papel nos Direitos Humanos no Brasil. O texto descreve a realidade acadêmica e profissional, bem como evidencia as limitações que se impõem ao exercício da profissão, como a falta de formação especializada, insuficiência de infraestrutura e investimentos, sobrecarga de recursos humanos, ausência de protocolos a nível federativo, dentre outros desafios. Frente a esse cenário, a cooperação científica internacional se apresenta como indispensável para o amadurecimento e fortalecimento da área no país. O texto é apresentado em sua versão bilíngue (português e polonês).

Na sequência, o artigo *Pedidos de Extradicação Formulados pela Polônia Contra Criminosos Nazistas Residentes no Brasil*, de autoria de Felipe Cittolin Abal, traça um histórico dos processos de extradicação de Franz Stangl e Gustav Wagner, criminosos nazistas que após praticarem suas atrocidades em Sobibor e Treblinka passaram a viver impunemente no Brasil. Os pedidos formulados pela Polônia foram julgados pelo Supremo Tribunal Federal em 1967 e 1979, sendo ambos indeferidos por prescrição. Em sua abordagem histórico-jurídica o pesquisador constrói uma análise crítica e fundamentada a respeito do andamento e desdobramentos dos processos.

Em *Polonidade no Brasil: papel dos atores sociais e das instituições na manutenção e/ou extinção do patrimônio cultural*, Schirlei Mari Freder coloca em evidência a importância social dos ativistas culturais étnicos no exercício da polonidade e,

sobretudo, o seu papel na manutenção ou extinção de instituições polonesas e polono-brasileiras ao longo das últimas décadas no Brasil. Baseada em pesquisas bibliográficas e observações de campo, a pesquisadora investiga as motivações subjetivas dos atores sociais – e suas transformações – que impelem a sua atuação nas ações de perpetuação e esquecimento de símbolos e códigos culturais inerentes ao patrimônio cultural material e imaterial do grupo étnico polonês.

Ocasionalmente, temos um bloco temático composto por três textos que orbitam em torno do assunto da educação nas colônias polonesas e suas interfaces com os processos culturais de construção identitária. Na emergência das dinâmicas de construção das identidades nacionais na primeira metade do século XX, o artigo *Iniciativas Escolares Polonesas – Polskie szkoły no Brasil e a atuação do consulado no pós-reunificação polonesa: discursos e negociações culturais e identitárias*, da pesquisadora Fabiana Regina da Silva, explora de forma magistral as conexões culturais, políticas e religiosas que permearam as iniciativas educacionais nas comunidades étnicas da diáspora polonesa no Brasil, destacando, sobretudo, o papel dos agentes consulares no delineamento e construção dos discursos e ações para a construção do espírito nacional enquanto comunidade imaginada.

Dando sequência ao tema da identidade étnica, Adriano Malikoski aborda a manutenção da nacionalidade polonesa através da promoção cultural nos núcleos étnicos. Em seu texto intitulado *A União Central dos Poloneses do Brasil e a imposição cultural nacional (1930-1938)*, o pesquisador desvela o papel da União Central dos Poloneses do Brasil nesse processo, bem como o impacto das políticas de nacionalização implantadas pelo Estado Novo no Brasil, cujos efeitos possuem reflexos na atualidade, em especial a perda do

conhecimento do idioma polonês pela maioria dos descendentes de imigrantes. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, Malikoski analisou artigos de periódicos étnicos e documentações consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Polônia (*Ministerstwo Spraw Zagranicznych*).

A temática que perpassa as políticas de nacionalização e as escolas étnicas polonesas é abordada através de um recorte regional pelas pesquisadoras Isabel Rosa Gritti e Silvana Maria Gritti. O artigo intitulado *A educação polonesa na Colônia Erechim: a escola como instrumento de organização e resistência* acentua o papel do imigrante polonês como um sujeito social que busca a construção do seu espaço de existência em um contexto de confrontos e adversidades decorrentes das políticas de nacionalização do ensino brasileiro. Frente a essa conjuntura, a escola passou a irradiar processos de resistência, conflitos e tensionamentos.

Temas como identidade e memória igualmente constituem o cerne do artigo da pesquisadora Thaís Janaina Wenczenowicz. Seu foco, todavia, está centrado nos espaços de guarda de memória de imigrantes ou descendentes de poloneses. Seu texto intitulado *Cultura, identidade(s) e memória na imigração polonesa no Rio Grande do Sul* nos apresenta um recente levantamento de dados acerca de instituições e locais de guarda de informações e acervos com potencial informativo sobre a história da imigração. Dentre os espaços relacionados figuram arquivos pessoais, arquivos públicos, associações, cartórios, igrejas e museus.

A escrita da história da imigração polonesa no Brasil comumente está centrada no sul do Brasil, região que recebeu os maiores contingentes de imigrantes. Entretanto, o monopólio da narrativa por vezes sufoca a historiografia das demais regiões que igualmente são fundamentais para a compreensão do tema em questão. Nessa perspectiva insere-se

o artigo *Poloneses no Espírito Santo: duas trajetórias de um povo entre os vales da Serra e os sertões do Norte*. Nele as pesquisadoras Renata Siuda-Ambroziak e Maria Cristina Dadalto desenvolvem uma perspectiva comparativa de duas fases imigratórias polonesas no estado do Espírito Santo, ambas marcadas por diferentes contextos sociopolíticos e históricos, destacando, dessa forma, a importância da ação da sociedade e das instituições no processo de assentamento e de recepção dos imigrantes.

No epílogo da seção de artigos a pesquisadora Magdalena Bąk nos proporciona uma leitura leve e ao mesmo tempo reflexiva. O texto intitulado *Brazylija Tomasza Łychowskiego*¹, redigido em língua polonesa, nos apresenta o Brasil aos olhos do imigrante Tomasz Łychowski. Poeta, pintor, professor e escritor, Łychowski registrou em versos suas impressões e as especificidades do Brasil. Em seus poemas também estão presentes várias reflexões inerentes à condição de imigrante, em especial os mecanismos de aquisição e construção de uma identidade híbrida, tema caro e recorrente nas atuais colônias polonesas do Brasil.

Por fim, na seção de **Traduções** publicamos um ensaio da laureada escritora polonesa Olga Tokarczuk. O texto intitulado *O narrador sensível* foi apresentado pela escritora durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel de Literatura em Estocolmo, na Suécia, em 2019. Sua tradução foi executada por Alcione Nawroski, pesquisadora que transita pelos diálogos acadêmicos entre o Brasil e a Polônia.

Os artigos são ainda precedidos por uma contribuição da Embaixada do Brasil em Varsóvia. O texto do Embaixador

¹ “O Brasil de Tomasz Łychowski”

Hadil da Rocha Vianna enaltece as relações de cordialidade e cooperação entre os dois países.

Por fim, o dossiê temático extravasou as possibilidades de diálogos histórico-culturais, evidenciando assim o grande potencial de cooperação acadêmica e científica a ser explorado por pesquisadores de ambos os países.

A publicação **Brasil-Polônia: Diálogos Histórico-Culturais**, em sua versão digital, encontra-se disponível na página institucional: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/index>

DIA DO SOLDADO POLONÊS

*Israel BLAJBERG**

No dia 15 de agosto comemoramos o Centenário da vitória da Polônia na Batalha de Varsóvia, o "milagre no Vístula", data que foi instituída como o Dia do Soldado Polonês. A batalha foi travada entre 12 e 25 de agosto de 1920 entre o Exército Polonês, sob o comando do Marechal Józef Piłsudski, e o Exército Vermelho, determinando a Independência da Polônia, após 123 anos de domínio estrangeiro.

Há muitos anos, a SPK – Stowarzyszenie Polskich Kombatantow, Associação dos Ex-Combatentes Poloneses comemora no Rio de Janeiro o Dia do Soldado Polonês. O simbolismo da cerimônia é profundo. Assim como a Polônia em 1939, atacada sem aviso pela Alemanha Nazista, o Brasil também sofreu cruel agressão em 1942, através do infame torpedeamento de dezenas de navios mercantes, com perda de centenas de preciosas vidas brasileiras.

Antes dos tempos de pandemia, tradicionalmente no Rio de Janeiro as comemorações do Dia do Soldado Polonês eram organizadas pelo Decano dos Veteranos Poloneses, Ten Cel Eng Ignacy Felczak, com Aposição floral nos túmulos de 10 soldados polono-brasileiros mortos em combate, sepultados no Monumento aos Pracinhas no Parque do Flamengo-RIO e

* Engenheiro, professor e tradutor. Jornalista e conferencista sobre temática brasileira, polonesa, judaica.

homenagem aos ex-combatentes poloneses do Brasil. Cerca de 800 soldados brasileiros se alistaram nas Forças Armadas Polonesas na Europa durante a II Guerra Mundial e na Força Expedicionária Brasileira - FEB na Itália.

Havia também solenidades na Sociedade Polonia com aposição floral na estátua do Marechal Piłsudski em sua sede, na Rua das Laranjeiras 540 e Missa na Igreja Polonesa N S do Monte Claro, Rua Marquês de Abrantes - RIO, com o toque de silêncio pelo corneteiro do Pelotão de Honras do 1º. Distrito Naval recordando os combatentes que tombaram nas guerras pela liberdade da Polônia.

Pátria que trouxe ao mundo Fryderyk Chopin, Maria Skłodowska Curie, Mikołaj Kopernik, Adam Mickiewicz e Karol Wojtyła, país sofrido, de história repleta de lutas. Soldados brasileiros e poloneses lutaram na Itália, onde escreveram páginas gloriosas, seja na epopeia de Monte Cassino, abrindo o caminho para a Cidade Eterna Roma, seja na tomada do Monte Castello, destruindo a Linha Gótica. Dos mais de 60 membros da SPK em décadas passadas, apenas o bravo Veterano Tenente Coronel Ignacy Felczak ainda hoje ostenta orgulhosamente as medalhas e a boina, honrando o Dia do Soldado Polonês, recordando o Milagre do Vístula.

A memória de lutas da nação polonesa permanece viva no mundo inteiro. Onde existir um Soldado Polonês, este dia será lembrado, recordando o Milagre do Vístula e os acordes do belo Hino Nacional polonês neste dia de recordação – *Jeszcze Polska nie zginęła* – A Polônia não pereceu!

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przybliży czytelnikowi tradycyjny i uroczysty obchód Dnia Żołnierza Polskiego w Rio de Janeiro. Główna uroczystość odbywa się w parku Flamengo przy pomniku ku czci poległych Brazylijczyków we Włoszech w trakcie II wojny światowej. Uroczystość odbywa się również w kościele polskim uroczystą Mszą św. podczas której trębacz marynarki wojennej wykonuje tradycyjny hymn „Cisza”.

Niestety byli żołnierze polscy walczący na frontach Europy Zachodniej, którzy po zakończeniu działań wojennych wyemigrowali do Brazylii, na przestrzeni ostatnich lat, odchodzą na wieczną wartę. Z tego też względu zakończy się ta wzruszająca i patriotyczna tradycja uczczenia poległych za „wolność waszą i naszą”, jak też wyrażającą braterstwo broni żołnierzy brazylijskich i polskich walczących o pokój na świecie.

**O FALECIMENTO
DO PADRE RYSZARD GŁOWACKI SCHR,
EX-SUPERIOR GERAL DA SOCIEDADE DE CRISTO***

No dia 21 de setembro de 2020, na casa religiosa em Puszczykowo, perto de Poznań, afastou-se para o Senhor o Pe. Ryszard Głowacki, superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados nos anos 2013-2019.

Toda a comunidade religiosa da Sociedade de Cristo, bem como numerosos benfeitores e amigos nossos, representantes de comunidades religiosas e do clero despediram-se no dia 21 de setembro do falecido Pe. Ryszard Głowacki SChr, superior geral da nossa Congregação nos anos 2013-2019, e que nos anos 1984-2013 proporcionou assistência religiosa à comunidade polônica na Alemanha.

No dia 24 de setembro, às 18 horas, ocorreu a introdução do corpo do falecido Pe. Ryszard Głowacki na capela da Casa Central da Sociedade de Cristo em Poznań. Com a oração do rosário, e a seguir com a Liturgia das Horas, demos graças a Deus pela pessoa e pelas boas ações do falecido sacerdote Ryszard, com a esperança de que Deus lhe dará a participação na glória da Sua Ressurreição e nos juntará a ele na eterna felicidade. Na noite da quinta-feira o esquife com o corpo do Pe. Ryszard encontrava-se na nossa Casa Central em Poznań, onde na capela do seminário pudemos recitar a oração do rosário, pedindo a divina misericórdia e a alegria da vida eterna para o nosso falecido coirmão. A seguir,

* www.chrystusowcy.pl; www.facebook.com/chrystusowcy (acesso aos 25.09.2020).

participamos das vésperas e do ofício pelos falecidos e celebramos a I estação dos ritos do sepultamento.

As solenidades de sepultamento do falecido Pe. Ryszard Głowacki SChr realizaram-se no dia 25 de setembro em Poznań. Na basílica da arquicatedral realizou-se a oração do rosário às 10h30, e a santa Missa iniciou-se às 11 horas. A despedida final, no Cemitério Miłostowo, em Poznań, ocorreu às 11 horas.

O Pe. Ryszard Głowacki SChr nasceu no dia 11 de abril de 1956 em Stargard Szczeciński. Ingressou na Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados no dia 14 de agosto de 1975. Iniciou o noviciado canônico no dia 28 de setembro de 1975. Fez a primeira profissão religiosa no dia 29 de setembro de 1976 em Kiekrz, e a perpétua em Poznań, no dia 29 de abril de 1981. Foi ordenado sacerdote no dia 25 de maio de 1982 na arquicatedral de Poznań pelo arcebispo Dom Emmanuele Clarizio. Após a ordenação sacerdotal trabalhou como vigário na paróquia de S. Catarina de Alexandria em Goleniowo (1982-1983) e na paróquia do Sacratíssimo Coração de Jesus em Szczecin (1983-1984). Em 1984 foi encaminhado para o trabalho pastoral entre os poloneses na República Federal da Alemanha, onde exerceu o ministério em Colônia, Essen e Brunswick. Nos anos 1990-2002 foi superior da província de S. José, que compreende a Alemanha, a Holanda, a Itália e a Hungria. Nos anos 2007-2013 exerceu o cargo de conselheiro geral. Em julho de 2013 foi eleito superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, para um mandato de 6 anos. Após o encerramento do seu mandato, residia na casa religiosa em Puszczykowo. Em julho de 2020 devia assumir o trabalho pastoral na paróquia de S. José em Stargard, no entanto a doença impossibilitou a realização desses propósitos. Faleceu no dia 21 de setembro de 2020, na casa religiosa em Puszczykowo.

O falecido ex-superior geral Pe. Ryszard gravou-se na memória dos atuais seminaristas de maneira especial, visto que era ele que, como responsável pela formação, nos acolhia no caminho da nossa vocação, que inicia o seu curso com o noviciado canônico. Sempre prestativo, com o seu sorriso e a sua serenidade de espírito ele representava a figura de um sacerdote da Sociedade de Cristo ativo e cordial, que será sempre vista por nós como um ideal a ser atingido. Devido a problemas de saúde, ultimamente ele tinha que restringir a sua atividade, mas sem nunca deixar de nos confirmar na vocação e de pregar sermões que nos aproximavam do Evangelho de Cristo. Foi ele que nos dirigiu nas celebrações da Quaresma deste ano, pregando-nos sermões passionais, tão apropriados aos corações e aos ouvidos das pessoas que realizam a formação religiosa.

Despedimo-nos do superior geral na Basílica Arquicatedral dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo em Poznań, onde a Missa de exéquias foi presidida pelo Delegado da Conferência do Episcopado da Polônia, Dom Wiesław Lechowicz. Da parte da arquidiocese de Poznań esteve presente Dom Grzegorz Balcerek, acompanhado do clero arquidiocesano, além do que enviou as suas condolências o arcebispo Dom Stanisław Gądecki, Presidente da Conferência do Episcopado da Polônia. Igualmente a chancelaria do Presidente da Polônia Andrzej Duda enviou-nos uma carta de condolências em seu nome. O pároco Pe. Jerzy Grynia SChr, que dirige a pastoral polônica em Düsseldorf, pronunciou uma homilia na qual recordou o zelo no ministério parstoral do nosso falecido coirmão e o desvelo que o Pe. Ryszard dedicava às necessidades dos poloneses e aos sacerdotes que atuam entre eles. Pronunciaram discursos de despedida também o atual superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, Pe. Krzysztof Olejnik SChr, e a madre geral da

Congregação das Irmãs Missionárias de Cristo Rei para os Poloneses Emigrados, Ir. Dra. Ewa Kaczmarek MChr.

O nosso coirmão foi sepultado no jazigo dos Padres da Sociedade de Cristo no cemitério de Miłostowo, em Poznań.

* * *

Arcebispo Stanisław Gądecki
Metropolita de Poznań e Presidente da Conferência
do Episcopado da Polônia, Copresidente do Conselho da
Conferência dos Episcopados da Europa (CCEE)

Varsóvia, 21 de setembro de 2020.

Reverendíssimo Superior Geral,

Com profunda tristeza recebi a notícia sobre a morte do Pe. Ryszard Głowacki, superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados nos anos 2013-2019.

Em nome do Episcopado da Polônia apresento as minhas condolências à família, às pessoas próximas e a todos a quem a morte do Pe. Ryszard encheu de tristeza. Asseguro a minha proximidade espiritual com toda a Sociedade de Cristo, bem como a minha oração pelo Falecido.

Afastou-se um sacerdote de profundos méritos para a Igreja e a Polônia, especialmente pelo seu trabalho em prol da comunidade polônica, primeiramente como sacerdote em Colônia, Essen, Brunswick, e depois como superior da província alemã-holandesa-italiana, desde 2007 como conselheiro geral da congregação, e finalmente como superior geral da Sociedade de Cristo.

Buscamos o consolo decorrente da fé nas palavras de Cristo Senhor dirigidas a Marta, irmã de Lázaro: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais” (Jo 11,25-26).

Que ele descanse em paz!

+ *Arcebispo Stanisław Gądecki*

* * *

**CHANCELARIA DO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
Secretário de Estado
Adam Kwiatkowski**

Varsóvia, 25 de setembro de 2020.

Aos participantes das solenidades do sepultamento
do falecido Pe. Ryszard Głowacki
Basílica Arquicatedral dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo
em Poznań

*Excelentíssimos Senhores Bispos,
Reverendos Padres,
Prezada Família do Falecido,*

Com profunda tristeza recebi a notícia da morte do Pe. Ryszard Głowacki, superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados nos anos 2013-2019, por muitos anos pastor da comunidade polônica na República Federal da Alemanha, superior da província alemã-holandesa-italiana,

experiente organizador da vida social e advogado das causas polonesas.

Mergulhados na tristeza e na reflexão, despedimo-nos hoje de uma pessoa de méritos, educador de algumas gerações de poloneses, que do fundo do coração foi devotado a Deus e aos seres humanos. O falecido Pe. Ryszard Głowacki será lembrado não somente como um sacerdote carismático, mas sobretudo como um dedicado pastor de almas que contribuiu para a multiplicação do bem entre os poloneses e no seio da comunidade polônica no exterior. Agradecemos pelo dom da sua vida cristã e pelos seus muitos anos de trabalho a serviço de Deus e da Pátria.

Em nome do Presidente da República Senhor Andrzej Duda e em meu próprio, apresento as minhas profundas condolências à família, às pessoas próximas, aos amigos. Asseguro que com o pensamento, o coração e a oração me encontro hoje com os Senhores.

Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno!

Com expressões de respeito,

Adam Kwiatkowski

* * *

Com pesar recebemos a notícia sobre a morte do Pe. Ryszard Głowacki, ex-superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados nos anos 2013-2019.

Trata-se de uma grande perda para a comunidade polônica, à qual incansavelmente o falecido levava as palavras do Evangelho, e com o seu engajamento pessoal sempre congregava as coletividades polonesas nos lugares em que lhe coube servir.

Em nome da Associação “Wspólnota Polska” apresentamos as mais sinceras condolências à família e às pessoas dele próximas.

Ele permanecerá para sempre nos nossos corações e na nossa memória.

Dariusz Piotr Bonisławski
Presidente da Associação “Wspólnota Polska”*

* * *

MISSÃO CATÓLICA POLONESA NO BRASIL

Reverendíssimo Padre Superior Geral,

Alio-me com toda a nossa Comunidade pelos nossos Coirmãos ultimamente falecidos: o Pe. Antoni e o Pe. Ryszard.

Com o Pe. Ryszard tenho vínculos desde Stargard, quando após a ordenação ali me tornei vigário, e ele era noviço.

Ele tinha pais maravilhosos e o irmão Roman. A sua falecida mãe participava na paróquia da pastoral familiar e preparava os noivos para contraírem o vínculo matrimonial. Seu pai também era uma figura maravilhosa, que irradiava bondade e simpatia.

Quando em minha paróquia natal eu me despedia antes de viajar ao Brasil em 1979, o Ryszard e o Marian Jachym, que eram nossos seminaristas, cantaram e tocaram violão durante a Missa de despedida. O vigário-geral da época, Pe. Stanislaw Stefanek, veio despedir-se de mim...

* www.wspolnotapolska.org.pl (acesso aos 23.09.2020).

Quantas recordações me ocorrem em razão do afastamento do Pe. Ryszard ao Senhor! Como provincial, eu o recepcionei no Brasil e lhe mostrei as nossas paróquias. Como superior geral, ele esteve em Porto Alegre fazendo a visitação canônica. Os polônicos daqui se recordam dele como de uma pessoa sorridente, aberta e repleta de benevolência.

Eu não imaginava que ele pudesse afastar-se deste mundo tão rapidamente!

Amanhã estarei espiritualmente unido com todos os participantes da Missa de exéquias e também celebrarei uma Missa pela sua alma. O falecido Pe. Ryszard permanece em minha memória como uma pessoa bondosa. Que Deus lhe conceda o Céu! E que os seus sofrimentos tragam à nossa Comunidade religiosa a renovação do espírito e a nossa entrega total ao serviço do Senhor!

Aproveito a ocasião para expressar diante do Reverendo Padre Superior Geral as minhas condolências em razão do afastamento desses dois nossos irmãos, do Pe. Antoni Bury e do Pe. Ryszard. A oração nos une entre nós e com aqueles que nos precederam no caminho ao Senhor. Asseguro a minha lembrança nas intenções do Reverendo Padre Superior Geral e de toda a nossa Sociedade. Que Deus nos ampare!

Com as expressões do devido respeito e a saudação da primavera! Porto Alegre.

Pe. Zdzislaw

25 de setembro de 2020.

RESUMO – STRESZCZENIE

21 września 2020 r. zmarł w domu zakonnym chrystusowców w Puszczykowie ks. Ryszard Głowacki SChr, który w latach 2013-2019 pełnił posługę przełożonego generalnego Towarzystwa Chrystusowego. Przez długie lata posługiwał jako duszpasterz Polakom zamieszkującym w Niemczech, gdzie pełnił także funkcję prowincjała prowincji obejmującej Niemcy, Holandię, Włochy i Węgry.

Na ręce ks. Krzysztofa Olejnika SChr pełniącego funkcję przełożonego generalnego napłynęły kondolencje wyrażające smutek, łączność oraz modlitwy z powodu śmierci byłego generała zgromadzenia.

**A 35ª NOITE DE VIGÍLIA PELA COMUNIDADE
POLÔNICA
16 de outubro de 2020***

Todos os anos, na segunda quinzena de outubro, realiza-se uma vigília de oração pelos emigrados poloneses e pelos seus descendentes que vivem em tantos países do mundo.

A excepcionalidade dessa noite foi paradoxalmente enfatizada pela pandemia do coronavírus, visto que a impossibilidade de uma oração pessoal junto à Senhora de Monte Claro reuniu uma multidão de poloneses na Polônia e no exterior diante dos meios de comunicação (a vigília foi inteiramente transmitida pelo canal Youtube do santuário de Monte Claro, e o Apelo de Monte Claro e a santa Missa foram transmitidos pela rádio Monte Claro, pela rádio Maria e pela TV Trwam), bem como nas respectivas comunidades paroquiais.

No santuário de Monte Claro rezaram as Irmãs Missionárias de Cristo Rei da casa geral em Poznań-Morasko, tendo à frente a sua superiora geral M. Ewa Kaczmarek MChr e uma delegação de padres da Sociedade de Cristo – coirmãos da casa polônica do peregrino de Częstochowa, o Pe. Jacek Walkiewicz SChr, superior da província norte-americana, o Pe. Sławomir Nadobny SChr de Wuppertal e o capelão das irmãs, que veio juntamente com elas. Infelizmente, do seminário e da casa central da Sociedade de Cristo em Poznań ninguém pôde vir, visto que a casa religiosa havia sido fechada e envolvida por uma quarentena, em razão dos

* www.emigracja.chrystusowcy.pl (acesso aos 17.10.2020)

sintomas da Covid-19 que apareceram em alguns dos seus moradores.

Há muitos anos, essa oração vem acompanhada, como do seu lema, das palavras do nosso Grande Compatriota, S. João Paulo II. Não podia ser diferente também neste ano, no ano do centenário do seu nascimento e no dia do 42º aniversário da sua eleição como papa, visto que neste ano com isso coincidiu a sexta-feira de outubro, na qual nos reunimos para a vigília. Neste ano o lema foram as palavras dirigidas aos poloneses no Chile em 1987: “Falei no início da grande comunidade que constituem os poloneses que vivem na Polônia e fora das suas fronteiras. Essa comunidade se moldou por mais de mil anos. Com base no Evangelho e na Eucaristia, os poloneses que vivem fora da Polônia vivenciam profundamente o que é a Pátria deles, os seus cuidados, as suas tristezas, os insucessos, as suas esperanças e alegrias. Eles sentem isso da mesma forma que os poloneses na Polônia, porquanto toda a Igreja polonesa procura envolver-se nos problemas dos emigrados e levar-lhes a ajuda espiritual” (S. João Paulo II, Alocução aos poloneses no Chile, Santiago de Chile, 4 de abril de 1987). As palavras do papa constituíram o tema central das reflexões do rosário e da celebração mariano-eucarística que nos introduziu no momento culminante da vigília – na santa Missa, que foi presidida pelo Pe. Wiesław Wójcik SChr, diretor do Instituto da Pastoral Emigratória, que também coordenou a conjunto da oração.

As piedosas reflexões preparadas pelas Irmãs Missionárias, entrelaçadas de bonitos e significativos cânticos, faziam alusão ao patrimônio da congregação: aos escritos do Pe. Ignacy Posadzy SChr, fundador das Irmãs Missionárias e Cofundador da Sociedade de Cristo. O papel das nossas comunidades religiosas, as obras do cardeal August Hlond e do Pe. Ignacy Posadzy, que acompanharam os poloneses

emigrados, repercutiram durante a homilia pronunciada durante a Missa pelo Pe. Sławomir Nadobny SChr. A assistência pastoral dos sacerdotes e das irmãs religiosas da Polônia contribui para que nenhum polonês se perca no estrangeiro e permite que nada os separe do amor de Cristo, do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor (cf. Rm 8,35a.39b). O Pe. Sławomir aludiu à sua experiência pastoral e à história da comunidade polônica e da pastoral polônica na Alemanha, mas certamente isso pode ser também aplicado aos outros lugares do mundo onde exercemos o nosso ministério. As palavras citadas de S. Paulo se cumprirão, disse o pregador, quando depositarmos a nossa esperança no Evangelho e na Eucaristia.

O pregador lembrou igualmente que na sua história os poloneses muitas vezes buscaram em Monte Claro o conselho e o fortalecimento... A nossa presença, ainda que limitada, junto à Rainha de Monte Claro e essa grande comunidade espiritual da Polônia e do mundo inteiro, criada pelos inventos tecnológicos, inscreve-se nessa história da peregrinação, visto que buscamos o fortalecimento para a nossa vida diária, para os nossos caminhos de emigrados, mas também esperamos a ajuda para este difícil tempo da pandemia. Esse pedido da proteção de Maria sobre nós foi formulado pelo padre diretor do Instituto da Pastoral Polônica, que enfatizou: “Maria, fala a Jesus sobre o nosso hoje, fala sobre o nosso difícil hoje...; a respeito do que nos inquieta... Fala a respeito daquilo com que vive o coração polonês no estrangeiro... Fala dos nossos anseios e dos nossos sofrimentos... Fala, ó Mãe, a Jesus dos doentes...”. Sintetizou também todo o contexto da noite de vigília lembrando as palavras do papa polonês: “Acostumaram-se os poloneses a relacionar com este lugar, com este santuário todos os inúmeros problemas da sua vida, os diversos momentos importantes, decisivos... Acostumaram-

se a vir com tudo a Monte Claro, para falar de tudo a sua Mãe – Aquela que aqui não apenas tem a Sua Imagem, a Sua Efigie, – mas que aqui de certa forma se encontra presente. Se encontra presente no mistério de Cristo e da Igreja... Se encontra presente para cada um e para todos que a Ela peregrinam... ainda que seja apenas com a alma e o coração, ainda que seja apenas com o último suspiro da vida, caso de outra forma não possam”. (S. João Paulo II, Homilia durante a santa Missa celebrada em Monte Claro no dia 4 de junho de 1979).

Voltamos, então, às nossas obrigações, cheios de confiança e esperança... A elas estimulou para o encerramento da Eucaristia o Pe. Wiesław, convidando-nos já para a vigília do próximo ano, expressando a esperança de que isso aconteça da forma “normal”, que nos últimos anos instituímos. Porquanto “sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu desígnio” (Rm 8,28).

RESUMO – STRESZCZENIE

Od 35 lat Towarzystwo Chrystusowe wraz ze zgromadzeniem Sióstr Misjonarek Chrystusa Króla organizują w drugiej połowie października czuwanie modlitewne w intencji Polonii przed obrazem Pani Jasnogórskiej w Częstochowie.

Niestety z powodu pandemii Covid-19, który uniemożliwił z racji kwarantanny udziału mieszkańców domu głównego i seminarium chrystusowców z Poznania. Także mniejsza liczba pielgrzymów przybyła z sąsiednich krajów, jak też z parafii chrystusowców w Polsce.

Każdego roku tematyka czuwania oparta jest na słowach papieża św. Jana Pawła II, jakie kierował do Polonii podczas swoich podróży apostolskich.

ASSOCIAÇÃO DOS VETERANOS POLONESES ENCERRA SUAS ATIVIDADES NO BRASIL

Após a II Guerra Mundial os poloneses que lutaram contra os alemães na Europa não puderam voltar para a Polônia dominada pelo regime comunista. Escolheram a vida de emigrados, e muitos vieram para o Brasil. Com a passagem do tempo começaram organizar núcleos dos ex-combatentes poloneses (*Stowarzyszenie Polskich Kombatantów - SPK*) nas cidades brasileiras onde residiam: Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro. O núcleo no Rio de Janeiro foi o mais atuante.

Depois de dezenas de anos vividos no Brasil, onde deram início à organização da sua vida familiar, profissional, organizacional, os poloneses veteranos da II Guerra Mundial começaram a partir para a eternidade. Atualmente (outubro de 2020), restou um único membro, o presidente da SPK eng. Ignacy Felczak, que decidiu encerrar as atividades patrióticas. Ele informou sobre essa decisão o Conselho de SPK em Londres e as autoridades militares no Brasil.



*Associação dos Ex-Combatentes Poloneses
Conselho da Federação Mundial em Londres
Stowarzyszenie Polskich Kombatantów w Brazylii*

Carta Circular para Autoridades Cíveis / Militares e Ass. Dos Ex-Combatentes Brasileiros e Aliados no Brasil

Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2020.

Senhor Presidente,

Primeiramente meus cumprimentos a V. Excelências /
Senhores,

Por meio desta carta, gostaria de informar a Vossas Excelências / Senhores que encerramos no dia 15 de setembro de 2020, de forma definitiva, as atividades no Brasil da Associação dos Ex-Combatentes Poloneses (SPK), subordinada à Federação Mundial da SPK, sediada em Londres. Apenas os passos finais administrativos estão sendo providenciados.

Gostaria de expressar os nossos cordiais agradecimentos a Vossa Excelência / Senhoria pela colaboração com a nossa Associação, dedicada por décadas às homenagens aos Combatentes Aliados da Segunda Guerra Mundial. Infelizmente, devido ao falecimento de todos os Ex-Combatentes Poloneses sócios desta Associação no Brasil – excluindo o Presidente abaixo assinado – e de acordo com o Estatuto da SPK, torna-se necessário o encerramento das atividades da Associação no País.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Senhoria os meus protestos de estima e consideração,

Atenciosamente,

Tem Cel (St. Sp PL) Engº Ignacy Felczak
Presidente

* * *

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2020

Revmo. Reitor Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski

Primeiramente meus melhores cumprimentos para V. Reverendíssima.

Por meio desta cara, como último Presidente da Diretoria Nacional da SPK no Brasil, apresento os meus agradecimentos pelo inesquecível e enorme empenho de V. Revma., como nosso Capelão de Honra junto aos Ex-Reitores Padres Párocos Paweł Piotrowski e Benedykt Grzymkowski, e seguintes sacerdotes: Padre Zygmunt Szwajkiewicz, Padre Pároco Jan Sobieraj, Padre Pároco Jan Flig, Padre Provincial Kazimierz Długosz, todos representando a Missão Católica Polonesa no Brasil e a Sociedade de Cristo.

Não imagino a nossa atuação sem a participação da Igreja, e seu muito significativo apoio para manter a nossa atuação dentro dos mais altos padrões de harmonia, amizade e plena confiança nos contatos sociais com Entidades congêneres em memória daqueles que lutaram pela Pátria e pela liberdade mundial até o fim de suas vidas. Sinto-me muito honrado e feliz, pois nos trinta e três anos da minha atuação como Presidente encontrei sempre aqui, no Rio de Janeiro, na Igreja Polonesa e na Polonia Sociedade Beneficente, e em outras Associações Brasileiras e Aliadas, incomparáveis cordialidade e amizade, e por esta razão, transmito os meus sentimentos de eterna gratidão.

Cordialmente,

Engº Ignacy Felczak
Antigo Presidente

RESUMO – STRESZCZENIE

Po zakończeniu drugiej wojny światowej wielu żołnierzy polskich walczących na Zachodnie nie mogło powrócić do Polski. Wybierali życie na emigracji w wielu krajach, niż powrócić do Polski, gdzie czekało ich więzienie, tortury i prześladowanie ze strony reżimu komunistycznego. Dziesiątki tych bohaterów przybyło do Brazylii i zamieszkali w dużych miastach takich jak: Belo Horizonte, Goiania, Kurytyba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, gdzie zakładali koła Stowarzyszenia Polskich Kombatantów (SPK) podległe zarządowi głównemu w Londynie.

W Rio de Janeiro SPK organizowało każdego roku uroczyste obchody Dnia Żołnierza Polskiego, jak też jego przedstawiciele uczestniczyli w oficjalnych uroczystościach wojska brazylijskiego.

Ze względu na odejście z tego świata naszych bohaterów pozostał tylko jeden kombatant podpułkownik Ignacy Felczak, który zgodnie ze statutami dokonał zamknięcia koła SPK w Rio de Janeiro.

**TEN CEL IGNACY FELCZAK
- O ÚLTIMO VETERANO DA SPK
ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES NO BRASIL**

*Israel BLAJBERG**

Em março de 1960 um jovem engenheiro naval polonês chegou ao Brasil a bordo de um navio construído em um estaleiro de sua terra natal, para ser incorporado à frota da Companhia Costeira de Navegação. Meses depois chegou a sua esposa, a saudosa Dra. Alina Felczak, com a filha Beata, ainda criança. Dra. Alina por 23 anos presidiria a Sociedade Polonia Beneficente do Rio de Janeiro, e Ignacy se tornaria membro da SPK – Sociedade dos Veteranos Poloneses.

Havia dezenas de veteranos poloneses naquela época, e aquele jovem sonhador certamente nem imaginava que o futuro lhe reservaria a missão sagrada de se tornar o Presidente da SPK no Rio de Janeiro, e em 2020, ano da pandemia, o último dos bravos veteranos poloneses no Brasil, que lutaram contra uma ideologia equivocada sob o pavilhão da Águia Rubra em Campo Branco.

Ambos participaram do Levante de Varsóvia, tendo Ignacy integrado o Batalhão que combateu os nazistas na Floresta de Kampinos, na região de Varsóvia, e Dra. Alina escapado

* Engenheiro, professor e tradutor. Jornalista e conferencista sobre temática brasileira, polonesa, judaica.

milagrosamente quando os alemães fuzilaram a sangue frio um grupo de civis entre os quais ela se encontrava. Nos anos seguintes, com a Polônia sob o regime comunista, preferiram viver no Brasil, aproveitando a oportunidade surgida. Aqui Ignacy, engenheiro naval, trabalhou longos anos na área, ultimamente como perito.

Os Veteranos Poloneses lutaram em ferozes batalhas. Formaram nas tropas do 2º Corpo Polonês, comandadas pelo general Władysław Anders, em Monte Cassino, abrindo caminho para as forças aliadas em Roma, e nas fileiras da Armia Krajowa (AK) – exército de resistência polonês formado depois da invasão alemã em 1939, sob o comando do governo polonês no exílio em Londres. Pilotos da RAF, na Batalha da Inglaterra, voaram sobre os céus infestados de aeronaves nazistas. Integraram o Corpo Blindado, estiveram no Levante de Varsóvia em 1944. Resisitiram ao cerco de Tobruk e participaram na Tomada de El-Gazala. Defenderam a Polônia em setembro de 1939 contra a Alemanha, estiveram na França em 1940, na Palestina, Síria, Pérsia, Iraque, Norte da África e Itália. Desembarcaram na Normandia com a RAF e a Marinha Britânica.

Gloriosas e antigas são as caras tradições da Polônia, desprovida de defesas naturais, a lutar durante toda história pela liberdade ameaçada por vizinhos poderosos. Desde a vitória dos Hussardos Alados na Batalha de Viena contra os turcos, a vitória em Grunwald sobre os Cavaleiros Teutônicos, a expulsão dos suecos até os soldados camponeses de Kościuszko e as Legiões de Piłsudski, nas lutas contra a Rússia dos Czares, a Prússia, a Áustria, chegando afinal à Polónia Restituta e a vitória sobre o Nazismo e o Bolchevismo ateu.

Nação que resistiu sozinha a Hitler, enfrentando a *blitzkrieg* com apenas 44 divisões, sendo 10 da notável cavalaria ligeira e apenas 3 blindadas, meros 400 aviões, abandonada e enfrentando 84 divisões nazistas das quais 14 Panzer blindadas e mais de 4 mil aviões.

Poucos dias após a invasão, foi ainda atacada pela Rússia, tendo infligido perdas de 90 mil mortos, 150 mil feridos, 600 tanques e 500 aviões nazistas destruídos. Do mundo inteiro, inclusive do Brasil, voluntários poloneses alistaram-se nos exércitos aliados. Soldados brasileiros e poloneses lutaram na Itália, onde escreveram páginas gloriosas, seja na epopeia de Monte Cassino, abrindo o caminho para a Cidade Eterna Roma, seja na tomada do Monte Castello, destruindo a Linha Gótica.

Ao longo dos anos, a SPK cumpriu seu dever de memória, organizando a tocante cerimônia do Dia do Soldado Polonês no Monumento aos Pracinhas no Rio de Janeiro, com Aposição floral nos túmulos de 10 soldados polono-brasileiros mortos em combate, sepultados no Mausoléu e homenagem aos ex-combatentes poloneses, graças à dedicação e determinação de Ignacy Felczak e seus camaradas, bravos Veteranos Soldados da Polônia.

A cada ano, a SPK mandava rezar uma missa na Igreja Polonesa, pequena e aconchegante, na Rua Marques de Abrantes. Duas fileiras de marinheiros em uniforme branco formavam a guarda de honra para a entrada das bandeiras das associações dos ex-combatentes: veteranos brasileiros, poloneses, ingleses, belgas, franceses. O simbolismo da cerimônia era profundo, pois, assim como a Polônia em 1939, o Brasil foi vítima da agressão nazista em 1942, através do

infame torpedeamento de dezenas de navios mercantes, com perda de centenas de vidas.

Old Soldiers Never Die... a memória de lutas da nação polonesa permanecerá viva no mundo inteiro. Seja na Polônia ou no Brasil, ouvir-se-ão os acordes do belo Hino Nacional polonês neste dia de recordação. Pátria que trouxe ao mundo Fryderyk Chopin, Maria Skłodowska Curie, Mikołaj Kopernik, Adam Mickiewicz e Karol Wojtyła, país sofrido, de história repleta de lutas.

Ao ilustre Combatente Ignacy Felczak, no momento em que a SPK encerra suas atividades no Brasil, seus muitos amigos brasileiros e poloneses o saúdam agradecidos por estes 60 anos de dedicação ao país que escolheu adotar, junto com a saudosa Dra. Alina Felczak.

Boa Sorte e Vida Longa, com muita saúde!

Jeszcze Polska nie zginęła! – A Polónia ainda não pereceu!

RESUMO – STRESZCZENIE

Israel Blajberg, współpracujący z naszym periodykiem, w powyższym tekście poświęca swoją uwagę na działalność polskich weteranów drugiej wojny światowej, którzy osiedlili się w Rio de Janeiro i założyli koło Stowarzyszenia Polskich Komitantów, które bardzo aktywnie działało i organizowało uroczystości patriotyczne, jak również jego przedstawiciele uczestniczyli w różnych uroczystościach brazylijskich sił zbrojnych.

Przez długi okres prezesem SPK w Rio był Ignacy Felczak. Autor artykułu poświęca mu wiele miejsca w powyższym tekście. Niestety, ze względu na to, że prezes SPK pozostał sam, gdyż jego współtowarzysze broni odeszli na wieczną wartę, podjął decyzję – zgodnie ze statutami SPK – zamknięcia koła w Rio de Janeiro.

OS TRINTA ANOS DA ASSOCIAÇÃO “WSPÓLNOTA POLSKA”*

No dia 6 de outubro, na Casa da Comunidade Polônica Andrzej Stelmachowski em Varsóvia, realizou-se a solene abertura da exposição dedicada ao fundador da Associação “Wspólnota Polska”, por ocasião do trigésimo aniversário dessa instituição.

“Procuramos, nestas difíceis condições, ajudar à comunidade polônica e aos poloneses que vivem fora das fronteiras do seu país, mas propusemo-nos igualmente encontrar um tempo para a reflexão, para honrar esses trinta anos de esforços que têm sido empreendidos por muitos dos seus membros. Um desses membros foi o excepcional, o eminente estadista e ao mesmo tempo fundador da nossa Organização – o Prof. Andrzej Stelmachowski, presidente do senado da primeira gestão, uma figura incomum, uma figura que se inscreveu nas páginas da história polonesa, sobretudo pela sabedoria, pelo trabalho em prol da nova e renascida República da Polônia, mas também pelo trabalho em prol da união dos poloneses que vivem aqui na Pátria e aqueles que por diversas razões se encontraram fora das fronteiras do país. Por isso hoje queremos iniciar o diálogo sobre essas obras, sobre essas pessoas com a abertura de uma exposição dedicada a esse grande polonês”. “O Professor Andrzej Stelmachowski, uma pessoa excepcionalmente humilde, excepcionalmente sábia, é a história, mas é também o nosso incessante guia. Um guia que nos permite olhar para a

* [www.facebook/Stowarzyszenie “Wspólnota Polska”](https://www.facebook.com/Stowarzyszenie-Wspolnota-Polska) (acesso aos 07.10.2020)

comunidade polônica e os poloneses com profundo respeito e gratidão por serem poloneses [...], e sobretudo com gratidão porque eles vivem em algum lugar fora das nossas fronteiras, algumas vezes já em alguma sucessiva geração, mas não se esquecem da Polônia, não se esquecem da história, da cultura, da fé, da língua polonesa. Foi isso que nos ensinou o Professor Andrzej Stelmachowski, e é assim que nós procuramos proceder hoje, trabalhando em prol dos poloneses que vivem no exterior”.

“Com enorme alegria alegro-me e agradeço a todos que, apesar dos tempos difíceis, honraram com a sua presença a nossa modesta solenidade. Quero transmitir as saudações dos membros do Conselho de Ministros, da Senhora Ministro Marlena Małağ, do Senhor Ministro Jan Dziejczak”.

“Espero que esta exposição, uma bela exposição, mas também muito humilde [...], porque é simples quando há nela o que mostrar, agrade a todos aqueles a quem é próximo o mundo dos poloneses e da comunidade polônica que vivem fora das fronteiras do país” – disse o presidente da Associação “Wspólnota Polska” Dariusz Piotr Bonisławski.

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku Stowarzyszenie “Wspólnota Polska” obchodzi 30-rocznicę jego powstania. Jednym z założycieli tej organizacji poza rządowej był prof. Andrzej Stelmachowski, który przez wiele lat pełnił funkcję prezesa tego Stowarzyszenia, którego celem jest zbliżanie Polonii do Ojczyzny, jak też wieloletnie wspieranie społeczności polonijnej żyjącej w różnych krajach świata.

6 października br. w Domu Polonii im. prof. Andrzeja Stelmachowskiego w Warszawie obecny prezes Stowarzyszenia Dariusz Piotr Bonisławski otworzył wystawę specjalnie przygotowaną z tej okazji. Niestety ze względu na pandemię świętowanie 30-lecia odbywało się w skromniejszych warunkach.

PAPA FRANCISCO NOMEIA SACERDOTE FIDEI DONUM NO BRASIL COMO BISPO AUXILIAR NA ARQUIDIOCESE DE CRACÓVIA, NA POLÔNIA*

O Papa Francisco nomeou, na manhã desta quarta-feira, 11 de novembro, o padre Robert Józef Chrzęszcz como bispo auxiliar na arquidiocese de Cracóvia, na Polônia. Natural daquela diocese, ele foi incardinado na arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro (RJ) desde 14 de outubro de 2005, data em que chegou no Brasil como sacerdote Fidei Donum. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) enviou saudação ao monsenhor Robert. Confira abaixo a biografia e a íntegra da saudação.

Até então, o presbítero estava exercendo as funções de pároco na paróquia São Pedro do Mar, no bairro Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro (RJ), e de vigário episcopal, desde março de 2014, do Vicariato Jacarepaguá, da arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Também coordenava, desde 2013, a Comissão Arquidiocesana dos Coroinhas e Acólitos e desempenhou a função de assistente espiritual dos coroinhas e acólitos do mesmo vicariato desde 2007.

Trajetória e formação

Padre Robert nasceu, em 7 de outubro de 1969, em Wadowice, na Polônia, mesma cidade de nascimento de São João Paulo II. De 1985 a 1998, cursou o Liceu de Formação Geral, no

* www.cnbb.org.br (acesso aos 11.11.2020)

seminário menor eclesiástico da Ordem dos Frades Menores, em Kalwaria Zebrzydowska. Cursou o seminário maior da arquidiocese de Cracóvia, de 1988 a 1994, período no qual também desenvolveu e concluiu o seu mestrado em Teologia, pela Faculdade de Teologia, na Academia Pontifical de Teologia da Cracóvia.

Na Polônia, foi presbítero e catequista na paróquia do Espírito Santo, no bairro, Ruczaj, em Cracóvia, até agosto de 1999. Também exerceu as mesmas funções, até agosto de 2005, na paróquia Nossa Senhora do Rosário, no bairro Piaski Nowe.

Missão no Brasil

Padre Robert chegou ao Brasil em 14 de outubro de 2005 para atuar na arquidiocese de São Sebastião em Rio de Janeiro como sacerdote Fidei Donum cedido pela Igreja da Cracóvia. O termo “Fidei Donum”, criado pelo Papa Pio XII, designa um padre missionário que dioceses compartilham com outras Igrejas.

No Rio, ele atuou como administrador paroquial e pároco, de abril de 2006 a dezembro de 2019, na paróquia Santa Luzia, no bairro Gardênia Azul. Também exerceu a função de vigário forâneo da segunda forania do Vicariato Episcopal Jacarepaguá, de abril de 2009 a março de 2014.

Até então, o presbítero estava exercendo as funções de pároco na paróquia São Pedro do Mar, no bairro Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro (RJ), e de vigário episcopal, desde março de 2014, do Vicariato Jacarepaguá. Também coordenava, desde 2013, a Comissão Arquidiocesana dos Coroinhas e Acólitos e desempenhou a função de assistente espiritual dos coroinhas e acólitos do mesmo vicariato desde 2007.

SAUDAÇÃO DA CNBB

Brasília-DF, 11 de novembro de 2020

Prezado monsenhor Robert Józef Chrzaszcz, saúde e paz!

Recebemos com alegria a sua nomeação como bispo auxiliar na arquidiocese de Cracóvia, na Polônia. Felizes por acolhê-lo como um irmão no episcopado, agradecemos ao senhor e à Igreja de Cracóvia por sua presença missionária no Brasil, como padre Fidei Donum, desde outubro de 2005, especialmente pelos serviços prestados à arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Neste tempo no qual concluímos as celebrações do Mês Missionário 2020, lembramos da Carta Circular da Congregação para o Clero sobre “A identidade missionária do Presbítero na Igreja”: “Examinando sua relação com Cristo, o primeiro enviado do Pai, é preciso sublinhar o fato de que, conforme os textos do Novo Testamento, é o próprio Cristo que envia e constitui os ministros de sua Igreja, mediante o dom do Espírito Santo concedido na ordenação sacramental; eles não podem ser considerados simplesmente eleitos ou delegados da comunidade ou do povo sacerdotal. O envio vem de Cristo; os ministros da Igreja são instrumentos vivos de Cristo, único mediador”.

Receba as boas-vindas ao episcopado, nosso fraterno abraço e os nossos mais sinceros votos de um frutuoso ministério episcopal, que desejamos esteja guardado pelos cuidados de São João Paulo II, santo oriundo do mesmo país ao qual o senhor retorna agora como bispo.

Em Cristo,

Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Arcebispo de Belo Horizonte (MG)
Presidente da CNBB

Dom Jaime Spengler
Arcebispo de Porto Alegre (RS)
Primeiro Vice-Presidente da CNBB

Dom Mário Antônio da Silva
Bispo de Roraima (RR)
Segundo Vice-Presidente da CNBB

Dom Joel Portella Amado
Bispo auxiliar da arquidiocese de São Sebastião do Rio de
Janeiro (RJ)
Secretário-geral da CNBB

RESUMO – STRESZCZENIE

Posługa księży diecezjalnych z archidiecezji krakowskiej w archidiecezji Rio de Janeiro ma już swoją bogatą historię. Misjonarze Fidei Donum, będący darem Kościoła Krakowa, włożyli duży wysiłek w pracy duszpasterskiej w północnej części Rio de Janeiro. Poza pracą w parafiach, pełnią także różnorodne posługi w strukturach archidiecezji Rio de Janeiro.

4 grudnia ubiegłego roku papież Franciszek mianował ks. Zdzisława Błaszczyka (jednego z tych księży krakowskich) biskupem pomocniczym w archidiecezji riowskiej. Natomiast 11 listopada br. papież Franciszek mianował ks. Roberta Józefa Chrzęszcza (też misjonarza krakowskiego) biskupem pomocniczym archidiecezji krakowskiej.

Z pewnością te dwie biskupie nominacje są przejawem dostrzeżenia przez Kościół wielkiego oddania i pracy księży diecezjalnych z Krakowa w posłudze wiernym w Rio de Janeiro.

**=HERDEIROS DE UMA SAUDADE
E AMANTES DA LIBERDADE!**

*Sergio SECHINSKI**

No 11 de novembro, comemoramos a Independência da Polônia, conquistada em 1918, após um longo período de 123 anos, em que esteve dividida entre nações vizinhas. A Polônia não existia no mapa, por quase 4 gerações... nem se podia falar o polonês, e a bandeira era forçadamente escondida.

Por que nós, descendentes de poloneses, cidadãos brasileiros, aqui residentes, sentimos orgulho por esta data histórica?

Muitas são as razões. Mas, acima de tudo, está o valor patriótico, devolvido pelos nossos ancestrais, e a soberania da nação polonesa que permitiu o resgate, verdadeiramente, da autoestima de ser polonês. Essa liberdade conquistada incluiu nosso patrimônio herdado.

Aqui no Rio Grande do Sul, a etnia soma cerca de 600 mil descendentes, de várias gerações, de imigrantes poloneses que para cá começaram a vir por volta do ano de 1890.

Somos muitos os descendentes que tiveram seus avós chegando ao Brasil com outras nacionalidades, por força da circunstância de uma Polônia dominada. Mas, mesmo assim, com o peito inflado de saudade, nos educaram e transmitiram o mais profundo respeito e fidelidade à cultura materna polonesa. Os documentos preparados para a saída de nossos

* Cônsul honorário da República da Polónia no RS.

ancestrais da sua terra natal apenas cumpriram com os protocolos da época e situação – porque o amor às nossas origens e à história, de como tudo aconteceu, nos foi transferido, de geração em geração, para que não se perdesse a essência da nossa polonidade – e hoje, tantos anos depois, ainda sentimos e preservamos com alegria o nosso orgulho polônico.

Olhando hoje para a Polônia, livre e independente, podemos, sim, nos sentir felizes. Foquemos o centro da Europa e nele encontramos uma nova Polônia, que, como uma fênix, ressurgiu dos escombros de tantas batalhas e duas guerras, e que hoje se mostra, mesmo em meio aos rigores de tantas transformações, como um horizonte de prosperidade e de uma vibrante economia de mercado, um país de expressiva gente e riquezas no cenário mundial.

Sinto amor e emoção por poder dividir com todos os poloneses e nós, descendentes, temos uma chancela de povo envaidecido com sua história – lutamos e somos amantes da liberdade!

Que Nossa Senhora de Monte Claro – Częstochowska, Rainha e Padroeira da Polônia, mantenha Seu olhar penetrante e protetor... e mostre ao seu povo o bom caminho do futuro da Polônia.

O CONSULADO HONORÁRIO DA REPÚBLICA DA
POLÔNIA NO RS UNE-SE A TODOS OS POLONESES E
DESCENDENTES NESTA DATA FESTIVA!

Niech żyje Polska niepodległa!

Viva a Polônia independente!

RESUMO – STRESZCZENIE

Święto Niepodległości Polski jest dla Polaków okazją do wyrażania swojej wdzięczności za dar krwi tylu pokoleń w odzyskaniu wolności i suwerenności naszego kraju. Jest też powód do radości i dumy, że nasza Ojczyzna jest suwerenna i niepodległa.

Sergio Sechinski konsul honorowy RP w stanie Rio Grande do Sul w imieniu potomków polskich imigrantów osiadłych w tym stanie podkreśla w swoim tekście dumę Brazylijczyków mających świadomość polskiego pochodzenia. Szczególną cechą charakterystyczną tej grupy etnicznej w RS jest tęsknota oraz umiłowanie wolności.

VINTE ANOS DE TRABALHO REDACIONAL E EDITORIAL RELACIONADOS COM OS PERIÓDICOS *PROJEÇÕES* E *POLONICUS*

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr*

Com satisfação informo que a edição anterior do periódico *Polonicus – Revista de reflexão Brasil-Polônia* já foi a vigésima publicação desse específico periódico polônico. Se adicionarmos a isso os 20 números do periódico anteriormente editado *Projeções – Revista de estudos polono-brasileiros*, teremos no total 40 números publicados nos últimos vinte anos. O periódico *Polonicus* é publicado semestralmente. Do trabalho relacionado com a redação, a edição e a expedição postal ocupa-se há vinte anos o abaixo assinado, que de maneira especial há mais de quarenta anos se sente fascinado com a comunidade polônica do Brasil. Neste ponto vale a pena lembrar que em janeiro-março de 1972 apareceu o primeiro número da revista *Migrant Echo*. Esse periódico era publicado nos Estados Unidos em língua inglesa e polonesa e abordava a temática relacionada com a cultura, e etnicidade e a religião. A revista era editada pelo Pe. Andrzej Woźnicki SChr. A assinatura anual custava 4 dólares. A publicação circulou por cerca de dez anos.

Além disso, como curiosidade, informo que após a publicação dos primeiros números de *Projeções* o Consulado Geral dos Estados Unidos no Rio de Janeiro me pediu que eu

* Pesquisador independente da história da imigração polonesa no Brasil e redator do periódico *Polonucus*.

enviasse a eles cada edição do periódico, visto que a revista seria enviada à biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Expresso a minha sincera gratidão a todos aqueles que conosco cooperam na redação da revista. Se não fosse a concreta ajuda anterior do Senado da Polônia, e atualmente o apoio financeiro da Chancelaria do Presidente do Conselho de Ministros que recebemos por intermédio da Associação “Wspólnota Polska”, esta publicação com certeza não teria condições de circular e não chegaria às mãos dos nossos leitores. Daí também o nosso agradecimento ao governo polonês pelo apoio proporcionado à imprensa polônica no mundo.

O *Polonicus* é com certeza um periódico que se distingue dos outros títulos que encontramos na lista das variadas publicações polônicas no mundo. A revista tradicionalmente tem a sua versão em papel, mas é também acessível em forma eletrônica: www.polonicus.com.br

A publicação é enviada gratuitamente aos postos diplomáticos poloneses no Brasil, bem como a pesquisadores poloneses e brasileiros que se ocupam das migrações e a bibliotecas universitárias na Polônia e no Brasil. O periódico publica artigos de intelectuais poloneses, polônicos e brasileiros. Naturalmente, os autores não recebem quaisquer honorários.

A mencionada revista é publicada em língua portuguesa, mas o editorial, o sumário e o resumo após cada artigo são também fornecidos em língua polonesa. Cada edição tem em média 200 páginas, no formato A5. No total, ambos os mencionados periódicos apresentam cerca de 8 mil páginas impressas. O jubilar número 20 tem 245 páginas. Esse número jubilar se encontra também em versão eletrônica no nosso portal bilíngue (www.polonicus.com.br).

A presente edição já representa no n. 21 do nosso periódico, que já possui o seu lugar reservado nas estantes dos destinatários, tendo seus textos igualmente citados em publicações científicas relacionadas com a sua temática específica.

RESUMO – STRESZCZENIE

Wydanie poprzedniego numeru periodyku „Polonicus” było uwienczeniem dwudziestu lat pracy redakcyjno-wydawniczej autora tego tekstu. Przez pierwsze 10 lat redagował i wydawał czasopismo „Projecões – Revista de estudos polono-brasileiros” (Projekcje – czasopismo studiów polsko-brazylijskich). Wydawcami pisma były: prowincja Towarzystwa Chrystusowego w Ameryce Południowej, Centrum Studiów Latinoamerykańskich (CESLA) oraz Centralna Reprezentacja Wspólnoty Brazylijsko-Polskiej (BRASPOL). CESLA UW zaproponowało, aby poszerzyć zakres zainteresowań periodyku na cały kontynent latynomaerykański, co dla strony polonijnej w Brazylii wychodziło poza punkt zainteresowań, a mianowicie kwestie Polonii, kontakty polsko-brazylijskie. Tak więc na wydaniu numeru 20 zakończyliśmy współpracę.

Na miejsce „Projecões” brazylijska grupa polonijna i niektórzy intelektualiści z Polski zaproponowali, abyśmy kontynuowali naszą działalność publicystyczną. Stąd też zaczęliśmy od 2010 r. wydawać periodyk „Polonicus – Revista de reflexão Brasil-Polônia” (Polonicus – czasopismo refleksji Brazylia-Polska), którego wydawcą jest Polska Misja Katolicka w Brazylii, a redaktorem pozostał nadal ks. Zdzisław Malczewski SCh. Tak więc w sumie przez 20 lat pracy redakcyjno-wydawniczej w/w ukazało się 40 numerów, obejmujących około 800 stron w formacie A 5.

NOVO PORTAL DE *POLONICUS* NA INTERNET

Por ocasião de 20 anos de trabalho da redação e edição, a nossa revista *Polonicus* ganhou uma nova vitrine na internet. Convido para visitar este portal: www.polonicus.com.br

A mencionada vitrine é publicada em duas línguas: polonês e português. É suficiente clicar na bandeira em cima, do lado direito, e navegar. Desejo uma boa leitura, um proveitoso encontro com a história, com atualidades polônicas brasileiras selecionadas, mas também para conhecer um pouco sobre os contatos entre os nossos países-amigos.

RESUMO – STRESZCZENIE

Nasze czasopismo polonijne „Polonicus” z okazji 20-lecia pracy redakcyjno-wydawniczej otrzymało nową witrynę internetową! Zapraszam do zagłądnięcia: www.polonicus.com.br Wspomniany portal jest w dwu językach: polskim i portugalskim. Tylko wystarczy kliknąć u góry po prawej stronie na flagę, aby wybrać język.

Życzę miłego spotkania z historią i wybranymi aktualnościami Polonii brazylijskiej, jak też by coś się dowiedzieć o kontaktach między naszymi zaprzyjaźnionymi państwami.